

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

GABRIELA FERREIRA LUCIO

**ARTE E HISTÓRIA: AS ESCULTURAS DOS GUERRILHEIROS DA GRUTA
DE SÃO QUIRINO EM IRUPI-ES COMO DISPOSITIVO DE ANÁLISES PARA
A GUERRILHA DO CAPARAÓ**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VITÓRIA/ES

2020

GABRIELA FERREIRA LUCIO

**ARTE E HISTÓRIA: AS ESCULTURAS DOS GUERRILHEIROS DA GRUTA
DE SÃO QUIRINO EM IRUPI-ES COMO DISPOSITIVO DE ANÁLISES PARA
A GUERRILHA DO CAPARAÓ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, na Linha de Pesquisa — Nexos entre Arte, Espaço e Pensamento.

Orientador: Prof. Dr. Aparecido José Cirilo.

VITÓRIA/ES

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

L937a Lucio, Gabriela Ferreira, 1991-
Arte e História: : as esculturas dos guerrilheiros da Gruta de
São Quirino em Irupi-ES como dispositivo de análises para a
Guerrilha do Caparaó / Gabriela Ferreira Lucio. - 2020.
156 f. : il.

Orientador: Aparecido José Cirilo.
Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Arte - História. I. Cirilo, Aparecido José. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 7

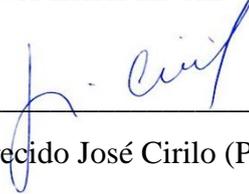
GABRIELA FERREIRA LUCIO

**ARTE E HISTÓRIA: AS ESCULTURAS DOS GUERRILHEIROS DA GRUTA
DE SÃO QUIRINO EMIRUPI-ES COMO DISPOSITIVO DE ANÁLISES PARA
A GUERRILHA DO CAPARAÓ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, na Linha de Pesquisa — Nexos entre Arte, Espaço e Pensamento.

Aprovada em: 24 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Aparecido José Cirilo (PPGA/UFES)

Orientador

Prof. Dr. David Ruiz Torres (PPGA/UFES)

Membro Interno



Prof. Dr. Arnaldo Pinto Junior (PPGE/DELART-Unicamp)

Membro Externo

**A minha mãe Regina Marta Ferreira, meu pai Hudson
Nascimento Lucio e a minha eterna Bibi.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar é preciso registrar a minha máxima gratidão por ser filha de Regina e Hudson, eles cada um a seu modo me mostraram o seu melhor, reforçaram para que isso fosse o suficiente, embora conhecê-los como indivíduos em suas falhas foi o que mais me fez crescer e me aproximar deles.

Também não posso desconhecer todas as referências oriundas da minha família, seja ela Ferreira ou Lucio. Por parte da família Ferreira vejo muitos exemplos de mulheres guerreiras e estudiosas que são inspiração. Por outro lado, a minha família Lucio é representada pelo patriarca Aurelino Lucio, meu avô, que sempre foi o responsável por me fazer sentir parte do desse grupo.

Com o mesmo afincio preciso afirmar que essa pesquisa foi possibilitada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio do incentivo à pesquisa, tornou-se fundamental para todas as demandas que aconteceram no processo desse trabalho acadêmico. Isso envolveu pesquisa de campo, recursos para a complementação de materias para estudo, além de contribuir para uma apresentação e publicação a nível internacional (VI Seminario Internacional sobre Arte Público en Latinoamérica, Lima/Peru) dessa dissertação.

Logo, essa pesquisa não poderia atingir as suas pretensões sem o apoio e orientação daqueles que possuem toda a potência de fornecer as melhores ferramentas e instruções sobre as possibilidades do se fazer. Por isso, agradeço ao meu orientador, Aparecido José Cirilo, que desde o primeiro contato no Laboratório de Pesquisa e Extensão em Artes foi a pessoa que me manteve conectada ao meio acadêmico, demonstrando confiança em meu trabalho.

Na sequência, surgiu em minha trajetória o David Ruiz Torres, que desde o início aceitou embarcar nessa viagem pela Arte Pública Capixaba e contribuiu significativamente com seus apontamentos e direcionamentos sobre a pesquisa, abrangendo mais horizontes de expectativas.

Por fim, Arnaldo Pinto Júnior, uma forte referência e exemplo de profissional e pessoa. Aquele que fornece leituras e reflexões que fazem a diferença, ao mesmo tempo se demonstra

sempre disponível para auxiliar na superação de obstáculos. Ao senhor, apenas tenho que agradecer por toda paciência, compreensão e motivação para posteriores concretizações.

É claro que até chegar a esta etapa acadêmica passei por muitas desventuras, entretanto, existem pessoas que sempre demonstram o poder de se fazer presente em nossa vida, isto é, me refiro àqueles que denomino de amigos: Teixeira, Marjore, Georgea e Pedro que se apresentaram em muitos momentos dessa caminhada, cada um a sua maneira, me ampliando as perspectivas de se viver. Meus sinceros agradecimentos.

Também não posso excluir o mérito pelo acontecimento dessa pesquisa exploratória, todo o carisma e confiança que recebi de Dona Lucy Castro, membro ícone da comunidade de Irupi, que me abriu as portas desse município. Por meio dela tive a oportunidade de conhecer Isalém Angelo V. Silva, Geovane Gonçalves, Sandra Emerick, e Cecília Fernandes Rodrigues.

Além disso, José Ribeiro Sobrinho, como o artista responsável pelas esculturas, bem como o senhor Valdécio José da Costa (hoteleiro), me proporcionaram pensar sobre muitas questões sobre a região do Caparaó. O senhor Francisco A. Lemos Faleiro (Toca da Truta), que forneceu importantes considerações e apontamentos sobre a necessidade de potencializar a região, sendo representado pelo município de Ibitirama-ES.

Ademais, preciso fazer um reconhecimento público para todos aqueles que estiveram envolvidos em meu processo de crescimento, sejam colegas de trabalho, de turma e, obviamente, os meus professores que ao longo da minha vida me propuseram acreditar no meu melhor.

Muito Obrigada!

A Arte torna a vida suportável.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

A Guerrilha do Caparaó foi um movimento de resistência à Ditadura Militar no Brasil, que ocorreu na divisa entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, entre os anos de 1966 e 1967. A particularidade desse movimento consistiu na composição majoritária do grupo por militares, como resultado do golpe de 1964. Assim, esta pesquisa possui um caráter exploratório, que investiga a partir das esculturas de guerrilheiros da Gruta de São Quirino, localizadas no município de Irupi-ES, a relação que é estabelecida entre as obras e a comunidade. Nesse sentido, as esculturas são compreendidas como um dispositivo que possibilita a interação entre Arte e História. Além disso, o objetivo consiste na análise dessas obras, sua instalação no espaço de natureza (mata), buscando reproduzir, a partir de testemunhos orais, as articulações e estratégias que circundam o contexto da guerrilha para os membros da região.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Pública, Esculturas, História, Guerrilha do Caparaó.

ABSTRACT

The Caparaó Guerrilla was a resistance movement against the Military Dictatorship in Brazil, which occurred in the division between the states of Espírito Santo and Minas Gerais, in 1966 and 1967. The particularity of movement consists in the majority composition of this group of military personnel, as a result of a 1964 coup. This research has an exploratory character, which investigates from sculptures of guerrillas of the Gruta de São Quirino, located in the municipality of Irupi- ES, a relationship that is between a work and a community. In this sense, how sculptures are understood as a device that allows the interaction between Art and History. In addition, the objective is the analysis of this work, its installation in the space of nature (forest), seeking to reproduce, based on oral testimonies, as articulations and strategies that involve the context of the guerrillas for the members of the region.

KEYWORDS: Caparaó Guerrilla, Public Art, History, Sculptures.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------|------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 | Localização da Gruta de São Quirino | 39 |
| Figura 2 | Entrada da Gruta de São Quirino | 40 |
| Figura 3 | Vista do interior da Gruta de São Quirino | 49 |
| Figura 4 | Segunda escultura de guerrilheiro da Gruta de São Quirino | 50 |
| Figura 5 | Escultura do Guerrilheiro, entrada da gruta de São Quirino | 53 |
| Figura 6 | Segundo guerrilheiro no interior da Gruta de São Quirino | 55 |
| Figura 7 | Pintura no interior de igreja em Ibatiba | 66 |
| Figura 8 | Pintura para comerciante local | 67 |
| Figura 9 | Grafite na Praça do Quilombo, em Iúna-ES | 67 |
| Figura 10 | Processo de criação da escultura da onça | 68 |
| Figura 11 | Monumento aos Tropeiros | 70 |
| Figura 12 | A região do Caparaó Capixaba | 73 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------|-----|
| Gráfico 1 | Taxa de Rendimento da EEEFM Bernardo Horta | 86 |
| Gráfico 2 | Média de idade da turma de 3º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta..... | 89 |
| Gráfico 3 | Média de idade da turma de 2º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta..... | 95 |
| Gráfico 4 | Média de idade da turma de 1º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta..... | 100 |
| Gráfico 5 | Questionário da turma de 9º ano/EF da EEEFM Bernardo Horta..... | 104 |
| Gráfico 6 | Distorção de idade-série da EMEIEF Prof Eny Leal Machado..... | 107 |
| Gráfico 7 | Rendimento Escolar da EMEIEF Prof Eny Leal Machado..... | 108 |
| Gráfico 8 | Média de idade da turma de 9º ano/EM da EMEIEF ProfEny Leal Machado..... | 111 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-----------|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1 | População da região do Caparaó Capixaba..... | 74 |
| Tabela 2 | População da região do Caparaó Capixaba..... | 74 |
| Tabela 3 | Eleição de 2018 (2º Turno) | 78 |
| Tabela 4 | Eleição de 2014 (2º Turno)..... | 79 |
| Tabela 5 | Eleição de 2010 (2º Turno)..... | 80 |
| Tabela 6 | Eleição de 2006 (2º Turno)..... | 80 |
| Tabela 7 | Eleição de 2002 (2º Turno)..... | 81 |
| Tabela 8 | Eleições de 1989, 1994 e 1998 | 83 |
| Tabela 9 | Questionário da turma de 3º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta..... | 87 |
| Tabela 10 | Questionário da turma de 2º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta..... | 92 |
| Tabela 11 | Questionário da turma de 1º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta..... | 97 |
| Tabela 12 | Questionário da turma de 9º ano/EF da EEEFM Bernardo Horta..... | 102 |
| Tabela 13 | Questionário da turma de 9º ano/EF da EMEIEF Prof Eny Leal Machado..... | 109 |

LISTA DE ABREVIACOES

| | |
|--------|--------------------------------------------------------------------------|
| AI | Atos Institucionais |
| ARENA | Aliança Renovadora Nacional |
| EEEFM | Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio |
| EF | Ensino Fundamental |
| EJA | Educação para Jovens e Adultos |
| EM | Ensino Médio |
| EMEIEF | Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental |
| EUA | Estados Unidos da América |
| IBAMA | Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICMBio | Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade |
| IFES | Instituto Federal do Espírito Santo |
| IPEA | Instituto de Planejamento Econômico e Social |
| LEENA | Laboratório de Pesquisa e Extensão em Artes |
| MDB | Movimento Democrático Brasileiro |
| ME | Ministério do Exército |
| MNR | Movimento Nacionalista Revolucionário |
| MPF | Ministério Público Federal |
| PDS | Partido Democrático Social |
| PDT | Partido Democrático Trabalhista |
| PIB | Produto Interno Bruto |

| | |
|------|---------------------------------------------|
| PMMG | Polícia Militar de Minas Gerais |
| PSD | Partido Social Democrático |
| PSDB | Partido da Social Democracia Brasileira |
| PSL | Partido Social Liberal |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| PTB | Partido Trabalhista Brasileiro |
| SNUC | Sistema Nacional de Unidades de Conservação |
| UDN | União Democrática Nacional |
| UE | Unidade de Ensino |

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 18 |
| 1. A GUERRILHA DO CAPARAÓ NA HISTÓRIA | 22 |
| 1.1 O prenúncio do golpe de 1964 | 22 |
| 1.1 A Ditadura Militar (1964-1985) | 29 |
| 1.2 Os guerrilheiros do Caparaó | 34 |
| 2. GUERRILHEIROS DE IRUPI: ARTE E HISTÓRIA DA REGIÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA..... | 39 |
| 2.1 Os guerrilheiros da Gruta de São Quirino..... | 39 |
| 2.2 O processo de criação das esculturas dos guerrilheiros..... | 52 |
| 2.3 O artista José Ribeiro Sobrinho: história, memória e arte..... | 57 |
| 3. AS REPRESENTAÇÕES DA REGIÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA..... | 72 |
| 3.1 A região do Caparaó..... | 72 |
| 3.2 Aspectos políticos: Sínteses de votações por municípios das eleições presidenciais (2º turno) de 2018, 2014, 2010, 2006 e 2002..... | 77 |
| 3.2.1 Eleição de 2018 (2º Turno)..... | 78 |
| 3.2.2 Eleição de 2014 (2º Turno)..... | 79 |
| 3.2.3 Eleição de 2010 (2º Turno)..... | 80 |
| 3.2.4 Eleição de 2006 (2º turno)..... | 80 |
| 3.2.5 Eleição de 2002 (2º Turno)..... | 81 |
| 3.2.6 Aspectos políticos: Sínteses de votação por município nas eleições presidenciais (2º turno) de 1989, 1994 e 1998..... | 82 |

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 3.3 Educação: as representações de estudantes de Irupi sobre Arte e História no contexto da Guerrilha do Caparaó..... | 83 |
| 3.3.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM): Bernardo Horta..... | 84 |
| 3.3.2 Questionário da EEEFM Bernardo Horta..... | 87 |
| 3.3.2.1 Turma de 3º ano do EM..... | 87 |
| 3.3.2.2 Turma de 2º ano do EM..... | 92 |
| 3.3.2.3 Turma de 1º ano do EM..... | 97 |
| 3.3.2.4 Turma de 9º ano do EF..... | 102 |
| 3.3.3 Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF): Prof Eny Leal Machado..... | 106 |
| 3.3.4 Questionário da EMEIEF ProfEny Leal Machado..... | 109 |
| 3.3.4.1 Turma de 9º ano do EF..... | 109 |
| 3.4 A memória e suas (re)configurações: relatos de moradores da região do Caparaó Capixaba..... | 112 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 120 |
| REFERÊNCIAS..... | 123 |
| ANEXO I – ENTREVISTA COM JOSÉ RIBEIRO SOBRINHO..... | 126 |
| ANEXO II - ENTREVISTA COM FRANCISCO A. BLEMOS FALEIRO..... | 137 |
| ANEXO III - ENTREVISTA COM MEMBROS DA COMUNIDADE DE IRUPI- ES..... | 142 |

INTRODUÇÃO

Ao refletir e escrever sobre as culturas e produções artísticas do cenário capixaba, de imediato, as mediações que ocorrem entre a comunidade e arte pública me instigaram a tentar identificar quais são os elementos responsáveis pela exaltação ou afastamento de uma obra no ambiente público.

Por meio da pesquisa do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Artes (Leena) da Universidade Federal do Espírito Santo iniciei os estudos sobre manifestações culturais e artísticas, assim coordenei a produção do livro *Araçatiba: Patrimônio e Cultura (2017)*¹. Nesse trabalho foi aprofundado os estudos dessas manifestações, produções e práticas artísticas em comunidades populares surgindo o interesse em ampliar esse conhecimento.

No decorrer da pesquisa no Leena, o tema da arte pública e suas relações de afeto e desafeto no Espírito Santo, em particular, uma manifestação inserida no espaço de natureza do interior do Estado se destacou pela possibilidade de estabelecer uma interdisciplinaridade entre os campos da Arte, Política e História, sendo esta minha graduação.

A partir daí, ocorreram algumas considerações iniciais: como essas obras se instauram nesses locais? Estabelecem algum tipo de relação sensível com a paisagem? Correspondem a algum conceito ligado a arte e natureza? Possuem algum caráter afetivo e político?

Para compreender esse contexto, houve a aproximação com o criador das esculturas dos guerrilheiros, José Ribeiro Sobrinho, que prontamente permitiu e contribuiu para que se efetivassem as investigações desta pesquisa. As esculturas se localizam na Gruta de São Quirino, no município de Irupi, entorno da região do Caparaó Capixaba e foram instaladas, a princípio, para a comemoração da festa do município, a intenção era estabelecer um circuito pelo centro da cidade.

A iniciativa foi da Prefeitura, em 2013, por meio da Secretaria de Cultura, sendo o responsável pela elaboração desse projeto o professor de Artes, Isalém Angelo V. Silva. Após o evento as esculturas se mantiveram na gruta, todavia sem algum engajamento a projetos específicos. Mesmo assim, elas são conhecidas pela comunidade, bem como a sua localização faz referência ao contexto da Guerrilha do Caparaó (1966-1967).

¹ CIRILLO, José. *Araçatiba: Patrimônio e Cultura: [entre] o passado e o presente; [introdução de José Antônio Carvalho]*. 1. Ed. Vitória: UFES, Proext, 2017.

A particularidade da região do Caparaó Capixaba descreve realidades vivenciadas por seus moradores ao longo dos anos. A presença de esculturas neste cenário é uma expressão artística visual que destaca o contexto pertencente aos atuais debates políticos vigentes no país. Diante do momento político em que o Brasil vivencia, sua conjuntura e questões que englobam a o tema Ditadura Civil-Militar tornam-se ferramentas indispensáveis para o entendimento de alguns desdobramentos do presente.

Por isso, entender as manifestações acerca do debate político, as relações existentes em espaços de disputas e a discussão sobre as esferas do público e privado no campo da arte pública perfazem as mediações propostas por esta pesquisa em identificar as aproximações e distanciamentos que o campo da Arte possa exercer no tocante as relações do passado, entendimento e construção do presente.

Este trabalho foi norteado por procedimentos metodológicos de caráter exploratório, que permite maior aproximação entre a pesquisa e o tema, segundo Gil (2008). São distinguidas, a priori, três fases de desenvolvimento desta pesquisa, sendo a primeira o levantamento e rastreamento de fontes bibliográficas promovendo a uma literatura do tema embasada em análises que perfazem os campos do saber da Arte, História e Política.

No segundo momento, foi realizada a pesquisa de campo para a coleta de dados, com visitas ao local onde as obras foram instaladas, além de entrevistas no modelo semiestruturado com o artista, José Ribeiro Sobrinho, com a população que vive ao entorno dessas obras, que de alguma forma estiveram ou estão relacionadas ao conflito político da época, além da realização de um questionário para estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental (EF) e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio (EM).

Desse modo, também foi analisada as representações elaboradas e ressignificadas para a população atual. O processo de entrevista e seleção dos depoimentos contribuiu para projeção de um imaginário acerca dos guerrilheiros e os significados de sua atuação no passado.

Por meio desta ação foi permitido o recolhimento de informações diretas dos agentes que presenciaram esse momento histórico, as relações estabelecidas pelas gerações seguintes. Analisar as estruturas das narrativas dos membros das comunidades se torna necessário para o possível entendimento da construção coletiva de sua história, permitindo que eles contem sua história, tornando-os protagonistas. Assim, durante esse processo foi criado um banco de

dados, pautados em imagens, gravações e demais informações que auxiliam na compreensão da pesquisa.

O terceiro momento se estruturou na análise efetiva dos documentos visuais captados: imagens da obra, documentos de processo, que são os elementos que fazem parte da elaboração do projeto ou produção antes de sua instalação, vídeos, entre outros, por meio dos quais se objetivou compreender as tendências e intencionalidades que permearam o processo de criação da obra, bem como os modos como estas estabelecem, ou podem estabelecer, aquilo que Linch (1997) chama de imaginabilidade, ou aquela capacidade que as imagens têm de gerar uma imagem mental forte que permite aos sujeitos identificá-la como pertencente, ou não, ao seu conjunto de afetos e a permanecer como monumento.

Para realizar esse estudo de caso, o arcabouço teórico abrange dois campos da Arte, sendo eles; a relação entre Arte e Política, que identifica a expressão artística a partir de elementos que atuam como um dispositivo importante para a exaltação, crítica ou reflexão das práticas/debates do presente (político). Outro campo estudado é o da Antropologia da Arte que, por sua vez, é entendido com um campo multidisciplinar que visa analisar artefatos estéticos e simbólicos com relação direta com a sociedade (comunidade).

No que tange o contexto da Guerrilha do Caparaó, uma pesquisa bibliográfica de caráter historiográfico permite elencar/analisar os fatos, bem como desenvolver a hermenêutica tanto para perspectiva epistemológica quanto para a ontológica. Todavia, por esta pesquisa consistir em um estudo de caso, as informações coletadas na região do Caparaó Capixaba são norteadas por procedimentos metodológicos da História Oral, que contempla parte da estrutura teórica.

Esta pesquisa foi dividida em três capítulos, que foram estruturados para que haja o enlaçamento dos campos do saber já identificados. Vale ressaltar que a construção desse texto é marcada por simultâneas análises que perfazem o campo da Arte e da História em toda sua constituição.

Dessa maneira, o primeiro capítulo denominado *A Guerrilha do Caparaó na História* tem a finalidade de contextualizar por meio de sínteses 3 (três) momentos determinantes para a compreensão desta pesquisa acerca da Ditadura Civil-Militar. Com isso, os autores em destaque são Nascimento (2016), Silveira (2009), Silva (2017), Fausto (1995), Nogueira (2014) e Toledo (2004) que apresentam interpretações distintas quanto à abordagem

historiográfica. Logo o intuito é fornecer aos leitores mais correntes argumentativas sobre o período supracitado.

Além disso, a narrativa dos guerrilheiros que fizeram parte desse movimento de resistência também foi inserida no decorrer dos capítulos.

O segundo capítulo nomeado de *Guerrilheiros de Irupi: arte e história da região do Caparaó Capixaba* apresenta análises sobre as esculturas dos guerrilheiros, utilizando os teóricos do campo da Arte como Deutsche (2008) e Mouffe (2007) que contemplam questões relacionadas à ocupação e relações antagônicas no espaço público.

Outros autores como De Duve (2003) e Rancière (2012) que contribuem na perspectiva da significação para o espectador. Ainda no que se refere à teoria da Arte, Read (1972) e Riegl (1987) permitem considerações acerca da utilização da arte (enquanto monumento) como um dispositivo capaz abarcar os processos de afetividade ou desafetividade de uma produção.

Por fim, o terceiro capítulo nomeado *As representações da região do Caparaó Capixaba* reúne análises políticas, no que se refere às eleições e posicionamento da comunidade da região (11 municípios), assim como a compreensão das questões sócioeducacionais do município de Irupi-ES sobre a história local, a estética dos guerrilheiros e o entendimento sobre o período militar. Esses dados se constituem como elementos que fornecem sustentação argumentativa para relacionar a obra com os membros da região.

Acredita-se que esta pesquisa possa contribuir nos estudos que circundam eixos da Arte, Política, História e Memória não somente do período militar brasileiro (1964-1985), mas como dos acontecimentos da conjuntura atual. Assim, esse estudo se configura como uma possibilidade de análise sobre discursos e representações de ideologias, construídos e reconstruídos em nosso país. Para além dessas premissas, espera-se que a pesquisa seja instrumento de reforço da valorização da cultura e das produções artísticas capixabas, ampliando o conhecimento sobre as intervenções que ocorrem em nosso território.

1. A GUERRILHA DO CAPARAÓ NA HISTÓRIA

1.1 O prenúncio do golpe de 1964

A Guerrilha do Caparaó para a historiografia é definida como primeiro movimento organizadopositor da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985). Para esta pesquisa o movimento não se limita a questões políticas daquela conjuntura, pelo contrário, ele transcende os sentidos que perfazem as concepções sociais, culturas, econômicas, estéticas e demais elementos que possibilitam o entendimento dos diversos segmentos da sociedade.

A propaganda política no contexto da ditadura também acontecia pelo viés da educação brasileira. O objetivo era de garantir a formação patriota dos cidadãos, a fim de estabelecer seus valores, numa perspectiva pedagógica tecnicista de produzir mão de obra para o mercado de trabalho. Principalmente a partir da década de 1970², percebeu-se que os governos militares buscaram fragmentar o ensino de História através da implementação de uma disciplina que uniu História e Geografia, no denominado primeiro grau, resultando na disciplina Estudos Sociais.

Segundo Nascimento (2016), o processo de esquecimento ou valorização por mecanismo institucional responde a autoridade do grupo estabelecido no poder, o que reforça a pouca investigação e produções sobre a Guerrilha do Caparaó no cenário nacional, sendo esta o primeiro movimento e tentativa armada de oposição ao governo.

Mesmo com o passar do tempo a História juntamente com outras disciplinas ainda estavam sob tutela no que se refere ao seu conhecimento.

A partir da década de 1990 assistiu-se a um debate educacional, mormente sobre os currículos escolares que gerou diversas posições, principalmente na disciplina História. Diante da situação educacional no país, o Governo anunciou mudanças no Ensino Médio que acirraram os ânimos dos professores da educação básica e de pesquisadores, como por exemplo, a Medida Provisória nº 746/2016 que instituiu escolas do Ensino Médio em tempo integral e as polêmicas sobre as disciplinas Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia ao tentar facultar essas disciplinas o que gerou reação dos profissionais e educadores. (NASCIMENTO, 2016, p.30)

² Governo criou a Lei nº 5.692 de 1971 que, dentre outras mudanças, incorpora as disciplinas História e Geografia à disciplina Estudos Sociais.

Assim, é possível afirmar a importância desse conhecimento (História) para a instrução da população, bem como a disciplina se configura como um espaço de poder disputado por dirigentes do país como elemento fundamental para ser “tutelado.”

Para Silveira (2009), que aborda Marc Bloch sobre o valor do significado como elemento indispensável para a exaltação ou esquecimento de um contexto, ela afirma:

São as temáticas tornadas relevantes no presente que condicionam e limitam o retorno ao passado. O passado, por si, só com as suas representações, os seus mitos, se não o investirmos de significado. É nesse processo de resignificação do passado que alguns aspectos, até considerados pouco aparentes, podem se tornar reveladores do que motiva as atitudes individuais e coletivas. E, em muitos momentos, esses aspectos podem ficar na sombra. (SILVEIRA, 2009, p.24)

Nota-se que após o período ditatorial do país foram timidamente ressurgidas algumas questões e produções, muitas associadas ao estudo da memória. Terreno este que é sensível frente às disputas, configurações e reconfigurações das representações.

Para compreender a Guerrilha do Caparaó, primeiramente é preciso regressar um pouco na história no intuito de contextualizar o que acontecia e quais eram as estruturas que compunham o período antecessor ao primeiro movimento opositor. Dessa forma, tendo como marco o fim da segunda Guerra Mundial, que foi responsável por intensas reconfigurações políticas, geográficas, econômicas, além de uma fragmentação das estruturas sociais, fato este indispensável para a análise das manifestações e expressões artísticas para as décadas posteriores.

Essa mudança promovida a nível internacional também incidiu sobre o Brasil, que na época do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) que adotava uma política liberal, atendendo os preceitos do capitalismo com o Plano de Metas, que em síntese, consistia em trinta e uma medidas para o desenvolvimento nacional. Teve como slogan de governo o lema “50 anos de progresso em 5 anos de realizações”.

O Plano de Metas mencionava cinco setores básicos da economia, abrangendo várias metas cada um, para os quais os investimentos públicos e privados deveriam ser canalizados. Os setores que mais recursos receberam foram energia, transportes e indústrias de base, num total de 93% dos recursos alocados. Esse percentual demonstra por si só que os outros dois setores incluídos no plano, alimentação e educação, não mereceram o mesmo tratamento dos primeiros. A construção de Brasília não integrava nenhum dos cinco setores. (SILVA, 2017, p.1)

Apesar do maciço investimento nos setores de energia, transporte e indústrias de base, além de considerar a transferência da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília, que se constituiu como o trigésimo primeiro plano estando á margem dos setores supracitados, é possível afirmar que as diretrizes prioritárias para o país daquele período não contemplavam a alimentação (agricultura) e a educação, ressaltando que 93% dos recursos do governo se destinavam ao projeto desenvolvimentista.

Com isso, mesmo modernizando algumas características do Brasil por meio do capital estrangeiro dos Estados Unidos da América (EUA), o governo também proporcionou uma considerada inflação e foi nesse contexto que ascende a figura de Jânio Quadros, com curto mandato presidencial (31 de janeiro de 1961 a 25 de agosto de 1961).

Nesse ensejo, Jânio Quadros a fim de controlar a inflação implementou ações denominadas austeridades³, que foram entendidas como medidas impopulares. Além disso, em sua concepção de moralizar a sociedade, ele foi responsável por outras medidas de proibição como; uso do biquíni, lança-perfume no carnaval, rinhas de galo de briga, corrida de cavalo em dias úteis, bem como a obrigatoriedade do uso de uniforme para o funcionalismo público.

Essas e outras medidas foram consideradas impopulares e, logo o presidente conhecido em sua campanha eleitoral com a pessoa que “varreria a corrupção” foi ganhando mais opositores e incluindo seu próprio partido, a União Democrática Nacional (UDN), resultando na perda de apoio junto ao congresso.

Destaca-se o fato de Jânio Quadros ter como vice o João Goulart, pois o código eleitoral brasileiro à época definia voto separado para presidente e vice. João Goulart era membro da chapa de Henrique Teixeira Lott que pertencia a uma coligação governista do Partido Social Democrático (PSD) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ele também foi um dos candidatos que concorreu à eleição de 1960.

Com a vitória da Revolução Cubana, em 1959, contra a ditadura de Fulgêncio Batista, a ameaça comunista se estabelece no discurso internacional de disputa sobre o poder hegemônico. Associado a isso, a instabilidade política do governo de Jânio Quadros chega ao seu ápice quando o presidente determina a política externa independente e aproxima as

³ Desvalorização da moeda nacional em 100% e corte dos subsídios do trigo e do petróleo, gerando aumento no preço do pão e combustível. (FAUSTO, 1995, p.440)

relações diplomáticas com a antiga União Soviética, o que foi visto como uma aliança à esquerda, contrariando os interesses em prol do capitalismo defendido pela UDN.

Jânio estivera em Cuba em março de 1960, expressando de forma cifrada uma vaga simpatia pelo regime de Fidel Castro. Como presidente, provocou a fúria dos conservadores ao condecorar o companheiro de Fidel, Che Guevara, com a Ordem do Cruzeiro do Sul. Não havia nesse gesto qualquer intenção de demonstrar apoio ao comunismo. Ele simbolizava para o grande público a política externa independente que Jânio começara a pôr em prática. Essa política, colocada nas mãos insuspeitas do ministro do Exterior, Afonso Arinos de Melo Franco, consistia na busca de uma terceira via para o Brasil entre os dois grandes blocos, capitalista e comunista, em confronto. (FAUSTO, 1995, p. 439)

Ainda sobre a instabilidade política, no que se a “ameça comunista” ser questionada pela esquerda quanto à documentação, provas e efetivo recurso para se instaurar “Gorender, ao contrário de muitos autores considerados de esquerda, que preferem indicar a inexistência de uma situação de risco que antecederesse ao golpe civil/militar de 1964” (NOGUEIRA, 2014, p.39), ou seja, para Gorender existia uma pré-disposição da esquerda radical tomar o poder por meio de uma revolução no contexto que antecede o golpe de 1964.

Jânio Quadros ao estabelecer relações comerciais com Cuba e, condecorar Che Guevara no dia 19 de agosto de 1961, a já abalada popularidade do presidente decresce consideravelmente e nos dias subsequentes é apresentada a sua renúncia. Esse acontecimento provoca uma crise política intensa que não se restringia aos gabinetes, uma vez, que os militares se recusaram a aceitar a posse do vice, João Goulart.

Para muitos historiadores essa passagem política permite interpretações para um possível autogolpe, entretanto, não se pode desconsiderar a impopularidade do presidente como elemento inquestionável.

A sucessão presidencial pelo viés legalista recaía sobre João Goulart (também conhecido como Jango), todavia a sua posse apenas se efetivou em 7 de setembro de 1961, após um acordo que permitiu a posse de Jango sob um regime parlamentarista.

A constituição não deixava dúvidas quanto à sucessão de Jânio; deveria assumir o vice-presidente João Goulart. Entretanto, a posse ficou em suspenso, diante da iniciativa de setores militares que viam nele a encarnação da República sindicalista e a brecha por onde os comunistas chegariam ao poder. Por um acaso carregado de simbolismo, Jango se encontrava ausente do país, em sua visita à China comunista. (FAUSTO, 1995, p.442)

Na tentativa dos militares (general Odílio Denys, da Guerra; brigadeiro Grün Moss, da Aeronáutica, e o almirante Sílvio Heck, da Marinha)⁴ de impedir que Jango assumisse a presidência eles vetaram a sua volta da China para o Brasil, alegando motivo de segurança nacional, assim entre a renúncia de Jânio e a posse de Jango, foi empossado interinamente o presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, do PSD, que governou o país durante treze dias.

Entretanto, o comandante do III exército, Machado Lopes, iniciou no Rio Grande do Sul um movimento de apoio à posse de Goulart que ficou conhecido como batalha da legalidade. Nesse cenário emerge a figura de Leonel Brizola, que era governador do estado do Rio Grande do Sul e também cunhado de Goulart. Brizola contribuiu e promoveu grandes manifestações populares em Porto Alegre. Leonel Brizola tem destaque para a pesquisa, pois é relacionado diretamente como o financiador da Guerrilha do Caparaó que ocorreria dois anos após o golpe civil/militar de 1964.

João Goulart (1961-1964) para assumir teve restrições, pois o congresso de sistema presidencialista tornou-se parlamentarista. O sistema presidencialista foi retomado em janeiro de 1963, mediante um plebiscito. No período parlamentarista do governo de Goulart sua postura foi moderada, ele tentava equilibrar as demandas dos grupos liberais conservadores e da esquerda que buscava a concretização de reformas sociais.

Na prática, conforme Toledo (2004) esse governo até o presente é objeto de polarizações e paradoxos. Para liberais e conservadores são atribuídos valores negativos como “badernapolítica”, “crise de autoridade”, “caos administrativo”, “subversão” da lei da ordem e avanço das “forças de esquerda ecomunizantes”. Em contrapartida, para os setores da esquerda “vários foram os juízos aplicados: governode “traição nacional”, de orientação social-democrata ou democrático popular; governo populista de esquerda ou nacional-reformista” (TOLEDO, 2004, p. 14).

João Goulart, no início da década de 1960, foi ao congresso americano (EUA) para a obtenção de recursos para ajudar o nordeste brasileiro e fomentar seu desenvolvimento.

No início dos anos 60 a Sudene, recém-criada, concentrou esforços e recursos federais na realização de estudos e pesquisas sobre a dotação de recursos naturais do nordeste (em particular de recursos minerais) e na ampliação da oferta de infraestrutura econômica (sobretudo transportes e energia elétrica). Tais investimentos tiveram importante papel para o posterior dinamismo dos investimentos nas atividades privadas, tanto no setor industrial quanto no terciário. (ARAÚJO, 1997, p. 8-9)

⁴ FAUSTO, 1995, p.443.

Esses investimentos e articulações para a economia da região nordestina tiveram impactos significativos no Produto Interno Bruto (PIB) do país entre as décadas de 1960 a 1988. Todavia, de acordo com Araújo (1997) até a década de 1990 o nordeste poderia ser classificado como a região que possuía uma população rural predominante, tendo em vista que no nordeste residiam 23,5% da população urbana do Brasil e 46% de sua população rural.

Pelos dados do Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPEA) (1993) na região Nordeste viviam 29% da população do país. No texto de Araújo (1997) foi apresentado por meio do levantamento do IPEA (1993) que, em 1990, dos 32 milhões de brasileiros indigentes, 17,3 milhões estavam no Nordeste (55% do total nacional) e mais de 10 milhões residiam na zona rural da região.

Assim, com 46% da população rural brasileira, o nordeste tinha 63% dos indigentes brasileiros que viviam nas áreas rurais. Dos indigentes urbanos do país, quase 46% estavam no nordeste (ARAÚJO, 1997, p. 8).

A relevância dessa informação demonstra que mesmo com o fim da ditadura, a pobreza na região ainda era expressiva. Logicamente, ao retroceder 30 anos a situação já preocupava, deixando em alerta os dirigentes políticos, bem como a sociedade, em destaque para as produções artísticas que teciam críticas sobre a situação desumana sofrida por muitos nordestinos.

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por produções e questionamentos sobre a conjuntura do país e, também contou com a influência estrangeira. O movimento de valorização da “cultura brasileira” e a busca por elementos autônomos que estabelecessem as diferenças e possibilidades do “ser brasileiro”.

O governo de Goulart foi marcado por uma expressiva participação de diversos segmentos da sociedade como a Liga Camponesa, que desde a década de 1950 se organizava sob a liderança de Francisco Julião em busca do fortalecimento da população rural, criando bases com propostas para o governo em relação aos direitos trabalhistas.

Outra categoria composta por estudantes e intelectuais que contribuiu e potencializou o debate para as transformações sociais, bem como a classe operária e agentes públicos. A Igreja

Católica, por sua vez, reconheceu as demandas da sociedade e também desenvolveu ações que visavam à reforma social.

Essas atuações e intervenções diretas na sociedade passaram a incomodar grupos conservadores, que atribuíam valores de caráter comunista a esse momento de efervescência política. Assim, “as classes dominantes e suas elites ideológicas e repressivas, no pré-64, apenas enxergavam baderna, anarquia, subversão e comunização do país diante de legítimas iniciativas dos operários, camponeses, estudantes, soldados e praças etc.” (TOLEDO, 2004, p.15).

Entretanto, as reformas de bases que ocorreram possuíam características populistas com ideologia nacionalista. Os ânimos estavam exaltados e claramente eclode a polarização e radicalização dos discursos entre conservadores e a esquerda, incluindo os setores progressistas.

De acordo com Guimarães (2006) o grupo conservador composto por empresários, integrantes das elites tradicionais, setores da classe média, membros do clero, grupos ligados a interesses econômicos externos, políticos, jornalistas, oficiais das Forças Armadas e demais opositores à Goulart intensificaram a propaganda sobre a ameaça comunista eminente, promovendo uma instabilidade política.

Os defensores de Goulart e da efetivação das reformas de base também cobravam o posicionamento do presidente, que ao final de seu governo se dirigiu às massas (setores populares). É importante ressaltar que até mesmo dentro do militarismo houve discordâncias quanto à reforma de base.

O envolvimento de militares graduados nas mobilizações em defesa das reformas, principalmente dos sargentos, ampliava o desconforto dos oficiais em relação ao governo, já que entendiam o ato como uma afronta à disciplina e à hierarquia militar. (GUIMARÃES, 2006, p.25)

Esses sargentos se tornaram peças-chaves no que tange a constituição dos membros (guerrilheiros) da Guerrilha do Caparaó. No documentário *Caparaó* (2007), de Flávio Frederico, a abertura já introduz na primeira fala o Araken Vaz Galvão (Ex Sargento do Exército), conhecido com o codinome Alencar (Sub comandante do grupo guerrilheiro).

Os sargentos eram jovens e, não podiam ficar imune a efervescência da geração a que pertenciam. Nós éramos todos de classe média baixa, eram sargentos suburbanos, morava no subúrbio etc. E Caparaó foi a extensão mais longa desse

movimento, daquele movimento político, que na época a imprensa chamou de Movimento dos Sargentos. (Araken Vaz Galvão/Alencar. Caparaó. 01'20'' até 01'55'')

Nesse documentário na parte intitulada “Os Sargentos” são apresentados os guerrilheiros que participaram desse movimento, como também o papel que eles tiveram nesse momento. Outro guerrilheiro chamado Amadeu Felipe da Luz Ferreira (Ex Sargento do Exército), codinome Alexandre (Comandante do grupo guerrilheiro) descreve sobre a atuação dos sargentos e a relação conflituosa com os generais.

As primeiras vítimas do golpe realmente são os sargentos. Os sargentos são os inimigos dos generais, era assim que eles nos enxergavam. E isso já era em cima de acontecimentos anteriores de 1955 que deram apoio lote por lote, resisti a ao golpe que queria negar a posse de Juscelino. Em 1961 os sargentos que garantiram, na verdade, na constitucionalidade de garantir a posse do Jango. (Amadeu Felipe da Luz Ferreira/Alexandre. Caparaó. 01'56'' até 03'00'')

As narrativas dos guerrilheiros estabelecem a análise de fonte primária, ou seja, validam as representações dos guerrilheiros enquanto o grupo responsável pela guerrilha. Suas impressões e posicionamentos contrastam com o imaginário sobre os guerrilheiros sob a perspectiva das comunidades rurais da época que tiveram contato. Para a pesquisa, eles também servem como fonte oral acerca do contexto histórico do período, como pode ser percebido no depoimento de Amadeu Felipe da Luz Ferreira/Alexandre.

O general Olímpio Mourão Filho, no dia 31 de março de 1964, articulado com os opositores de Goulart o derrubam do poder. Assim, com o golpe instaurado no dia seguinte, o presidente encontra no Uruguai o seu exílio. No Uruguai, foram fundados os primeiros alicerces para Guerrilha do Caparaó.

1.2 A Ditadura Civil-Militar (1964-1985)

O Brasil no dia primeiro de abril de 1964, mediante um golpe, tornou-se uma ditadura civil-militar, que suspendeu por 21 anos o regime democrático em sua estrutura sócio-política. A questão da democracia é assunto abordado por intelectuais e se faz presente na atual conjuntura política.

Para teses revisionistas, tanto para a esquerda quando para a direita o estabelecimento de seus modelos de administração do governo se configurava como o principal foco de suas atuações, isto é, a manutenção da democracia em si não era o objeto de interesse pela esquerda, que ansiava pela efetivação das reformas de bases e a reestruturação econômica e social, mesmo que se fosse necessário romper com a legalidade. Ao passo que para a direita essa democracia também poderia ser suprimida em detrimento das garantias de seus privilégios e interesses liberais.

Em suma, no atual debate político, não são apenas os ideólogos civis e militares de direita que responsabilizam as esquerdas e o ex-presidente João Goulart pela crise política que culminou no golpe; hoje, acadêmicos, ensaístas e intelectuais do campo democrático também colocam as esquerdas e o governo Goulart no banco dos réus. Para eles, a derrocada da democracia política em 1964 não deve ser apenas creditada aos setores da direita brasileira e agentes internacionais. (TOLEDO, 2014, p. 31)

Contudo, segundo Toledo (2014) até o presente não foram apresentadas evidências de uma possibilidade de plano comunista para o Brasil no governo de Goulart, como era reproduzido pela oposição. Toledo (2014) afirma que nenhum documento apreendido pelos aparelhos da inteligência repressiva comprovou supostos planos “golpistas”⁵ de João Goulart.

Nem mesmo os serviços de segurança estadunidenses (*CIA*, Departamento de Estado, Embaixada dos EUA no Brasil etc.), que colaboravam amplamente com os militares brasileiros, apresentaram quaisquer indícios do propalado “golpismo” do governo (TOLEDO, 2014, p.32).

Para esse autor, até mesmo para os discursos “inflamados” de Leonel Brizola não se configuram como uma evidência, pois não possuía real poder frente a ala conservadora. Toledo (2014) exemplifica com o “Grupo dos Onze”⁶ como um dos argumentos no que se refere a estrutura não condizente para consolidação de um golpe. Vale destacar que, para esse autor, embora existam intelectuais progressistas defensores da democracia, estes não podem ser comparados àqueles denominados “cães de guarda” da direita brasileira.

⁵ Termo utilizado para aqueles que destituem a democracia.

⁶ Seria preciso, contudo, lembrar que os Grupos dos Onze – como revelaram os fatos – tinham uma frágil estrutura organizacional, estavam reduzidos ao Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e eram destituídos de qualquer poder de fogo. Movimento político ainda na gestação e polêmico dentro das esquerdas, os “Grupos dos Onze”, a rigor, não tinha sido concebido para ter uma orientação militar, mas, sim, para resistir ao golpe da direita. A ideia era a de reviver agosto de 1961 quando a liderança de Brizola foi decisiva ao barrar o golpe da junta militar contra a posse de Goulart. (TOLEDO, 2014, p.33).

Como evidência da incorporação das teses revisionistas no atual debate político sobre o pré-1964, podem também ser mencionadas as opiniões de intelectuais, jornalistas e políticos do campo democrático: Francisco Weffort, José Arthur Giannotti, Leôncio Martins Rodrigues, Boris Fausto, Elio Gaspari e outros. (TOLEDO, 2014, p.30)

Os intelectuais progressistas defensores da liberdade para Toledo (2014) comungam de uma perspectiva relacional de democracia política e democracia liberal, ou seja, a democracia política na ordem capitalista não deve ultrapassar os limites e marcos da democracia liberal (TOLEDO, 2014, p.36). Desse modo, acreditavam e acreditam que é preciso que sejam realizadas mudanças e mobilizações para atenuar as diferenças, desde que aconteçam de maneira “regrada” (não-radicais).

Em seu texto Toledo (2014) insere uma nota de rodapé na palavra outros (última palavra da citação) para diferenciar os intelectuais mencionados que são autores do campo progressista e da democracia e não confundi-los com o que ele considera “cães de guarda”, assim ele afirma: pois não falamos aqui de autênticos “cães de guarda” da direita brasileira como os civis Luiz Pondé, Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Denis Rosenfield, vários jornalistas da revista semanal *Veja* e de outras publicações liberais-conservadoras (TOLEDO, 2014, p.30).

Com o regime ditatorial apoiado pela direita civil vieram as primeiras transformações, expressadas por meio dos Atos Institucionais (AI), sendo uma das medidas o afastamento de opositores que atuaram ativamente pela posse de Goulart em 1961.

Estima-se que cerca de 1.400 pessoas foram afastadas da burocracia civil e 1.200 pessoas das forças armadas (FAUSTO, 1995, p. 467). Dentre os membros das forças armadas encontram os sargentos, como já mencionados. No documentário *Caparaó* (2007) é afirmado que no governo de Castelo Branco são expurgados 738 sargentos, sub-oficiais e cabos das forças armadas, sendo 347 deles condenados a prisão, também ocorreu a prisão de 328 marinheiros.

De forma geral, o AI-1, sancionado em 9 de abril de 1964 e com prazo de vigência estipulado até 31 de janeiro de 1966, representou o cercamento por parte dos militares de qualquer ameaça que pudesse desestruturar seus projetos, assim, universidade e estudantes, movimentos sindicais, as Ligas Camponesas, e o funcionalismo público se tornaram alvos para o controle e manutenção do regime.

Com o exílio de Goulart e do ex-governador Brizola, as organizações que resistiam à ditadura mantiveram contato com seus líderes, em destaque para Brizola que pretendia promover

levantes populares e contava com o apoio dos sargentos que foram expulsos. Nesse grupo, em 1965, coordenado por Amadeu Felipe da Luz Ferreira, Jelcy Rodrigues Corrêa⁷ e Araken Vaz Galvão iniciava então o movimento que posteriormente seria conhecido como a Guerrilha do Caparaó.

Alguns dos guerrilheiros relatam que devido às expulsões e, conseqüentemente, ao impedimento para que conseguissem trabalho, conforme a perseguição, tornou-se imprescindível o auxílio para aqueles que necessitavam sustentar suas famílias aliado a insatisfação com o rumo que o país tomava.

Eu, por exemplo, naquela época já tinha família. Já tinha dois filhos do primeiro casamento. E de uma hora pra outra eu me vi, não só sem emprego, como também impossibilitado de trabalhar e na clandestinidade. Sendo perseguido ainda. E também com aquela indignação de sabermos que nosso país estava sendo dominado, estava sendo submetido ao poderio econômico de outra nação. (Jorge José da Silva/Januário⁸. Caparaó. 05'14'' aos 05'48'')

Eles tiveram a inteligência de proibir a gente de trabalhar, ninguém podia dar emprego pra gente. Quer dizer, é o tipo da burrice. Treinam o homem como militar, depois coloca ele contra a parede. Não pode sustentar a família o cara se rebela, até o rato se rebelar. (Araken Vaz Galvão /Alencar. Caparaó. 05'49'' aos 06'04'')

A ajuda de Cuba era essencial para a efetivação dos planos de Brizola, basicamente, essa ajuda se divide em duas formas; treinamento guerrilheiro e envio de dinheiro. O depoimento de Arken/Alencar expressa exatamente a situação de muitos perseguidos naquele período e como passaram a se organizar. De acordo com Guimarães (2006) são poucas as informações quanto ao manuseio dos recursos, contudo são citados nomes que detinham o controle no que se refere ao capital disponibilizado.

Fidel teria enviado duas remessas no valor de 500 mil dólares. A primeira foi dividida em três partes iguais e destinadas a Jango, Darcy Ribeiro e Brizola. A parte que coube ao último seria gasta com a manutenção de exilados, ajuda às famílias de companheiros de luta e deslocamento de homens que arquitetavam o levante. A segunda remessa seria totalmente destinada ao planejamento de ações armadas, ficando todo o montante sob a administração de Brizola. Parte dela teria sido gasta na estruturação da operação na Serra do Caparaó. (GUIMARÃES, 2006, p. 33)

⁷ Ex-subtenente paraquedista do exército. Codinome Cláudio (Sub-comandante do grupo guerrilheiro).

⁸ Jorge José da Silva (ex-marinheiro), codinome: Januário (guerrilheiro).

As primeiras experiências não tiveram êxito, os levantes populares almejados por Brizola no Rio Grande do Sul fracassaram, restando a opção do projeto guerrilheiro. Esse projeto compreendia implantar três focos: um na Serra do Caparaó; outro em Mato Grosso, em região fronteiriça com a Bolívia; e um terceiro na divisa dos estados de Goiás e Maranhão⁹ (GUIMARÃES, 2006, p. 33). Entretanto, a ajuda de Cuba já era evidenciada antes do golpe, em 1962, com a descoberta de um ponto de treinamento no Estado de Goiás, que provocou uma reestruturação dos planos para que se evitassem mais baixas e prisões.

A princípio a concentração se deu no Rio Grande do Sul, o número de pessoas envolvidas não é consenso entre os guerrilheiros, os números estimam 21, 60 a 70 pessoas (GUIMARÃES, 2006, p. 31). Outra ação realizada foi a compra de fazendas para o treinamento dos guerrilheiros.

Acreditava no potencial das Ligas Camponesas. Dessa forma, foram compradas fazendas para a organização de campos de treinamento guerrilheiro com o apoio do governo cubano. Integrantes das Ligas receberam instruções de guerrilha na ilha caribenha para poder repassá-las nos campos aqui do Brasil. (GUIMARÃES, 2006, p. 31)

No que tange ao treinamento dos guerrilheiros, conforme Guimarães (2006) Brizola enviou 26 homens para a ilha (Cuba). Destes, três foram para a Serra do Caparaó, sendo eles: os ex-marinheiros Avelino Bioen Capitani e Amaranto Jorge Rodrigues Moreira, e o ex-sargento Edval Augusto de Melo. O civil Hermes Machado Neto, codinome Antonio, também teria participado dessa formação e foi um dos capturados no Caparaó, em seu depoimento ele afirma que a insatisfação com os rumos do país foi o motivador para sua participação no Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR).

Nós queríamos mostrar para o mundo que no Brasil não estávamos todo mundo arriado, que aqui existia gente reagindo e nós resolvemos nos engajar nisso aí e fomos para um treinamento. Eu, por exemplo, fui fazer um treinamento em Cuba. (Hermes Machado Neto/Antonio. Caparaó. 15'15'' aos 15'33'')

Das três possíveis áreas projetadas para desenvolverem a guerrilha armada, apenas a região do Caparaó possuía mais estrutura, motivo esse que permitiu a duração do movimento. Os outros dois focos, Mato Grosso (região fronteiriça com a Bolívia) e a divisa entre os estados de Goiás e Maranhão devido a poucos avanços e recursos foram desmobilizados pelo MNR.

⁹ Em 1º de janeiro de 1989, o Tocantins foi inserido na Região Norte do Brasil.

A repressão do governo contra as possíveis insurgências continuaram, nesse momento, em outubro de 1965, Castelo Branco, a fim de garantir que seu governo tivesse condições para se desenvolver instituiu o AI-2, que decretava as condições para eleição presidencial¹⁰ (incluindo o vice), como; sessão aberta, composta pela maioria absoluta do Congresso Nacional e voto nominal (aberto).

Essa estratégia, diante do contexto de represália que os opositores do governo sofriam limitaria qualquer surpresa pela identificação dos votantes. O AI-2 também reforçou o poder do presidente, pois ele teria autonomia para implementar atos complementares, bem como decretos-leis sob a justificativa de segurança nacional.

Desse modo, o sistema político brasileiro foi reconfigurado mediante esse Ato Institucional, que chega ao seu ápice com a extinção dos partidos políticos, estabelecendo uma forma bipartidária com a Aliança Renovadora Nacional (Arena) que representava os interesses do governo e, por sua vez, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), composto pela oposição. Esse era o cenário sócio-político do país antes do estabelecimento na região do Caparaó do movimento de guerrilha rural.

1.3 Os guerrilheiros do Caparaó

Antes dos guerrilheiros se deslocarem para o a região do Caparaó, eles tentaram implementar a primeira guerrilha rural em Criciúma, Santa Catarina, na região da Serra do Mar, em março de 1966. Entretanto, o movimento foi surpreendido pela prisão de 2 membros do grupo devido a um assalto em um banco.

A polícia buscava pelos assaltantes, mas capturou membros do MNR. Esse acontecimento foi noticiado pelos veículos de comunicação da época que reproduziam e reforçavam o discurso que o Estado capturou “os comunistas”. O guerrilheiro Arken/Alencar descreve um fator importante para a associação e desconfiança do grupo pela comunidade da região.

¹⁰ A sucessão presidencial se realizava, de fato, no interior da corporação militar, com a audiência maior ou menor da tropa, conforme o caso, e decisão final do alto comando das forças armadas. Na aparência, de acordo com a legislação, era o congresso quem elegia o presidente da república, indicado pela Arena. Mas o Congresso, descontados os votos da oposição, apenas sacramentava a ordem vinda de cima. (FAUSTO, 1995, p. 475).

As pessoas da região começaram a desconfiar deles porque eles tinham notas (papel moeda) mais novas do que as que circulavam na região. Na região era o dinheiro quase esfarrapado. Então, isso chamou atenção. E houve um assalto próximo. Assaltaram um banco e era justamente dois homens e uma mulher. Aí denunciaram eles. Aí queimou a região nós então vamos transferir esse material para outro lugar. (Arken/Alencar. Caparaó. 17'28 aos 18'27'')

Essa primeira tentativa frustrada desencadeou a busca por novo local para a reorganização do MNR, agora o objetivo era estabelecer uma base de ação que estivesse fora dos perímetros das corporações de polícia e próxima aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse enredo, a região do Caparaó passa a ser considerada para a promoção da tentativa de guerrilha rural.

Assim, Anivanir de Souza Leite (sargento expulso das forças armadas), por ser natural de Manhumirim (Minas Gerais), responsabilizou-se pela compra de sítios na região. A primeira ação do grupo foi realizar a transferência das armas, teria sido enviada para a região em torno 2,5 toneladas de equipamentos (GUIMARÃES, 2006, p. 36).

Segundo o escritor e jornalista, José Caldas da Costa, que em 2007 lança o livro *Caparaó: a Primeira Guerrilha Contra a Ditadura*, no que tange as armas afirma que algumas daquelas armas que eles salvaram da insurreição que caiu, eles começaram a trazer para o Caparaó, transportando por ônibus. O guerrilheiro Amadeu/Alexandre complementa que eram utilizados ônibus convencionais, com suas entradas fora das rodoviárias e saídas sempre em pontos anteriores à rodoviária de destino.

Além disso, outros meios de transporte também eram utilizados, como: trens, jipes, e na Kombi da Kellogg's, dirigida pelo ex-funcionário da empresa e membro do MNR, Edson José de Souza, que escondia armas, uniforme e demais objetos para o acampamento embaixo dos sucrilhos (Amadeu/Alexandre. Caparaó. 20'10" aos 20'47'').

Atualmente existem rumores entre os moradores de comunidades em torno do Caparaó, inclusive, entre os moradores de Irupi que muitas armas ainda se encontravam escondidas em docas (estruturas subterrâneas) na região. Essa informação pode ser confirmada pelo comandante guerrilheiro Amadeu/Alexandre.

Bom, essas armas... Algumas caíram conosco, né? Quando nós fomos presos. Nós estávamos com elas, com alguns mosquetões (Arma de fogo, individual, semelhante ao fuzil porém mais leve e mais curta), eu tinha uma Hamilton 22 com luneta. E outras nós temos guardadas aqui nessa maravilha (região do Caparaó). Nós devemos ter no depósito ainda uns três, quatro mosquetões, esse fuzil metralhadora, e

algumas coisas superficiais e pequenas lá e tal. (Amadeu/Alexandre. Caparaó. 20'25'' aos 22'53'')

A questão das armas e seus esconderijos se tornam um dos discursos promovidos pelo turismo, atualmente, que atua nessa região. Os guias turísticos instigam os visitantes com esses relatos, bem como “resgatam” a história da ocupação na região pelos guerrilheiros.

Após a compra do sítio na região do Príncipe, Milton Soares de Castro (ex-metalúrgico), se estabeleceu para receber os guerrilheiros que chegaram aos poucos. Sobre o número de participantes que se concentraram na região é percebido contradições nos discursos.

Enquanto o interrogatório realizado pelo 11º Batalhão de Infantaria da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG)¹¹ após a prisão do comandante guerrilheiro Amadeu/Alexandre, que afirmou que teria subido a Serra com 14 homens e, depois, teria buscado na cidade mais 2 pessoas (GUIMARÃES, 2006, p.36). O outro documento que é o diário de campanha dos guerrilheiros¹², elaborado por Amaranto Jorge Rodrigues Moreira/Roberto (ex-marinheiro) que descrevia a rotina e, por sua vez, seria a narração do movimento para a posteridade registra o número de 14 pessoas.

Em dezembro de 1966 é iniciada a trajetória dos guerrilheiros no Caparaó. Os depoimentos retratam as dificuldades enfrentadas como clima, terreno, alimentação escassa e a própria falta de preparo dos membros frente às adversidades encontradas. Conforme depoimento de Jorge José da Silva/Januário (guerrilheiro) a disposição física foi muito importante devido a intensa atividade desempenhada, assim ele descreve: “a gente caminhava cerca de, pelo menos, 80 km por noite, sempre a noite, nosso deslocamento era a noite, com a mochila com cerca de 50, 60 kg e dependendo da pessoa até 80 kg” (Jorge José da Silva/Januário. Caparaó. 25'43'' aos 25'54'').

Nota-se no depoimento de Araken/Alencar: “daí nós começamos o deslocamento. Caminhamos tendo o pico a nossa esquerda, para um vale. Acampamos. Fizemos o famoso acampamento da chuva, que ficou, parece, o mês e meio sem parar de chover um só dia (Araken/Alencar. Caparaó. 24'20'' aos 24'43'').

¹¹ Arquivo da Guerrilha da Serra do Caparaó. Museu Histórico da PMMG.

¹² Diário de campanha dos guerrilheiros/Arquivo da Guerrilha da Serra do Caparaó. Museu Histórico da PMMG.

Outro integrante do grupo, Jelci Rodrigues Corrêa (ex- Subtenente paraquedista do Exército), que atendia pelo codinome Cláudio e exercia a função de sub-comandante do grupo guerrilheiro, também reforça sobre as dificuldades, assim ele afirma: “primeira subida naquela terra com uma lata com coisas dentro, assim no ombro... Um saco... Foi um desastre. Coisa que eu fazia depois, depois de um tempo em uma hora e meia, duas horas... Passei uma noite inteira subindo” (Jelci/Cláudio. Caparaó. 22’55 aos 23’15). Essas adversidades eram vistas pelos guerrilheiros como um fator de dificuldades também para seus inimigos, nesse sentido, poderia ser encarado como uma estratégia por eles.

O artista das esculturas dos guerrilheiros, José Ribeiro Sobrinho, analisa a penetração do grupo na região do Caparaó como um erro de leitura por parte dos guerrilheiros, pois não levaram em consideração as características da região.

Olha... Na verdade, eles escolheram o Caparaó pela... por ser uma montanha muito alta, né? E por ser muito parecida com a forma dele, como foi colocado, muito parecida com a mesma, a mesma região lá de Cuba, de quando eles fizeram a revolução cubana, né? De quando eles tomaram o poder. Só que eles não conheciam direito a região (Caparaó), porque lá em Cuba só existia uma entrada. Então, quem *tava* lá em cima, né? Quem *tava* preparando a vigília lá... O pessoal que fosse chegar tinha que passar por aquele ponto, então eles eram alvejados, né? É *onde* eles conseguiram e tiveram êxito. Só que aqui no Pico da Bandeira, na região do Caparaó, além de ser uma região maior, né? Uma região maior... Ela tem muitas entradas, né? Entradas e saídas, né? E... Então, quando eles estavam lá em cima eles pensaram nesse ponto, que iam chegar por cá, por lá... Então... (José Sobrinho, áudio MVI_2850, aos 03’27’’ até 04’51’’)

Posteriormente, os próprios guerrilheiros chegaram à conclusão que a participação de pessoas locais, ou seja, que eram da região do Caparaó seria fundamental pelo conhecimento geográfico da região. Vale ressaltar que pode ser considerado um dos fatores que interferiu diretamente no fracasso da guerrilha seria a falta de autossuficiência na alimentação. Eles precisavam abastecer seus postos e, para isso dependiam da compra os mantimentos e outros itens de necessidade nas comunidades em torno do Caparaó, a cada 15 ou 20 dias.

Nisso, segundo Guimarães (2006) o MNR providenciou a montagem de um armazém na cidade capixaba de Guaçuí. O controle desse armazém era de Celso Dornelas e seu filho Daltro Dornelas. Este participou na construção das docas para esconder os equipamentos dos guerrilheiros, todavia, antes do grupo ser preso, Daltro já não se encontrava com o grupo e não foi preso, assim como seu pai. Mesmo com a prisão do grupo, o armazém ainda continuou seu funcionamento algum tempo depois.

Há depoimento entre os guerrilheiros, juntamente com os escritos sobre os planos de ações no diário de campanha do grupo de possíveis investidas nas regiões entorno do Caparaó para mobilizar e conscientizar a população. Essa população, por sua vez, que foi responsável por inúmeras denúncias sobre a existência dos guerrilheiros. Por isso, essas denúncias serão trabalhadas por meio dos depoimentos e relatos dos guerrilheiros e da comunidade local no decorrer desta pesquisa.

Assim, antes de concretizar os planos de conscientização da população, os guerrilheiros foram presos pela PMMG, no início de abril de 1967, marcando dessa forma o fim da guerrilha do Caparaó sem ter sido, de fato, eclodida.

2. GUERRILHEIROS DE IRUPI: ARTE E HISTÓRIA DA REGIÃO DO CAPARÁO CAPIXABA

2.1 Os guerrilheiros da Gruta de São Quirino

A prefeitura de Irupi, em 2013, para criar um atrativo para a comemoração da festa do município encomendou a instalação de duas esculturas na Gruta de São Quirino. A princípio, a secretaria de cultura não possuía um projeto específico para integrar essas obras posteriormente.

Nesse contexto, por meio do responsável Isalém Angelo V. Silva (professor de Artes) foi pensado em elementos históricos da região para elaboração das esculturas. Assim, a Guerrilha do Caparaó ganhou destaque e foi representada na produção artística como 2 (dois) guerrilheiros na referida gruta¹³, que se localiza a aproximadamente 5 km da sede do município.



Figura 1: Localização da Gruta de São Quirino, Irupi-ES. 2020.

O acesso à gruta é livre e se inicia a partir da saída de uma estrada de terra, que possui cerca de 3 (três) casas espaçadas ao entorno, cercada pela mata atlântica, como já identificada as

¹³ Localização da Gruta de São Quirino. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir//Gruta+do+Quirino,+Irupi+-+ES,+29398-000/@-20.342527,41.656765,16z/data=!4m8!4m7!1m0!1m5!1m1!1s0xba4b5ee5da605b:0x3dfaf1bc856b9479!2m2!1d-41.6535685!2d-20.3409851>.

características de uma população rural, essas famílias conhecem e indicam o caminho para a gruta.

A gruta está na parte superior do relevo, é necessária uma caminhada entre árvores e chão irregular, existe pouca interferência humana nessa subida. A entrada consiste numa abertura estreita com iluminação escassa que, inclusive, só ocorre devido a encaixe de pedras entre as paredes laterais proporcionando uma sensação de curiosidade em relação à forma como se fixaram. A altura chama atenção, principalmente, pelo espaço ser estreito, o que aumenta a sensação de opulência.

Nos primeiros passos dentro da gruta o espectador é surpreendido por uma figura localizada na parte superior, sentado em uma pedra em posição de vigília com todo o corpo posicionado de maneira frontal para quem adentra o ambiente. Vale destacar que inicialmente quando essa escultura foi instaurada, em 2013, ela possuía uma réplica de uma arma (que lembra uma espingarda) que compõe a estética de um guerrilheiro na concepção do artista José Ribeiro Sobrinho.



Figura 2: Entrada da Gruta de São Quirino, artista José Ribeiro Sobrinho, 2018. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

Na entrevista realizada com o artista, ele afirma que após receber o convite (encomenda) da Prefeitura de Irupi para a execução das obras, ele realizou uma pesquisa sobre os elementos

que compõe a estética do guerrilheiro, como vestimenta, cores, expressão e demais detalhes que fazem alusão a essa ideia. Parte de sua análise também consiste nos relatos que ouvira de membros da comunidade que vivenciaram o acontecimento.

As duas esculturas foram feitas em fibra resinada em sua casa, foram cimentadas com ferragem para serem fixadas na gruta, bem como a pintura que ocorreu também no local da instalação. A postura dessa primeira escultura possibilita o entendimento da intenção ou tentativa de uma possível intimidação.

A estatura é de um homem de aproximadamente 1,80m, sentado numa rocha, com a perna direita apoiada em outra rocha, o que denota o estudo e cálculo do artista com o objetivo de explorar as características da gruta e o local específico onde se projetou a inserção da obra. Outro detalhe que chama a atenção ainda sobre a posição da escultura se constitui pela iluminação natural (devido a uma fresta entre as pedras superiores que funcionam como o teto da gruta) que incide diretamente sobre a escultura.

Essa iluminação permite uma associação com o teatro dramático, no sentido de enfatizar o objeto por meio de apenas uma luz em face da escuridão. Partindo para uma análise sobre o jogo de luz, que por sua vez, gera uma sombra e associá-lo ao local, é possível recorrer à metáfora e ao imaginário do Mito da caverna¹⁴, também conhecido como Alegoria da Caverna, criada pelo filósofo grego Platão (428/427 a.C. - 348/347 a.C.).

A finalidade da mensagem acontece pela contestação do mundo sensível (mundo das aparências), isto é, o visível que é interpretado como verdade. Ao compreender o período histórico brasileiro de 1966/67, do qual os guerrilheiros estavam inseridos. Eles representavam uma ruptura com a conjuntura estabelecida, dessa forma, a visão para esses guerrilheiros sobre a verdade e o “mundo real” é que era preciso modificar a realidade.

Um homem sensato lembrar-se-á de que os olhos podem ser perturbados de duas maneiras e por duas causas apostas: pela passagem da luz à escuridão e pela da escuridão à luz; e, tento refletido que o mesmo se passa com a alma, quando encontrar uma confusa e embaraçada para discernir certos objetos, não se rirá tolamentemente, mas antes examinará se, vinda de uma vida mais luminosa, ela se encontra, por falta de hábito, ofuscada pelas trevas ou se, passando da ignorância à luz, está deslumbrada pelo seu brilho demasiado vivo; no primeiro caso, considerá-la-á feliz, em virtude do que ela sente e da vida que leva; no segundo, lamentá-la-á e, se quisesse rir à sua custa, as suas zombarias seriam menos ridículas do que se se dirigissem à alma que regressa da mansão da luz. (PLATÃO, 2002, p. 301)

¹⁴ Platão. A República, Livro 7.

Assim, é possível aproximar esses elementos numa reflexão sobre o contexto da época, bem como criar formas de interpretação enquanto os artifícios utilizados para a instauração das esculturas, embora como explicado, a luz que destaca o primeiro guerrilheiro da gruta permite a ideia de verdade, considerando que a caverna simbolizava as estruturas sociais que limitavam os homens à escuridão que era entendida como ignorância, opondo-se ao conhecimento representado pela luz.

Ainda na análise de Platão (2002), o diálogo estabelecido entre Sócrates e Glauco, no Livro VII, pode ser evidenciado os grupos que atuam na sociedade e os “serviços e desserviços” que fazem no sentido do fortalecimento do Estado.

Esqueces uma vez mais, meu amigo, que a lei não se ocupa de garantir uma felicidade excepcional a uma classe de cidadãos, mas esforça-se por realizar a felicidade de toda a cidade, unindo os cidadãos pela persuasão ou a sujeição e levando-os a compartilhar as vantagens que cada classe pode proporcionar à comunidade; e que, se ela forma tais homens na cidade, não é para lhes dar a liberdade de se voltarem para o lado que lhes agrada, mas para os levar a participar na fortificação do laçado Estado. (PLATÃO, 2002, p. 301)

A questão política envolvida, embora com as devidas restrições sobre o conceito de cidadão da época para que não ocorra o anacronismo, também já começa a dar indícios da preocupação sobre o grupo que de fato governa. Quando se analisa a analogia de luz como conhecimento para a criação de uma sociedade melhorada e escuridão como a limitação do mundo visível presa aos grilhões da ignorância é possível compreender no discurso ideológico da Guerra Fria (1947 – 1991) o embate entre potências que justificam e disputam a implementação de seus valores, restando aos países a serem “incorporados” aos seus respectivos projetos o dissenso.

O dissenso é trabalhado por Mouffe (2007) com a denominação de antagonismo. Assim, a autora entende que na estrutura democrática a discordância de posições políticas, de identidade, de manifestações e, nisso se enquadra a Arte com a ocupação dos espaços públicos, como a forma que potencializa e legitima a concepção de democracia. Desse modo, a hegemonia de qualquer perspectiva não se configura como elemento legitimador.

La estructura de la mera posibilidad de cualquier orden objetivo, revelada por su mera naturaleza hegemónica, se muestra en las formas que asume la subversión del signo (es decir, de la relación entre significante y significado). Al no existir un terreno común entre dichas articulaciones en conflicto, no hay forma de subsumirlas bajo una objetividad más profunda que dejara al descubierto su auténtica y profunda esencia. Esto explica el carácter irreductible y constitutivo del antagonismo. (MOUFFE, 2007, p. 15)

A autora elabora sobre o espaço público e a arte, conseqüentemente, sobre a relação entre arte, cultura e política. Portanto, o enquadramento histórico do período da Guerrilha do Caparaó tem que ser transportado junto com a obra, para a promoção do seu entendimento como monumento, assim, esse contexto de conflito e suas representações podem ser estudados conforme as proposições de Mouffe (2007).

Diante do contexto da Ditadura Civil-Militar no Brasil, o Estado na postura oposta a correntes que dialogavam com premissas oriundas do comunismo, determina seus valores, ações e imposições numa lógica coerente com seu projeto político, social e econômico de governo, do qual o país fazia parte.

A partir daí, a temática sobre o antagonismo embasado por Mouffe (2007), contribui para a compreensão de quais são os elementos que aproximam ou distanciam as pessoas da comunidade da região do Caparaó Capixaba às esculturas do artista – seja um sentimento de medo dos guerrilheiros de um lado, e de outro, uma homenagem aos guerrilheiros evidenciada com o monumento. A especificidade dessa comunidade se refere à vivência que moradores tiveram no decorrer desse contexto e como suas representações daquele momento foram reproduzidas, bem como, na atualidade, com a instalação das duas esculturas esse período pode ser ressignificado.

Entretanto, é importante salientar que a ideia de hegemonia de cultura pressupõe certo grau de consenso, por isso, na investigação com alguns membros dessa comunidade o imaginário sobre a Guerrilha do Caparaó é compartilhado, como dito, foi passado entre as gerações. Assim, de acordo com Bourdieu (2001), na tradição neo-kantiana o poder simbólico pode ser definido como diferentes universos simbólicos, mito, língua, arte, ciência, como instrumentos de conhecimento e construção do mundo.

Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem ser estruturantes porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica¹⁵: o sentido imediato de mundo (e, que em particular do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. (BOURDIEU, 2001, p. 11)

¹⁵ Gnoseologia é o ramo da filosofia que se preocupa com a validade do conhecimento em função do sujeito cognoscente, ou seja, daquele que conhece o objeto. Este (o objeto), por sua vez, é questionado pela ontologia que é o ramo da filosofia que se preocupa com o ser.

Esse entendimento de Bourdieu (2001) permite atribuir à comunidade local esse imaginário, tendo em vista que no período de 1966 e 1967, a região que compõe o Caparaó Capixaba se classificava como zona rural, ainda hoje essas características são marcantes como já estudado, mesmo com o crescimento da área urbana de determinados municípios. Portanto, suas impressões quanto à estética, postura e o significado da presença dos guerrilheiros na região se reportam a validade e ao conhecimento compartilhado por esse grupo contemporâneo ao contexto da Guerrilha do Caparaó e ao período militar que foram reproduzidos para seus descendentes e demais pessoas que mantinham contato.

A partir disto, é possível considerar que um monumento a uma memória ou ao sujeito é sempre uma invenção, uma metáfora do sujeito ou fato, claramente idealizado, uma representação. O autor Jacques Rancière por meio do livro *O Destino das Imagens* auxilia na análise sobre a representação que é construída de uma produção artística. Com isso, Rancière (2012) detalha a relação da imagem e a sua recepção com o espectador.

A princípio, Rancière (2012) afirma que a imagem não é algo simples, ela possui elementos e funções que se efetivam como o objeto a ser trabalhado pelas Artes. Em seguida, na contramão do que afirmam outros autores de arte contemporânea que fazem uma nítida distinção entre Imagem que remete a um “Outro” e ao “Visual”, que só remete a ele mesmo, Rancière (2012) entende que todos os elementos que pertencem à obra estão entrelaçados, dito isso, o elemento diferenciador entre as produções está relacionado quanto a *performance*, ela constitui intrinsecamente a particularidade de cada produção.

No tocante as esculturas dos guerrilheiros do Caparaó, a compreensão dessa junção dos elementos é muito importante, pois também se desdobra sobre a identidade e alteridade, que é definida como o enlaçamento da identidade e alteridade uma à outra de formas diferentes (RANCIÈRE, 2012, p.11).

Essa concepção culmina no conceito de *Imagété*¹⁶, que em síntese é um regime de relações entre elementos e entre funções, o que permite justamente abarcar as questões sobre a relação estabelecida das esculturas com a comunidade e as escolhas dos instrumentos para concretizar a produção. Sobre a definição dos aspectos que fazem parte da imagem, Rancière (2012) estabelece:

¹⁶ Neologismo conceitual do francês que corresponde à formação de um substantivo abstrato a partir da palavra imagem, distinto de imaginação (RANCIÈRE, 2012, p.12).

Existem três formas da *imagéité*, três maneiras de vincular ou desvincular o poder de mostrar e o poder de significar, o atestado da presença e o testemunho da história. Três modos também de selar ou recusar a relação entre arte e imagem. Cada uma delas encontra em seu funcionamento um ponto de indecidibilidade que a obriga a tomar alguma coisa emprestada das outras. (RANCIÈRE, 2012, p.36)

Desse modo, o autor caracteriza essas imagens em Nua, Ostensiva, Metamórfica. Em suma, a Imagem Nua é a imagem que não faz arte, pois o que ela nos mostra exclui o prestígio da dessemelhança e a retórica das exegeses¹⁷ (RANCIÈRE, 2012, p.32). A Imagem Ostensiva afirma a sua potência, mas a reclama em nome da arte e, por fim, a Imagem Metamórfica que afirma sua potência de arte pode se resumir no exato oposto do Aqui está, ou seja, o trabalho da arte é jogar com a ambiguidade das semelhanças e a instabilidade das dessemelhanças.

A semelhança é definida por, não necessariamente, ser a cópia fiel, mas apenas o que é suficiente para tomar seu lugar. Há uma alteração da semelhança. Esse conceito se aplica a teorização desta pesquisa, tendo em vista a representação das esculturas como guerrilheiros uniformizados, que esteticamente indica uma ideia de conflito, luta e demais aspectos que pertencem a um contexto de guerrilha.

Todavia, por meio de reportagens da época (jornais de 1967) e do documentário sobre *Caparaó*¹⁸, os guerrilheiros foram presos com roupas normais, ressaltando o detalhe que estavam escondidos e utilizar uma roupa de caráter militar não consistia na melhor das estratégias para os que eram perseguidos e necessitavam estar constantemente em vigília, bem como remonta o fato de utilizarem a Gruta de São Quirino como um de seus esconderijos.

No que cerne a vestimenta das esculturas, as duas conforme exige o militarismo em relação à unidade da forma e da apresentação são parecidas quanto à japona¹⁹ na cor verde militar, todavia se diferenciam em alguns aspectos. A primeira escultura apresentada possui calça na cor verde, com diferença de tom comparado a japona.

¹⁷ Exegese é uma análise, interpretação ou explicação detalhada e cuidadosa de uma obra, um texto, uma palavra ou expressão. Etimologicamente, este termo se originou a partir do grego *exégésis* que significa “interpretação”, “tradução” ou “levar para fora (expor) os fatos”.

¹⁸ Caparaó é o filme de Flávio Frederico que estreou em todo o Brasil no dia 8 de junho de 2007. A história da primeira guerrilha rural do país foi vencedora do festival “É tudo verdade”, mostra internacional que premiou os melhores documentários. Durante três anos, uma extensa pesquisa foi realizada pelo próprio Flávio Frederico (documentos, fotos e imagens de arquivo); pelo jornalista e historiador Paulo Canabrava (pesquisa histórica), pela pesquisadora Iara Crepaldi (fotos) e pela pesquisadora Alejandra Hope (imagens de arquivo).

¹⁹ Espécie de jaquetão, geralmente de pano grosso, usado para proteger do frio, ou da umidade. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/japona/>

Outro detalhe que se destaca é a feição atribuída ao rosto do guerrilheiro, com um semblante fechado (sério) que conta com a presença de uma barba volumosa de cor que lembra ao tom de loiro escuro, sem bigode e com sobrancelhas expressivas. A barba reforça e demonstra uma capacidade de inibir, causar medo e intimidar. Entretanto, essas mesmas características demonstradas, cada qual ao seu modo, também fazem parte da composição do estereótipo militar, sendo exatamente a ausência de barba que é exigência na estética militar brasileira.

O extinto Ministério do Exército, por meio das chamadas portarias ministeriais, estabelecia suas exigências e diretrizes acerca da estrutura, organização e condutas de seus membros. Dentre essas determinações, segundo a portaria nº 310, de 1995²⁰ é vedado o uso de barba aos oficiais e praças do Exército justificado por motivo de higiene e uniformização. Entretanto, mediante requerimento ou situações específicas como cicatrizes a regra admite exceção.

Em condições especiais, por forma a atender tradições familiares ou históricas, ou ainda, para disfarçar deformidade física, poderá o militar, que tiver deferido seu requerimento pelo Ministro do Exército, usar barba, desde que aparada e condizente com sua situação. (Ministério do Exército. Portaria Ministerial nº 310, de 1995. p. 2)

Essa portaria embora seja relativamente recente, ela conserva muita das práticas historicamente construídas no que se refere à apresentação/imagem do exército brasileiro, bem como a diferenciação hierárquica entre seus membros. No 4º item da portaria que aborda especificamente a questão do bigode é percebido que o seu uso está associado de forma direta ao poder hierárquico.

Assim, fica permitido aos oficiais, subtenentes e sargentos o uso de bigode, desde que discreto, aparado, não ultrapassando as comissuras labiais e devendo constar na carteira de identidade do militar (Ministério do Exército). Também é vetado o uso de bigode aos alunos de escolas de formação e aos cabos, taifeiros²¹ e soldados sem estabilidade. Por sua vez, os comandantes militares e de áreas poderão autorizar o uso de bigode pelos cabos, taifeiros e

²⁰ Disponível em: <https://trf-2.jusbrasil.com.br/noticias/2371963/decisao-do-trf2-permite-a-militar-fazer-a-barba-uma-vez-a-cada-tres-dias>

²¹ Taifeiro é um posto ou patente militar antigo, sendo de forma geral superior ao posto ou patente de soldado ou marinheiro. Portanto é considerado o primeiro posto ou patente após o básico (zero) ou ainda razo; geralmente é o soldado ou marinheiro que já entra na organização militar com alguma profissionalização ou tem talento para tal, e como tal nas diversas organizações militares de diversas nações, são os motoristas, cozinheiros, alfaiates, barbeiros, copeiros, mensageiros, "ordenanças (secretários ou ajudantes - de - ordens)", digitadores, operadores de informação e outras funções que exigem capacidade especial para o desempenho e o "razo, zero ou grumete" que entra para o quartel, embarca na esquadra já dispõe da profissionalização ou tem talento para apreendê-la. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/taifeiro/>

soldados estabilizados que o requererem, nas mesmas condições estabelecidas quando a discricção e tamanho (Portaria Ministerial nº 310, de 1995. p. 2).

No livro denominado *Crimes da Ditadura Militar*, produzido em 2017 pelo Ministério Público Federal (MPF), a palavra barba é citada apenas 2 (duas vezes), contudo como o conteúdo pertence ao contexto do período militar (1964-1985), torna-se importante compreender como a estética militar era cobrada naquela conjuntura para comparar com as escolhas do artista em relação a aparência de seus guerrilheiros conforme o período.

Esse livro é um relatório sobre as atividades de persecução penal desenvolvidas pelo MPF em matéria de graves violações a Direitos Humanos cometidas por agentes do Estado durante o regime de exceção. Na passagem que discorre sobre a ocupação pelo Destacamento de Operações de Informações do Exército (DOI) no quartel do 1º Batalhão de Polícia do Exército (PE), localizado no bairro da Tijuca - Rio de Janeiro, em finais da década de 1960 a 1970, no auge da repressão aos denominados subversivos.

Em síntese, como era frequente a prisão das pessoas identificadas contra o sistema, o batalhão que anteriormente possuía celas com a finalidade de prender e punir os próprios membros da PE por infringirem as determinações impostas pelo seu regimento, como é o caso do uso de barba, já não poderia executar as mesmas funções tendo em vista o aumento de prisão dos subversivos.

O número de pessoas detidas no DOI e a necessidade de evitar que, em um primeiro momento, se comunicassem, levou o DOI a requisitar todas as celas do xadrez do Batalhão. Com isso, as patrulhas externas de pessoal da PE não traziam mais militares detidos, para não misturá-los aos civis. Todos os presos disciplinares, militares, foram transferidos para outras OM” (segundo termo de declarações de Armando Avólio Filho entregue ao MPF (doc. 08, citado, fls. 2667). E ainda de acordo com o seu depoimento prestado ao MPF em 3/9/2013: “O DOI era responsável, lá dentro do batalhão, pelas duas salas de oitiva e por todas as celas. [...] A quantidade de presos do DOI foi tão grande que a PE parou de fazer o patrulhamento externo, porque a PE não tinha celas para soldados com barba grande. O DOI ocupou todas as celas do batalhão, era muita gente (doc. 07, mídia de fls. 3017, primeira parte, v. X do PIC 1.30.011.001040/2011-16, aos 28’05’’ até 28’26’’). (MPF, 2017, p. 62)

Como observado, a barba que era motivo de prisão pelo não cumprimento das exigências normativas, diante daquele período deixa de ter seu espaço, inclusive físico, nas preocupações do exército. A partir dessas considerações, é possível entender a escolha do artista de representar suas esculturas com barbas que se destacam na análise dos rostos.

Essas barbas podem expressar a oposição ao exército brasileiro, uma vez que os chamados subversivos não tinham a obrigatoriedade de retirá-las e, também, por questão que envolve até os valores estéticos e de moda das décadas de 1960 e 1970, conhecidos como anos revolucionários, com forte questionamento e oposição aos estamentos governamentais, além de lutas por liberdades de expressão, participação na política, meio ambiente e aquisição de direitos.

Retomando a análise da primeira escultura (figura 3) que compreende a cabeça, o guerrilheiro possui uma boina²² na mesma cor verde militar que sua japona. Sua dimensão de altura chega a 18 cm, ela é redonda e cobre toda parte superior da cabeça a partir das orelhas que definem o ponto de onde o cabelo, novamente loiro escuro, aparece até a nuca.

Essa escultura de acordo com sua localização estratégica, a posição como impunha a réplica da arma²³, fisionomia e demais característica abordada sugere que esse guerrilheiro desempenhava função de sentinela, ou seja, era o responsável por garantir a segurança do grupo a uma possível tentativa de ataque surpresa.

Dessa maneira, o cenário proporciona no contato inicial da gruta um “estado de alerta”, com dispositivos que intimidam e que fazem alusão a sensação de desconfiança, sensação essa também vivenciada entre os diversos grupos da sociedade, sendo comunidades locais afastadas dos grandes centros urbanos (palco de constantes conflitos), os militares e seus apoiadores, bem como os membros de oposição política e seus apoiadores durante o regime militar. Para muitos que atuavam direta ou indiretamente nas questões sociais, políticas e culturais, independente do lado, comungavam naquele momento dos mesmos temores como a instabilidade, o medo e a desconfiança que eram elementos presentes em seus cotidianos.

As características apresentadas na descrição da primeira escultura (figura 2) compõem aproximações e análises que surgiram durante a pesquisa, levando em consideração os prismas hermenêuticos da Arte e História.

Ao adentrar a gruta subindo no sentido de ultrapassar a primeira escultura, o terreno é pedregoso, coberto por lodo, folhas secas com nenhuma interferência humana. A seguir, a imagem da gruta vista do ponto de referência da primeira escultura (figura 2):

²² Chapéu que cobre parte da cabeça, geralmente sem pala ou com pala muito curta, raso, redondo e largo.

²³A gruta é de acesso livre, infelizmente, a réplica da arma foi furtada.



Figura 3: Vista do interior da Gruta de São Quirino, 2018. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

É possível visualizar (figura 3) a vegetação na entrada da gruta, bem como a distância de altura do ponto estreito de entrada à localização do primeiro guerrilheiro. No entanto, quando se passa pela primeira escultura é possível visualizar a segunda escultura que já remete a própria interferência humana com a apropriação da natureza.



Figura 4: Segunda escultura de guerrilheiro da Gruta de São Quirino, 2018. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

Este novo cenário, diferentemente da descrição do primeiro (figura 2), remete a uma ideia que não perpassa aspectos como intimidação, desconfiança e medo. Pelo contrário, o ambiente de modo geral indica uma comunhão, com a conotação de reunião, com iluminação mais aberta, um terreno plano, o espaço é maior com as paredes úmidas das pedras circundam o local.

No que tange a apropriação da natureza, ela ocorre pelo fato da existência de madeiras (lenhas) que sinalizam a construção de uma fogueira, a organização de pedras em círculo que indica a possível disposição de lugares para sentar ou para outra finalidade. Sobre a fogueira há um caldeirão, artefato imprescindível na composição da segunda escultura (figura 4).

Na descrição dessa escultura o guerrilheiro se encontra agachado com as duas mãos direcionadas ao caldeirão²⁴, sendo que a mão direita quando a obra foi instaurada segurava uma espécie de grande colher que indica o manuseio da tarefa de cozinhar. A dimensão dessa escultura também reporta a estatura de um homem alto disposta na posição supracitada.

²⁴ Por meio de relatos de alguns moradores que afirmam que o caldeirão foi deixado pelos guerrilheiros, o que resultaria num artefato histórico. Entretanto, essa informação não pôde ser confirmada. E faz parte da narrativa contada por alguns moradores locais.

Esta obra possui aspectos diferentes da primeira escultura (figura 2) que compõe um vestuário a rigor de um combatente. A segunda escultura (figura 4) a cor da calça é preta, que se configura como uma negativa da uniformização, que é elemento característico da estrutura militar. Contudo, existe a presença da jupon em cor verde militar fechada até o pescoço. A partir da análise do rosto, nota-se que apesar de ser uma composição expressiva, não há uma fisionomia com intuito de intimidar, ao passo que os olhos estão voltados para o caldeirão.

Novamente a barba compõe o visual, desta vez com o bigode que ultrapassa o contorno labial e se une nas duas laterais a barba volumosa em cor preta, ressaltando assim o lábio inferior que devido à iluminação se destaca, tendo em vista a larga proporção do nariz que produz uma sombra que incide no bigode preto. As sobrancelhas volumosas na cor preta também produzem sombra para os olhos.

Outra abordagem que desassocia o sentido de combate é a ausência da boina. Nessa escultura o cabelo preto do guerrilheiro é direcionado a sua esquerda numa espécie de topete. O corte de cabelo contribui para a identificação do guerrilheiro a um grupo que não pertence à estrutura militar institucionalizada brasileira, de acordo com a portaria do extinto Ministério do Exército. Todas essas características analisadas das duas esculturas possibilitam hipóteses de como foi elaborado o processo de criação do artista, que como afirmado realizou uma pesquisa para determinar os caminhos de sua produção.

Na entrevista com o Valdécio José da Costa, que é dono de um hotel em Irupi, uma figura que atua diretamente em práticas de valorização da cultura e turismo desse município relata que para muitos membros da comunidade que vivenciaram esse contexto de ditadura militar, a imagem que os guerrilheiros transmitiam era de “pessoas estranhas”.

Eles (população local) já sabiam mais ou menos, já sabiam o que estava acontecendo na região do Caparaó, que era uma revolução que eles estavam querendo implementar o comunismo de Cuba, né? Inclusive quem era o cabeça do negócio era o Brizola. (José Ribeiro Sobrinho, áudio 110101_005, aos 12’59’’ até 13’19’’)

Esse imaginário sobre os guerrilheiros que conta com a pesquisa sobre a vestimenta, o contexto histórico e relatos da população local perfazem o processo de criação do artista. Na entrevista com José Ribeiro Sobrinho, o comportamento dos guerrilheiros também pôde ser abordado.

G- (...) E a comunidade também que foi surpreendida pela presença dos guerrilheiros aqui... Quais são as suas impressões, assim, em relação àquele período

e a hoje, assim, se hoje esse fato tem alguma importância? Você percebe uma importância para a comunidade ou não? Agora tem esse resgate²⁵ da própria prefeitura, de exaltar, de dar foco, querendo ou não foi a primeira guerrilha rural do Brasil, então num plano nacional... e aí?

J- É, por exemplo, um dos erros que eles tiveram é que muitas pessoas, às vezes cometem esse erro também, mas da arrogância deles. Eles, por exemplo, eles chegaram numa comunidade onde era pequena, onde todo mundo cumprimentava todo mundo, porque as pessoas na roça, como você sabe, por onde passava “opa!, opa!”, cumprimentava, era bom de papo. Era difícil você ver uma pessoa, assim, que você fala “oi” que a pessoas também não fava “oi”, né? Não cumprimentava... Então, quando eles com pessoas estranhas, né? Pessoas estranhas que pessoas cumprimentavam e eles nada respondiam, não cumprimentavam as pessoas, as pessoas começaram a ficar, “Ah... ué? Esses caras são meio estranhos, né? Então, começaram a ver eles com outros olhos, esses caras têm alguma coisa errada com eles, né? (José Sobrinho, áudio MVI_2850, aos 08’23’’ até 10’52’’).

J- E começaram a denunciar, né? A maioria deles faziam compra mesmo, faziam em Guaçuí. Quando eles iam e compravam muita coisa de uma vez, era outra coisa também que eles achavam estranho, né? Um negócio meio estranho, os homens tudo mais ou menos do mesmo jeito, tudo barbudo, esquisito, com as roupas esquisitas, chega lá e compra e compra um horror de coisa ao mesmo tempo, né? Eles começaram a desconfiar também, né? Foi onde pegaram, né? E a comunidade hoje ela, na verdade, eles ficam agradecidos, agradecidos demais da conta pela... Pelo que os policiais fizeram, porque talvez se eles não tivessem êxito, nessa... nessa luta, né? Com certeza hoje nós estaríamos numa situação bem complicada, né? (José Ribeiro Sobrinho, áudio MVI_2851, aos 00’03’’ até 01’09’’).

José Ribeiro Sobrinho e Valdécio além de compartilharem as próprias histórias repassadas por seus familiares, também compartilham com a opinião dos moradores mais antigos quanto à representação atribuída aos guerrilheiros. Essas constatações embora não possam dimensionar exatamente o imaginário daquele momento, partindo do pressuposto da história oral, de acordo com Portelli (2006) cuja classificação de memória dá-se como um núcleo moldado no tempo e no espaço histórico e social. Neste, os sujeitos elaboram suas representações utilizando fatos e alegando que são fatos. E utilizam os fatos organizando-os de acordo com suas representações.

2.2 O processo de criação das esculturas dos guerrilheiros

As esculturas dos guerrilheiros instauradas na gruta de São Quirino (Irupi- ES) possuem uma notoriedade, embora sua criação tenha interesse por parte da prefeitura desse município de estimular o turismo da região, ao mesmo tempo, foi operacionalizada a tentativa de explorar o

²⁵ Sentido de tentativa de abordagem de elementos de outro contexto para questões atuais.

contexto da guerrilha vivenciado pelas comunidades ao entorno do Caparaó, que possuem um imaginário desenvolvido naquele contexto não compatível com os projetos dos membros da guerrilha.

Assim, como foi passado de geração em geração, o artista José Ribeiro Sobrinho, por sua vez também em sua representação pessoal acerca da ação dos guerrilheiros insere por meio de uma memória e de sua pesquisa as características concebidas como elementos significantes para sua criação.

No sub-capítulo 2.1 algumas características das esculturas que se destacam no primeiro momento foram apresentadas. A proposta aqui se destina a permitir que o leitor crie a partir das análises realizadas e do contexto histórico abordado suas próprias considerações sobre essa produção.



Figura 5: Escultura do Guerrilheiro, entrada da gruta de São Quirino-ES. Artista: José Ribeiro Sobrinho, 2018. Acervo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

Essa escultura quando foi instalada possuía uma réplica de espingarda, como a gruta não possui vigilância, elas foram furtadas, provavelmente em 2017, segundo o artista. Nota-se

nessa imagem que a luz natural que ilumina a escultura, por meio de uma fresta, provoca uma conotação dramática oriunda do teatro, bem como uma sensação de intimidação.

O posicionamento estratégico, pensado pelo artista, reflete o cuidado e a observação do espaço de natureza para a elaboração de sua obra. A Gruta de São Quirino foi um dos esconderijos utilizados pelos guerrilheiros durante seu deslocamento. A comunidade próxima a esse local relata que devem existir muitos outros lugares que serviram de abrigo, como também foram utilizados para esconder as armas e outros pertences desse grupo. Todas essas informações, inclusive, são reproduzidas por guias turísticos da região.

No que se refere ao armamento e demais objetos dos membros desse movimento, a reportagem da TV Gazeta²⁶, exibida no dia 09/09/2019, apresentou a descoberta desse material no município de Iúna, que também faz parte da região do Caparaó Capixaba.

Nessa reportagem da TV Gazeta, 2 (dois) ex-guerrilheiros que pertenceram ao movimento se posicionaram quanto à descoberta. O primeiro é Araken Galvão (83 anos) que devido à estratégia que utilizaram na elaboração de um buraco maior e outro menor faria sentido que a toca descoberta seja deles.

Todavia, para Daltro Dornellas (80 anos) que participou do grupo, apenas indo ao local poderia afirmar se essa toca pertenceria aos guerrilheiros, ressaltando que não reconheceu o local apresentado. Por outra perspectiva, o pesquisador José Caldas da Costa, responsável pelo livro *Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura*, lançado em 2007, afirmou na reportagem “a riqueza maior que está aqui é cultural e histórica. Não importa se estava certo ou errado. Houve um movimento e esse movimento é reconhecido como a primeira guerrilha contra a ditadura implantada no Brasil.” (TV Gazeta, 09/09/2019).

A segunda escultura (figura 4), que se localiza no interior da gruta já promove outra relação com o espectador. O ambiente remete a um momento de descontração, partilha, opondo-se a imagem do primeiro guerrilheiro.

²⁶Reportagem da TV Gazeta, exibida no dia 09/09/2019. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/toca-da-guerrilha-do-caparao-e-encontrada-em-distrito-de-iuna-0919>



Figura 6: Segundo guerrilheiro no interior da Gruta de São Quirino, 2018. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

As fotografias foram tiradas no mesmo momento, entretanto a iluminação na gruta é diferente e conforme as horas avançavam a luz era modificada. O espaço ocupado pelo segundo guerrilheiro (imagem 6) é um pouco mais aberto e se situa atrás do guerrilheiro que está em vigilância.

Ao imaginar à noite a gruta sem iluminação, apenas com as chamas da fogueira e as sombras projetadas, se torna difícil não realizar uma associação à Alegoria da Caverna, tendo em vista que no contexto em que ocorreu a guerrilha, esses membros que se refugiaram na gruta e teciam suas elaborações acerca do seu ideal de mundo e governança.

Na mão direita do segundo guerrilheiro (figura 6) existia uma espécie de colher para o manuseio de uma refeição. Esse objeto também não se encontra no local, sendo furtado também. As pedras e o próprio caldeirão, de acordo com José Ribeiro Sobrinho já estavam no local.

Vale ressaltar que esse espaço, infelizmente, é utilizado por algumas pessoas que deixam lixo (garrafas, copos descartáveis, cigarro) no local e, de certo modo, depreda não somente o ambiente, mas também as esculturas que foram riscadas, muitas vezes, com nomes e nenhuma menção política pelo que foi percebido.

Isso possibilita indagações acerca do conhecimento dessas pessoas sobre o contexto dessas esculturas, se as obras provocam alguma sensação para essa reação. Todavia, o que foi encontrado remonta as mesmas depredações que ocorrem em obras públicas localizadas em espaços urbanos, como praças, obeliscos e bustos.

Na pesquisa de campo realizada no dia 27 de novembro de 2018, foram registradas patas de um felino de médio porte, indicando um gato do mato ou jaguatirica²⁷ que também faz de refúgio e esconderijo a gruta utilizada pelos guerrilheiros.

O processo de criação das esculturas foi iniciado com a visita do artista ao local de instalação das obras, ali foi pensado nos primeiros esboços para a ocupação do espaço. Na sequência, José Ribeiro Sobrinho apresentou o projeto para a equipe da prefeitura responsável pela implementação da obra, conseguindo a aprovação e autorização para o início da produção. As esculturas foram criadas em sua casa, toda a parte estrutural foi elaborada utilizando fibra e resina, o molde foi com jornal e o acabamento com a resina.

Na gruta houve a fixação das esculturas, por isso nas suas bases contém cimento, por conta da distribuição do peso. Também nesse local foi realizada a pintura com tinta epóxi. Assim que o trabalho foi concluído, o artista forneceu 10 (dez) anos de garantia de suas produções. As obras, apesar do tempo e de intempéries do próprio ambiente de natureza que as deixam sujeitas a uma acelerada interferência em sua estrutura ainda estão bem conservadas, o que demonstra que as modificações sofridas ocorreram perante as más ações humanas²⁸.

No depoimento de José Ribeiro Sobrinho, ele afirma que sempre teve vontade de fazer o curso de Artes, entretanto, não teve oportunidade devido às condições enfrentadas. “Eu queria muito ter feito Artes, mas não tive a oportunidade. Depois que eu terminar lá (a graduação) eu vou ver se faço uma pós em Artes” (José Ribeiro Sobrinho, áudio110101_009, aos 01’10’’ até 01’36’’). Contudo, para essa pesquisa, seu conhecimento, história e memória foram indispensáveis para projetar parte das produções artísticas e culturais capixabas.

²⁷ Esses animais fazem parte da fauna local da região do Caparaó.

²⁸ Imagens sobre essas depredações são melhores visualizadas na figura 5.

2.3 O artista José Ribeiro Sobrinho: história, memória e arte

A Arte Pública Capixaba se insere no contexto de disputas que ocorrem na ocupação dos chamados espaços públicos mediante a significação atribuída a determinadas obras, também entendidas como produções que ganham destaque na relação que estabelecem com o público e o local de sua instalação.

Assim, entender quais são os fatores que permeiam as representações e ações que ocorrem no processo de disputas desses espaços é indispensável para determinar os sentidos e objetivos que podem se efetivar na representação artística do espaço público. A concepção de território para Dallabrida e Becker (2003) permeia o território como espaço apropriado de poder, e a partir das relações de poder estabelecidas, o espaço é inevitavelmente transformado. As territorialidades, por sua vez, constituem-se como a dominação de grupos que atuam nesse espaço transformado e apropriando-o.

Deutsche (2008) analisa a ligação entre arte e espaço público, que ocorre a partir da década de 1970, além de tecer crítica sobre o isolamento das instituições e possibilidades de se fazer arte sem espaços físicos ou pré-estabelecidos e determinados, enfatizando as possibilidades de criação e/ou percepção e ocupação dos chamados espaços públicos;

El modo en que definimos el espacio público está íntimamente ligado a nuestras ideas relativas al significado de lo humano, la naturaleza de la sociedad y el tipo de comunidad política que queremos. Si bien existen claras divisiones en torno a estas ideas, casi todo el mundo está de acuerdo en un punto: apoyar las cosas que son públicas promueve la supervivencia y expansión de la cultura democrática. (DEUTSCHE, 2008, p. 3)

Especificamente para esta pesquisa, essa ideia contribui para a análise de como o artista José Sobrinho ocupa os espaços públicos (de natureza), tendo em vista que as esculturas estão localizadas em na Gruta de São Quirino, em Irupi-ES, fora do escopo urbano. Embora este espaço não seja de acesso imediato, numa lógica urbana, essas esculturas parecem provocar reações diferenciadas entre a população, fora do desenho urbano.

Los programas de apoyo al arte público, actuando como un brazo de la renovación urbana, coadyuvaron a producir la impresión opuesta. Bajo diversos estandartes unificadores —continuidad histórica, preservación de la tradición cultural,

embellecimiento cívico, utilitarismo— el arte público oficial colaboró con la arquitectura y el diseño urbano en la creación de una imagen de las nuevas áreas urbanas que suprimiese su carácter conflictual. (DEUTSCHE, 2008, p. 14)

Para que uma obra seja incorporada a uma comunidade, dentro desse processo é comum existir elementos como o estranhamento, reconhecimento, conflito e ressignificações que culminam na atribuição dessa produção como parte da cultura local. Dessa forma, Thompson (1998) afirma a atenção que deve ser empregada na diferenciação das diversas atividades e atributos para que esse cultural se efetive.

Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. (THOMPSON, 1998, p.22)

O entendimento de monumento para esta pesquisa sustenta-se em Riegl (1987) que concebe a categoria de valores concernentes aos monumentos como valores de atualidade ou contemporaneidade, que surgem da satisfação de determinadas necessidades sensíveis ou espirituais dos indivíduos, dividindo-se em valores práticos ou utilitários e valores de arte (RIEGL, 1987, p.118).

Assim, muitas produções no contexto capixaba podem ser pensadas como “anti-monumento” (em oposição ao conceito histórico de monumento como grande obra arquitetônica). Logo, chamar-se-á de monumento, tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem sacrifícios, ritos ou crenças (CHOAY, 2001, p.18).

No livro *Atenção Arte: Imaginabilidade e legibilidade como estratégia de pertencimento da Arte Pública e das intervenções urbanas*, dos autores José Cirilo, Marcela Bello e Ciliane Celante, a tônica da produção artística em espaço público capixaba se apresenta como um registro de objetos (esculturas espontâneas) que ganham legitimidade popular, sendo considerados monumentos por determinadas comunidades, mesmo não atendendo os interesses políticos e hegemônicos do sistema cultural do Espírito Santo. O recorte geográfico circunscreve ao longo da rodovia federal, BR 101, que perpassa esse estado.

Nessa produção está em voga a capacidade afetiva que o monumento exerce sobre os grupos que o cercam. As esculturas dos guerrilheiros, para o sistema das artes pode ser classificado

como esculturas espontâneas, todavia, elas têm o potencial de envolver a história e o turismo, por meio das ressignificações propiciadas de seu contexto local.

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 201, p.18)

Portanto, a Arte Pública Capixaba se configura como o processo que se desenvolve dentro das disputas pelo espaço público. Não importa, necessariamente, o responsável pela instalação (particular ou público), a sua permanência somente se mantém enquanto parte do local e do grupo exerça a interação com os signos que estão dispostos nessa relação de afetividade.

Assim, José Ribeiro Sobrinho, por meio de suas leituras e significados de mundo elaborou duas esculturas que contextualizam a ocupação por guerrilheiros na região do Caparaó. Embora o movimento desse grupo tenha ocorrido entre 1966 e 1967.

A origem de seu nascimento associada à relação desenvolvida com a comunidade pertencente ao Caparaó Capixaba são relevantes para a análise de suas produções, bem como o entendimento atual para as significações e ressignificações desse grupo acerca da temática.

José Ribeiro Sobrinho nasceu em na cidade de Ibatiba, em 31 de outubro de 1967, isto é, aproximadamente seis meses após o movimento ser desmantelado pelas forças armadas do regime militar. Ele nasce na zona rural, próximo às configurações do denominado entorno do Caparaó.

Seus pais eram lavradores, viveram a vida inteira no campo, sendo que seu pai faleceu quando ele tinha apenas 10 anos de idade. Esse episódio determinou posteriormente a sua saída de seu local de nascimento para a cidade, pois, ele e seus sete irmãos (o caçula com um ano de idade) necessitavam buscar melhores condições de vida, uma vez que a vida na “roça”, termo utilizado pelo artista, não fornecia as mesmas condições de outrora.

Na infância foi iniciado o seu contato com o campo das Artes, ele relata que na escola, a partir do primário, desenhava com incentivos da professora e com o passar do tempo foi se destacando na área em relação à pintura. José Ribeiro Sobrinho, no que tange a história da

arte demonstra um apreço por obras do período renascentista, ele opta em suas produções por características mais realistas.

A pintura é uma profissão em decadência, né? E a decadência da pintura começou desde quando surgiu a fotografia, né? Porque até então, era um retrato, era uma coisa fenomenal. E quanto mais real melhor. (José Sobrinho, áudio 110101_005, 19'10'' aos 19'36'')

Nesse sentido, é possível a afirmação que a Arte Moderna se manifestou como uma ruptura das tradições da escola da Arte. O objetivo de estabelecer algo novo, que não se limitasse a uma reprodução fidedigna pode ser considerado um dos propulsores na busca de se fazer arte.

Em *Texto/imagem enquanto dinâmica do Ocidente*, Flusser (1996) distingue o gesto de produzir imagens e textos. Nessa diferenciação o autor associa o gesto de produzir imagens à imaginação, bem como o gesto de produzir textos à conceitualização.

Partindo dessas considerações, Flusser (1996) constrói sua hipótese elencando quatro eventos cruciais na história ocidental que identificam de forma cronológica como essa sociedade (ocidental) se apropriou e relacionou com as primeiras “Imagens, Textos, Impressos e Fotografias”. Em síntese, a imagem será confundida como circunstância, a imaginação vira alucinação, vira idolatria. O que acaba de ser dito é a descrição da consciência pré-histórica da magia (FLUSSER, 1996. p.2).

No caso do texto, a princípio, ele já estabelecia a primeira divisão entre os grupos de letrados e iletrados. Desse modo, havia uma limitação acerca dos que tinham de fato acesso a compreensão do texto, por isso, a imagem ainda estava presente na construção dos valores no processo civilizatório. Com o estabelecimento do texto, há um distanciamento do elemento alucinador das imagens, ao mesmo tempo, uma transcodificação da imagem para o plano da escrita por meio de conceitos.

Com o advento da imprensa que proporcionou uma maior circulação de conteúdos, associado diretamente com o número de pessoas que saíram dos grupos de iletrados após a Revolução Industrial, o texto assume um poder, nesse contexto de progresso, Flusser (1996) define esse momento como “textolatria”.

(...) Textolatria em vez de idolatria. A consequência foi o domínio de ideologias, (de textos que obrigam a circunstância a adaptar-se ao escrito), e ainda sofremos do poder assassino de tal consciência histórica barata, inflada e “democratizada”. O que

acaba de ser dito é a descrição da consciência ocidental moderna. (FLUSSER, 1996. p.3)

Retomando a afirmação de José Ribeiro Sobrinho, a partir das primeiras fotografias (imagem técnica) o homem recua do plano dos conceitos para imaginá-los. Entretanto, essa imagem não se configura como a pré-histórica (já explicada), ela é concebida como pós-histórica, uma vez, que dar lugar a consciência, bidimensional, imaginativa e projetoras.

Trata-se de reversão dos vetores de significados. Os textos históricos (tanto quanto as imagens pré-históricas) são espelhos que captam os signos provindos do mundo para interpretá-los. O mundo e o seu significado. As imagens técnicas são projetores que lançam signos sobre o mundo, afim de dar-lhe sentido. As imagens técnicas são o significado do mundo. (FLUSSER, 1996. p.5)

O conceito pós- histórico é destacado pelo autor, com devida ressalva, partindo da inversão da dialética “texto-imagem” agora entendida pelo pensamento conceitual que atende a produção de imagens. Assim, deve-se atentar para o mau uso dessas ferramentas, o excesso de informações que não são transcodificadas, resultando numa falta de significado. Esse alerta do autor possui uma conotação apocalíptica para as aventuras futuras imprevisíveis que compõem o conceito de pós-história.

Benjamin (1994) critica a forma como a reprodutibilidade técnica é apropriada pelos capitalistas, a partir das sociedades oriundas da Revolução Industrial. O conceito de Aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da Arte (BENJAMIN, 1994, p.168).

Com o texto intitulado *Quando a forma se transformou em atitude - e além*, De Duve (2003) direciona o debate para o campo da arte, especificamente, no que cerne a mudança do paradigma nas academias de arte da Europa e América. Brevemente, o autor faz uma análise de como costumava ser o ensino de arte norteado pelo pensamento humanístico.

Nesse contexto, havia uma distinção efetiva entre talento e habilidade, ou seja, o talento era um fator a ser admirado em um artista, diferentemente, da habilidade que era entendida como algo que pode ser desenvolvida com o tempo. Contudo, mesmo o talento sendo prestigiado pela academia, para de fato ser reconhecido e absorvido nesse sistema era preciso se adequar

as regras e obedecer às tradições, que detinham o poder de estabelecer os padrões que o campo da arte seria norteado.

Novamente, como encontrado no texto de Flusser (1996) e Benjamin (1994), a era da industrialização torna-se um ponto crucial para a história humana devido a profundas rupturas dos elementos tradicionais que compunham por muito tempo os aspectos sócio-culturais, políticos e econômicos da sociedade ocidental, juntamente a esse aspecto, a aceleração dos processos de comunicação, transporte e demais relações com a forma de entendimento do mundo também foram modificadas.

Com isso, o discurso idealizado sobre o progresso científico, acompanhado desde o período o qual o homem iniciou o direcionamento para si da responsabilidade de responder e solucionar a sua relação com o mundo (Antropocentrismo). Diante do contexto supracitado da industrialização e busca desse progresso, para o campo da arte, a academia tornou-se academicista.

A partir da Revolução Francesa e a ascensão da burguesia as considerações sobre a arte passaram a direcionar-se para o indivíduo. Os valores aristocráticos da pintura e escultura começaram a perder espaço. Progressivamente, a pintura e escultura distanciaram do plano da cópia e imitação, fornecendo os primeiros passos para se efetivar uma autonomia do se fazer arte, os artistas denominados vanguardistas condicionados e expostos a todas as mudanças existentes na lógica e contexto do crescimento do capitalismo fundaram essas bases com o uso da psicologia numa substituição da utilizada anatomia para o desenvolvimento de um novo humanismo, uma vez, que para os modernistas se constituíam na crença e nos valores de que a arte era feita com a finalidade de mudar o mundo, assim também ambicionavam o lugar do artista.

De acordo com De Duve (2003), nesse período, as concepções sobre o que poderia definir a nova estrutura para a arte era estabelecer a criatividade como combinação entre percepção e imaginação. O diferencial desse pensamento era que quanto mais próxima essa criatividade estivesse do talento bruto, entendendo que o ensino de Arte deveria ter pouca interferência para a produção do estudante, que deveria seguir a sua “sintaxe imanente”²⁹. Apenas dessa forma a arte poderia efetivamente criar a sua leitura e escrita do mundo visual. Contribuindo para essa questão Read (1972) proporciona uma definição sobre a Arte Moderna:

²⁹ “Sintaxe Imanente” foi o termo utilizado por De Duve (2003) para definir as próprias regras e valores do aluno/artista.

A Arte Moderna é inevitavelmente moderna, mas a sua modernidade é expressa em termos que são estritamente artísticos e, estes são resultado de desenvolvimentos dentro da técnica e ciência da arte. Os grandes artistas que mais determinaram o curso da Arte Moderna – Constable, Turner, Cézanne, Matisse, Picasso, Kandinsky, Klee – eram e são singularmente destituídos de motivação ideológica. Fizeram em sua visão e seu pintar, seguindo o curso inevitável ditado por sua sensibilidade. (READ, 1972. p. 9)

Embora Read (1972) tenha uma concepção diferente sobre os motivos que embasaram a ruptura da arte com o tradicional, o autor concorda com o fato do crescimento da ideia de valorização do indivíduo e, por conseguinte do artista.

A diferença toda entre o movimento moderno na arte e a tradição que prevaleceu durante os cinco séculos precedentes está expressa nesta substituição do descritivo pelo simbólico como a meta da arte (READ, 1972, p. 44). Da mesma forma, Flusser (1996) também discorre sobre as formas de leitura de mundo e das possibilidades de representação dos tipos de realidades.

Na sequência do texto de De Duve (2003) são realizadas considerações sobre as diferenças de alguns termos, e como ao longo desse processo as instituições de ensino foram questionadas e criaram suas próprias ponderações sobre o que seria arte, bem como o seu papel e do artista. Todavia, a constatação que pode ser afirmada é que o fazer arte, como uma ciência que envolve conhecimentos, técnicas e particularidades, muitas vezes, está relacionada diretamente com a estrutura e as novas demandas a partir de questionamentos e reflexões sobre o presente.

Contudo, as influências para José Ribeiro Sobrinho reforçam seu direcionamento artístico para as produções de artistas como: Michelângelo (1475-1564), Donatello (1366-1466), Leonardo da Vinci (1452-1519) e Rafael Sanzio (1483-1520). Em contrapartida, a Arte Moderna para o artista é entendida com ressalvas, devido à ruptura com as perspectivas que perfaziam a produção e aproximação da arte com o real.

Em seu entendimento sobre arte abstrata ele afirma: O que é abstrato? Abstrato não é tudo aquilo que você vê e que não entende, não. Abstrato tem sentido, e se você entrar mesmo na pintura, você vai encontrar alguma coisa. Abstrato é aquilo que está encoberto (José Ribeiro Sobrinho, áudio 110101_005, 23'20'' aos 23'43'').

Ainda sobre o modernismo, José Ribeiro Sobrinho expressa seu conhecimento sobre história da arte e argumenta, por meio de uma declaração de Picasso (1881-1973), a sua escolha por pinturas e técnicas que aproximam com o real, assim ele relata:

Picasso, por exemplo, era uma grande desenhista, um bom desenhista, né? Porém, quando ele viu aquela época do modernismo, que já não tinha tanto valor o real, né? A realidade, você expressar a realidade já não tinha tanto valor, ele escreve uma coisa e fala assim: “ Eu estudei a vida inteira para aprender a desenhar como uma criança”. (...) Ele teve que regredir para agradar a população (José Ribeiro Sobrinho, áudio 110101_005, 26’21’’ aos 27’10’’).

José Ribeiro Sobrinho se intitula como autodidata, iniciou com a pintura e em suas primeiras experiências com esculturas utilizou matérias como barro, pedra-sabão e madeira. O artista relembra que no início teve muita dificuldade de encontrar o barro ideal, depois existia o processo de queimada, com o tempo percebeu que o tempo investido para a produção e outros fatores envolvidos nesse processo com o barro possuía muitos contratempos, optou por buscar outras formas e materiais para trabalhar.

O bronze também foi material utilizado pelo artista, contudo o custo do material se tornou elemento que dificultava sua produção. Por fim, ele conseguiu encontrar em materiais de resina e fibra vantagens como custo e manuseio. Diferentemente de muitos artistas que utilizam molde de gesso para a criação de objetos em resina e fibra, José Ribeiro Sobrinho utiliza jornais para criar os seus moldes, em seguida realiza o acabamento com a resina e fibra.

Outra característica que José Ribeiro Sobrinho destaca, é a particularidade de suas esculturas, como é o caso das esculturas de onças poderem ser consideradas como “Cápsulas do Tempo”, ou seja, no interior desses objetos são inseridos jornais completos, objetos do presente como embalagens, latinhas e outros itens do cotidiano que possam futuramente referenciar o passado.

Eu pegava e começava, e quebrava a cabeça e dava conta, entendeu? Assim *surgiu* as técnicas, muitas técnicas, muitas coisas eu criei, eu não vi muitas pessoas fazer, né? Igual a alguns trabalhos que eu já mencionei a você, bordado em jornal, né? Bordado em jornal e usado vários produtos, igual a objetos, latinha de cervejas, latinhas de refrigerantes, e... garrafas e diversos produtos que hoje se usa, eu uso eles e foram embutidos na escultura porque elas se tornam uma cápsula do tempo, né? Daqui a não sei quantos anos, alguém quebrar, se alguma escultura quebrar e eles tiverem que restaurar, eles vão olhar lá dentro e vão olhar jornais de hoje, né? Jornais completos com histórias do que estava se passando hoje. Revistas de época, e...até mesmo alguns panfletos de lojas, né? E mais um papel que vai falando sobre a minha vida e vai falando meu nome... Então, isso é uma capsula do tempo, são as

minhas esculturas. (José Ribeiro Sobrinho, áudio MVI_2849, aos 26'12'' até 27'42'')

O artista não faz apenas referência ao passado, ele demonstra preocupação também para o cenário atual de decadência da escultura com o avanço da tecnologia, no que se refere à reprodução técnica de objetos, que dificulta o trabalho manual/artesanal de muitos artistas frente à competição com impressoras 3-D.

Ao retornar em sua trajetória, conforme crescia ele morou, a partir da década de 1980, em outras localidades como Vitória (por um ano), onde produziu aos 17 anos uma escultura que foi para a inauguração do antigo Hotel Canto do Sol, situado na Praia de Camburi.

Ele desde criança se aproximou da área artística e realizava trabalhos em sua comunidade, sendo reconhecido por esta, mas dividindo o trabalho artístico com outros trabalhos para seu sustento. Em 1991 foi morar no Rio Grande do Sul, no pólo de produção de calçados e demais produtos provenientes do couro. Entretanto, devido aos desdobramentos da Guerra do Golfo (1990-1991) a região sofreu uma crise econômica pela redução das exportações, tornando difícil para José Ribeiro Sobrinho a sua permanência no local.

Com o passar do tempo, o artista afirma que produziu inúmeros trabalhos em alguns municípios do estado do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e até na Argentina³⁰. Atualmente, José Ribeiro Sobrinho reside no município de Ibatiba -ES, tem 52 anos, é casado e pai de 4 (quatro) filhos. Além de ser responsável por obras como pintura (em igrejas, espaços privados e públicos, comércio...), esculturas, grafites, restauração entre outros, demonstrando dessa forma seu reconhecimento enquanto artista de sua comunidade.

³⁰ Registrado no áudio MVI_2849. Transcrição compreendida no Anexo.



Figura 7: Pintura no interior de igreja em Ibatiba. Artista: José Ribeiro Sobrinho, 2015. Acervo pessoal do artista.

Essa pintura no interior de uma igreja do município de Ibatiba é uma dentre outras que o artista criou não somente nesse município, mas ao entorno das comunidades do Caparaó Capixaba. José Ribeiro Sobrinho também executa o trabalho artístico para propagandas de comerciantes locais e dos espaços públicos da região.



Figura 8: Pintura para comerciante local. Artista: José Ribeiro Sobrinho, 2017. Acervo pessoal do artista.

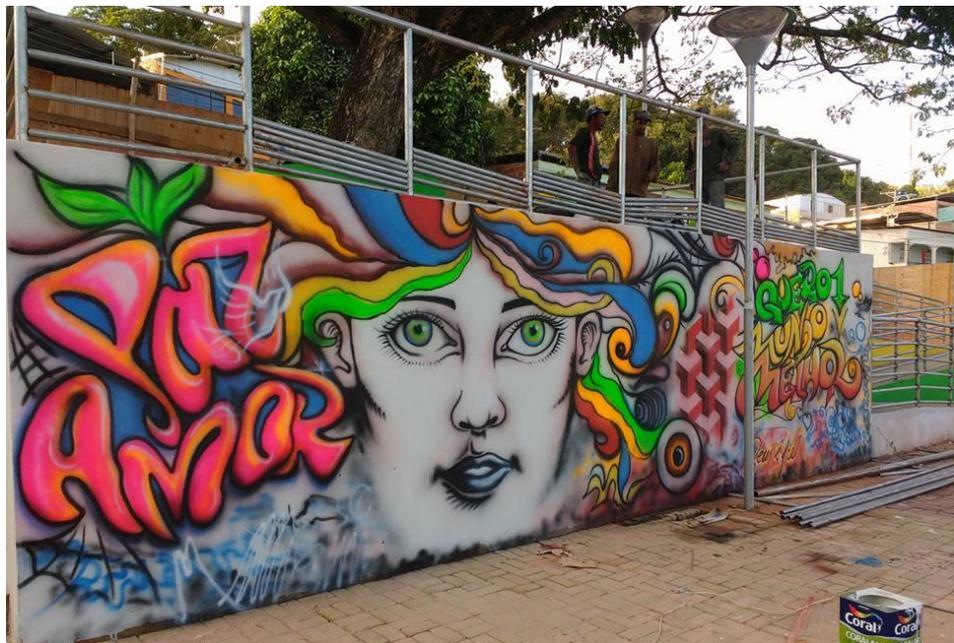


Figura 9: Grafite na Praça do Quilombo, em Iúna-ES. Artista: José Ribeiro Sobrinho, 2016. Acervo pessoal do artista.

O artista, atualmente, promove seu sustento e de sua família não apenas com a arte, ele atua profissionalmente como pedreiro e eletricista. Em nosso primeiro contato ele se apresentou nesta sequência também como “pintor artístico, publicitário, escultor, desenhista, técnico em contabilidade, gestão em agronegócio e restaurador”. Essas são as áreas de sua atuação, além de ser graduando do curso de Engenharia Ambiental, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) de Ibatiba-ES.



Figura 10: Processo de criação da escultura da onça. Artista: José Ribeiro Sobrinho, 2015. Acervo pessoal do artista.

As esculturas de onça (duas produções), em especial, foram encomendadas por particulares da região do Caparaó Capixaba para ornamentar suas paisagens e atrair turistas, uma está localizada no município de Dorés do Rio Preto-ES, na Pousada Águas do Caparaó, sítio de Dalva Ringuier. A outra escultura se encontra no Sítio Mata da Onça, Ibatiba-ES.

José Ribeiro Sobrinho ressalta a importância da valorização de artistas da região, ele reconhece (suas impressões) que, muitas vezes, pessoas que não são da região parecem ter prioridade em relação àqueles que pertencem, no que se refere as modalidades de editais para o exercício dessas atividades.

Todavia, o seu reconhecimento para os órgãos públicos da região foi efetivado após a sua produção de esculturas, em destaque a dos guerrilheiros, em 2013, a partir do convite da Prefeitura de Irupi.

Após esse trabalho, em 2013, ele foi solicitado para fazer a restauração e modificação da obra dos tropeiros de Ibatiba-ES. Essa prefeitura, em 2016, no intuito de revitalizar o centro da cidade encomendou de um artista do município de Guarapari-ES, a criação de esculturas que retratassem os tropeiros, personagens históricos da região que, inclusive, possuem no calendário cultural da cidade uma programação de festividades com aproximadamente 4 (quatro) dias, em meados do mês de setembro.

Após a instalação dessas esculturas, foi percebido que num prazo curto elas começaram a se deteriorar com apenas 3 (três) meses, devido aos materiais³¹ escolhidos por esse artista. Com isso, a prefeitura de Ibatiba-ES solicitou que o responsável pela produção a restaurasse. Entretanto, novamente, a obra se deteriorou dentro do prazo de 6 (seis) meses.

Portanto, com a necessidade de restaurar as obras, em 2017, a referida prefeitura contratou José Ribeiro Sobrinho para realizar o trabalho. Ele fornece garantia sobre a duração de seu trabalho. Além disso, promoveu algumas modificações do projeto original, tanto no material que constituía a estrutura, como alterações estéticas na canastra³², nas roupas de época e o “aceno da mão”³³ de uma escultura.

³¹ Barro e argila, segundo José Ribeiro Sobrinho.

³² Caixote carregado por animais de tração.

³³ Para saudar os motoristas que passam na BR 262.



Figura 11: Monumento aos Tropeiros. Artista/restaurador: José Ribeiro Sobrinho, 2018. Acervo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

Esse Monumento aos Tropeiros se tornou ponto turístico para aqueles que atravessam a região, localiza-se exatamente centro do município de Ibatiba-ES, as margens da BR 262. Na placa de identificação da obra consta o nome de José Ribeiro Sobrinho como restaurador.

Após a finalização do trabalho do Monumento aos Tropeiros de Ibatiba-ES, o artista foi convidado pelo município de Bom Jesus, situado no estado do Rio Grande do Sul, em 2018, para a criação de esculturas que fazem referência desses personagens, que também são elementos históricos dessa região. De acordo com José Ribeiro Sobrinho, já foi enviado um prospecto para análise e, posteriormente, a execução da obra.

O artista tem sua arte reconhecida e a cada dia conquista mais espaço para sua atuação. Ele continua com a premissa que mais incentivos à Arte para artistas capixabas sejam realizados. Também destaca que as escolas também desenvolvam projetos que estimulem e reconheçam essas produções de artistas do Estado. Assim, esta pesquisa se configura como uma possibilidade de contribuir com a nossa história e produção cultural.

3 AS REPRESENTAÇÕES DA REGIÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA

3.1 A região do Caparaó

O Parque Nacional do Caparaó se localiza na divisa entre os Estados do Espírito Santo e Minas Gerais, sendo uma ramificação da Serra da Mantiqueira. A área é reconhecida por possuir a terceira maior montanha do Brasil, denominada Pico da Bandeira com 2.892 (dois mil oitocentos e noventa e dois) metros de altitude. O parque se configura como uma Unidade de Conservação Federal, desde o governo de Jânio Quadros, que foi o vigésimo segundo presidente do Brasil, entre 31 de janeiro de 1961 e 25 de agosto de 1961. Apesar do breve mandato, em 24 de maio de 1961 assinou o decreto federal nº 50.646³⁴ que estabelece a proteção das terras, flora, fauna e as belezas naturais.

A administração responsável pelo parque é do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)³⁵, autarquia federal vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, criada em 2007, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pela lei nº 11.516³⁶ objetivando as diretrizes e estruturas das Unidades de Conservação Federais do País. Neste decreto fica explícito que o ICMBio também pode exercer o poder de polícia ambiental, o que não exclui o exercício supletivo do poder de polícia ambiental pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Para o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)³⁷, o Parque Nacional do Caparaó é uma unidade de Proteção Integral, ou seja, exige uma manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, admitido apenas o uso indireto dos seus recursos a fim de efetivar a preservação da natureza. O conceito de uso indireto determinado pela Lei nº 9.985/2000 define o uso que não envolva consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos naturais. Portanto, com a preservação desse meio ambiente é possibilitada a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e com ênfase ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. A Estrada Parque interliga alguns municípios, distritos e comunidades do entorno

³⁴ BRASIL. Decreto nº 50.646, de 24 de maio de 1961. Poder Executivo, Brasília, DF, 24 mai. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D50646.htm

³⁵ Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/parnacaparao/quem-somos.html>

³⁶ BRASIL. Lei nº 11.516, de 28 de agosto de 2007. Poder Executivo, Brasília, DF, 28 ago. 2007. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11516.htm

³⁷ BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Poder Executivo, Brasília, DF, 18 jul. 2000. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm

direto, sendo esse corredor turístico o pólo onde se encontra a maioria dos empreendimentos que fazem parte do Circuito Caparaó Capixaba.

Segundo o ICMBio, a região do Caparaó possui aproximadamente 31,8 mil hectares, sendo que o Espírito Santo possui a maior extensão territorial, cerca de 80% da área com 11 municípios (Alegre, Divino São Lourenço, Dolores do Rio Preto, Guaçuí, Ibatiba, Ibitirama, Irupi, Iúna, Jerônimo Monteiro, Muniz Freire e São José do Calçado) que compõe a Região do Caparaó Capixaba.

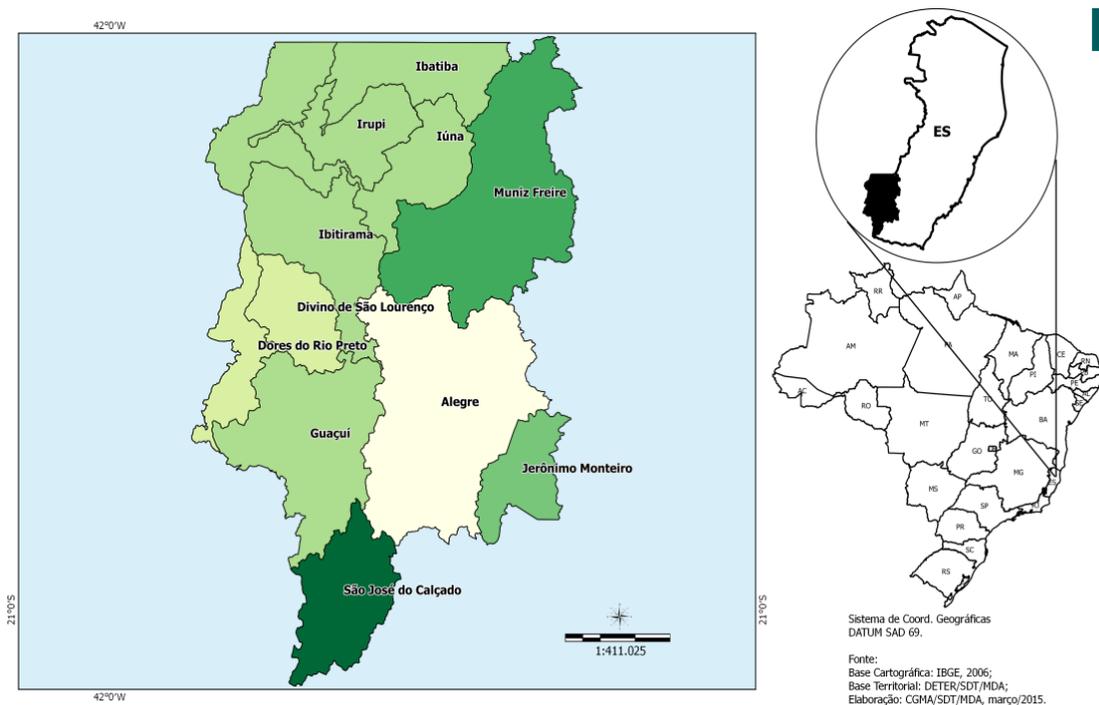


Figura 12: A região do Caparaó Capixaba. Ministério do Desenvolvimento Agrário/Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Elaboração: CGMA, mai/2015.

As comunidades que margeiam a serra são tipicamente rurais e a economia se baseia na agropecuária pela predominância da agricultura familiar, com destaque para a produção de cafés especiais com a combinação de clima e altitude que insere a região entre os melhores cultivos cafeeiros do Brasil. De acordo com perfil territorial do Caparaó (2015), evidencia-se a participação expressiva da agricultura familiar nos índices da região, levando em consideração o processo de urbanização.

| Variável | Valor |
|------------------------------------------------|----------|
| Área (em Km ²) | 3.904,35 |
| População Total (hab.) | 179.590 |
| População Urbana (hab.) | 111.369 |
| População Rural (hab.) | 68.221 |
| Nº de Famílias Assentadas - Reforma Agrária | 341 |
| Número de Projetos - Reforma Agrária | 7 |
| Área Reformada - Reforma Agrária (em hectares) | 3.837 |
| Nº de estabelecimentos da agricultura familiar | 10.098 |
| Pessoal ocupado na agricultura familiar | 28.637 |
| Número de Pescadores | 0 |

**Tabela 1: População da região do Caparaó Capixaba. Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2010); INCRA (2014); Atlas do Desenvolvimento Humano (2014); Índice de Desenvolvimento Humano/PNUD (2014).
Elaboração: CGMA, mai/2015.**

Embora a relação entre população urbana e rural seja diferente, quando se analisa os censos do IBGE de 2000 e 2010 é percebido um relativo crescimento da população, bem como o número maior de população rural nos municípios da região do Caparaó Capixaba, como: Divino de São Lourenço, Ibitirama, Irupi e Muniz Freire.

| Município | Área (em Km ²) | 2000 | | | 2010 | | |
|------------------------|----------------------------|------------------------|-------------------------|------------------------|------------------------|-------------------------|------------------------|
| | | População Total (hab.) | População Urbana (hab.) | População Rural (hab.) | População Total (hab.) | População Urbana (hab.) | População Rural (hab.) |
| Alegre | 772.00 | 31,719 | 19,744 | 11,975 | 30,768 | 21,512 | 9,256 |
| Divino de São Lourenço | 173.88 | 4,817 | 1,612 | 3,205 | 4,516 | 1,742 | 2,774 |
| Dores do Rio Preto | 159.30 | 6,167 | 3,185 | 2,982 | 6,397 | 3,547 | 2,850 |
| Guaçuí | 468.34 | 25,328 | 19,030 | 6,298 | 27,851 | 22,401 | 5,450 |
| Ibatiba | 240.54 | 19,206 | 10,591 | 8,615 | 22,366 | 13,378 | 8,988 |
| Ibitirama | 329.87 | 9,103 | 2,570 | 6,533 | 8,957 | 3,177 | 5,780 |
| Irupi | 184.55 | 10,356 | 3,537 | 6,819 | 11,723 | 4,437 | 7,286 |
| Iúna | 461.08 | 26,110 | 13,875 | 12,235 | 27,328 | 15,620 | 11,708 |
| Jerônimo Monteiro | 161.98 | 10,193 | 6,733 | 3,460 | 10,879 | 8,535 | 2,344 |
| Muniz Freire | 679.32 | 19,687 | 7,202 | 12,485 | 18,397 | 8,670 | 9,727 |
| São José do Calçado | 273.49 | 10,481 | 6,958 | 3,523 | 10,408 | 8,350 | 2,058 |
| Total | 3,904.35 | 173,167 | 95,037 | 78,130 | 179,590 | 111,369 | 68,221 |

Tabela 2: População da região do Caparaó Capixaba. Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2000); IBGE, Censo Demográfico (2010). Elaboração: CGMA, mai/2015.

Assim, também é possível considerar os municípios que possuem números muito próximos entre a população rural e urbana como se enquadram os seguintes municípios: Dores do Rio Preto com diferença de 697 habitantes e Ibatiba sendo o 4^a município mais populoso e com diferença de 4.390 habitantes. Essas referências indicam que dos 11 municípios, pelo menos 6

se caracterizam com elementos que movimentam atividades rurais compartilhando economia, cultura e demais aspectos que identificam uma população rural, mesmo com perímetros urbanos.

Essa informação populacional permite considerações acerca da forma como as informações eram dispostas para essas comunidades no período militar, uma vez que o controle dos meios de comunicação era um instrumento do governo. Logo, essa população por não estar localizada nos grandes centros, com uma frequência maior de interação e troca de informações absorveu bastante da propaganda anticomunista.

O controle acirrado dos meios de comunicação foi determinante para o desmantelamento das organizações de esquerda que aderiram à luta armada no Brasil na década de 60, funcionando como um excelente meio de controle social. A manipulação da palavra escrita, da informação e das notícias através do controle dos meios de comunicação de massa. (NOGUEIRA, 2014, p.41)

Conforme Nogueira (2014) os centros urbanos possuem uma intensa correlações de troca, significados e a pluralidade de grupos sociais e movimentos tende a ampliar mais horizontes de expectativas, ao passo que comunidades mais deslocadas dos grandes centros ou caracterizadas como tradicionais enfatizam seus costumes, práticas, cultura e tradição local, às vezes, encarando com certa “desconfiança” o que não não faz parte de seus valores compartilhados enquanto unidade (grupo).

No contexto do século XVIII e XIX, a região do Caparaó contou com a presença de tropeiros³⁸, que eram comerciantes que utilizavam mulas como transporte pessoal e de suas mercadorias. Eles também foram responsáveis por aberturas de estradas e fundação de vilas e cidades.

A Rota Imperial São Pedro D’alcântara, criada para ligar Vitória à Ouro Preto, em Minas Gerais, atualmente, se apresenta como a ligação entre passado e presente, ela em 2016 completou 200 anos e também se destaca por inserir o Espírito Santo no âmbito da Estrada Real³⁹.

³⁸ Na região sul comercializavam o charque (carne seca) para o sudeste do Brasil. Eles também comercializavam outros tipos de alimentos, animais, produtos e também foram responsáveis por aberturas de estradas e fundação de vilas e cidades.

³⁹ Criada pela Coroa Portuguesa oficializando o trajeto do ouro de Minas Gerais ao Rio de Janeiro.

A capitania do Espírito Santo funcionava como uma barreira natural para impedir o contrabando do ouro e, por isso, o paleógrafo e historiador João Euripedes Franklin Leal⁴⁰ afirma que no auge do ciclo do ouro, por determinação da Coroa Portuguesa, houve a proibição de abertura de estradas na capitania do Espírito Santo em direção a Minas Gerais. O intuito foi de controlar e fiscalizar o trânsito de mercadorias no Brasil. Somente com o declínio da exploração aurífera e com a chegada da Família Real (1808) a colônia, a rota foi oficialmente aberta.

Em 1816, a Rota Imperial foi inaugurada com o objetivo de ligar Vitória à Ouro Preto, em Minas Gerais, com o percurso de Santa Leopoldina a Irupi. Ela é considerada responsável pelo início do desenvolvimento de toda a região sul do Espírito Santo, por meio dos tropeiros que há 200 anos realizavam o transporte de produtos que eram carregados no lombo dos burros e mulas até chegar ao interior do estado.

Ao adentrar ao município de Irupi, local onde se encontra as esculturas que serão analisadas nessa pesquisa, já se pode compreender algumas das características que identificam a comunidade. O território que hoje constituiu o município de Irupi que, primeiramente, pertencia ao município de Vitória. A partir da criação do distrito de Viana (oficialmente em 23 de julho de 1862), Irupi foi anexado a esse distrito até sua qualificação à categoria de município com o nome de São Pedro de Alcântara do Rio Pardo, criado pela lei nº 10, em 14 de junho de 1859⁴¹.

Mesmo com essa categoria, todo o seu território foi incorporado, em 1867, ao município de Cachoeiro de Itapemirim. Com a Constituição Republicana do Estado do Espírito Santo, em 1890, o território se emancipa com o nome de município de Rio Pardo. Posteriormente devido ao crescimento da região, o território ficou conhecido como "Cachoeirinha do Rio Pardo". Apenas em 1943, o nome "Cachoeirinha do Rio Pardo" foi substituído pelo topônimo⁴² Irupi, de origem indígena e que significa "amigo belo e águas branquinhas pequenas", conforme é apresentado pela atual prefeitura.

Ainda sobre o significado do nome, a região possui inúmeras quedas d'água compostas por águas cristalinas e cercada pela área de preservação da mata atlântica. O município também

⁴⁰ *A Rota Imperial da Estrada Real: A Estrada de São Pedro de Alcântara* do paleógrafo e historiador João Euripedes Franklin Leal (2016). Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/02/rota-imperial-completa-200-anos-de-historia-no-es.html>.

⁴¹ Disponível em: <http://www.irupi.es.gov.br/2015/municipio.asp>

⁴² Nome geográfico próprio de região, cidade, vila, povoação, lugar, rio, logradouro público etc.

incorpora a extensão do Parque Nacional do Caparaó, este por sua vez, representa a maior reserva bionatural, bem como o principal santuário de observação de pássaros. As comunidades ao entorno, inclusive Irupi, oferecem muitas possibilidades de práticas esportivas em meio à natureza, como o *mountain bike*, ciclismo ecológico, trilhas e mergulho em piscinas naturais formadas pelas cachoeiras. Diante desse potencial de recursos naturais, o município investe em atividades que intensificam o ecoturismo da região.

3.2 Aspectos políticos: sínteses de votações por municípios das eleições presidenciais (2º turno) de 2018, 2014, 2010, 2006 e 2002.

A finalidade da análise dos votos dos municípios pertencentes à região do Caparaó Capixaba se justifica pela identificação do posicionamento político dessa comunidade após a abertura da redemocratização do Brasil, bem como abarcar o território pelo qual os guerrilheiros atravessaram e se disfarçaram, no período compreendido entre 1966 e 1967.

Compreender a forma como os membros dessas comunidades se posicionam politicamente e como ocorrem as dinâmicas com grupos de oposição tornam-se indispensáveis para tentar estabelecer a relação das esculturas dos guerrilheiros com o histórico dessa região.

A princípio, o recorte geográfico consistia no município de Irupi, devido à localização das esculturas, na Gruta de São Quirino. Entretanto, como houve mudanças territoriais e a emancipação de Irupi só ocorreu em 1989, por conseguinte, não haveria como realizar análises iniciais do processo eleitoral, além do fato da constante locomoção pela região do Caparaó Capixaba pelo grupo de resistência ao governo. Assim, para melhor compreensão da ideia de guerrilheiros o recorte geográfico foi ampliado para os 11 municípios que perfazem essa região, a fim de atender as demandas da análise política.

É importante estar ciente que a população e o número de eleitores que compõem a região do Caparaó Capixaba, diferentemente, da região metropolitana de Vitória e demais outros pólos que possuem altos índices populacionais, não podem ser entendidos com o mesmo peso em relação à quantidade de votos válidos registrados.

Além disso, outros fatores como circulação de informação, capital cultural, existência de grupos e movimentos sociais que atuam politicamente e as próprias diferenças histórico culturais também devem ser levados em consideração.

No que tange aos parâmetros avaliados foi definido que os municípios com valor maior ou igual a 60% seriam considerados como bem votados, ao passo que as menores diferenças percentuais também consistiriam como elemento observado. Dessa forma, a análise entre os partidos que compunham o segundo turno das eleições presidenciais de 2018, 2014, 2010, 2006 e 2002 (nessa sequência), pelos votos por municípios, pode ser percebida em suas contradições.

As fontes utilizadas nas tabelas a seguir, majoritariamente, reúnem dados de sites oficiais como o Tribunal Regional Eleitoral/ES e Tribunal Superior Eleitoral, exceto a da eleição de 2018. Portanto, mesmo que as fontes sejam diferentes, os dados provêm de instituições oficiais, sendo resultado da pesquisa e disponibilidade ou indisponibilidade de cada instituição responsável.

3.2.1 Eleição de 2018 (2º Turno)

| MUNICÍPIO | BOLSONARO (PSL)/votos | HADDAD (PT)/votos |
|---------------------|-----------------------|-------------------|
| Alegre | 58,26% (9.243) | 41,74% (6.621) |
| Divino São Lourenço | 62,41% (1.685) | 37,59% (1.015) |
| Dores do Rio Preto | 55,46% (2.254) | 44,54% (1.810) |
| Guaçuí | 66,07% (9.516) | 33,93% (4.887) |
| Ibatiba | 68,15% (8.640) | 31,85% (4.037) |
| Ibitirama | 62,63% (3.003) | 37,37% (1.792) |
| Irupi | 68,67% (4.799) | 31,33% (2.190) |
| Iúna | 68,91% (9.747) | 31,09% (4.398) |
| Jerônimo Monteiro | 62,41% (4.159) | 37,59% (2.505) |
| Muniz Freire | 60,38% (5.841) | 39,62% (3.833) |
| São José do Calçado | 51,23% (2.994) | 48,77% (2.850) |

Tabela 3: Eleição de 2018 (2º Turno). Fonte: <http://especiais.g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/mapa-da-apuracao-no-brasil-presidente/2-turno/>

A fonte utilizada para essa tabela se difere das demais tabelas devido à dificuldade de encontrar nas instituições oficiais a informação referente aos votos por município nessa eleição presidencial. Portanto, esse *site* proporciona que se realize a consulta por município, além de conter informações que são confirmadas em outras fontes.

Em 2018, a vitória de Bolsonaro pelo Partido Social Liberal (PSL) foi unânime sobre seu adversário Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT) na região do Caparaó Capixaba, apenas em São José do Calçado, inclusive, com a menor diferença entre os votos, ou seja, registro de 2,46% (144 votos) sugere uma disputa mais acirrada entre os candidatos.

Os municípios que tiveram diferenças de votos maior ou igual a 60% foram: Divino São Lourenço, Guaçuí, Ibatiba, Ibitirama, Irupi, Iúna, Jerônimo Monteiro e Muniz Freire. Portanto, dos 11 (onze) municípios da região do Caparaó Capixaba 8 (oito) deles votaram em Bolsonaro (PSL), com a diferença supracitada. Destaca-se Iúna que lidera com 68,91% (9.747 votos), estabelecendo uma diferença de 5.349 votos.

3.2.2 Eleição de 2014 (2º Turno)

| MUNICÍPIO | DILMA (PT)/votos | AÉCIO (PSDB)/votos |
|---------------------|------------------|--------------------|
| Alegre | 50,27% (8.573) | 49,73% (8.482) |
| Divino São Lourenço | 35,21% (945) | 64,79 % (1.739) |
| Dores do Rio Preto | 61,51% (2.507) | 38,49% (1.569) |
| Guaçuí | 38,87% (5.663) | 61,13% (8.905) |
| Ibatiba | 37,79% (4.681) | 62,21% (7.707) |
| Ibitirama | 42,47% (2.086) | 57,53% (2.826) |
| Irupi | 40,23% (2.557) | 59,77% (3.799) |
| Iúna | 36,80% (5.376) | 63,20% (9.234) |
| Jerônimo Monteiro | 50,41% (3.562) | 49,59% (3.504) |
| Muniz Freire | 55,57% (5.742) | 44,43 (4.591) |
| São José do Calçado | 61,80% (3.969) | 38,20% (2.453) |

Tabela 4: Eleição de 2014(2º Turno). Fonte: <http://www.tre-es.jus.br/imprensa/noticias-tre-es/2014/Outubro/resultado-das-eleicoes-2014>

Nessa eleição o PT venceu em 5 (cinco) dos 11 (onze) municípios da região, sendo eles: Alegre, Dores do Rio Preto, Jerônimo Monteiro, Muniz Freire e São José do Calçado. Vale ressaltar que as 2 (duas) menores diferenças de voto estão em Jerônimo Monteiro com 0,82% (58 votos) e Alegre com 0,54% (91 votos).

No que se refere à maior diferença entre votos, novamente, Iúna, Guaçuí e Ibatiba depositaram seus votos para o partido opositor ao PT, nesse caso, com o candidato Aécio Neves com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Nesse sentido, Divino São Lourenço também abriu distância entre os votos com 29,58% (794 votos).

Embora, seja percebida uma nítida divisão entre os votos, o candidato Aécio (PSDB) foi vitorioso no Estado do Espírito Santo com 53,85% (1.064.067 votos) contra 46,15% (911.906 votos) de sua Adversária, a Dilma Rousseff (PT).

3.2.3 Eleição de 2010 (2º Turno)

| MUNICÍPIO | DILMA (PT)/votos | SERRA (PSDB)/votos |
|---------------------|------------------|--------------------|
| Alegre | 42,68% (7.334) | 57,32% (9.851) |
| Divino São Lourenço | 37,80% (1.002) | 62,20% (1.649) |
| Dores do Rio Preto | 51,72% (2.229) | 48,28% (2.081) |
| Guaçuí | 39,44% (5.884) | 60,56% (9.034) |
| Ibatiba | 39,13% (4.806) | 60,87% (7.476) |
| Ibitirama | 36,12% (1.743) | 63,88% (3.083) |
| Irupi | 38,73% (2.396) | 61,27% (3.791) |
| Iúna | 34,46% (5.071) | 65,54% (9.645) |
| Jerônimo Monteiro | 46,47% (3.138) | 53,53% (3.615) |
| Muniz Freire | 50,83% (5.174) | 49,17% (5.006) |
| São José do Calçado | 59,30% (3.756) | 40,70% (2.578) |

Tabela 5: Eleição de 2010(2º Turno).Fonte: <http://www.tre-es.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2010>

A particularidade na eleição para presidente de 2010 foi a conquista da primeira presidente do Brasil, representada por Dilma Rousseff (PT), que disputou com José Serra (PSDB). Apenas em 3 (três) dos 11 (onze) municípios o PT foi vitorioso, inclusive com a menor diferença entre os votos, assim: Dores do Rio Preto com diferença de 3,44% (148 votos) e Muniz Freire com 1,66% (168 votos).

O outro município que elegeu o PT foi São José do Calçado, que conseguiu 59,30% (3.756 votos). Em contrapartida, os municípios com registro de maior ou igual a 60% dos votos foram Iúna (liderando mais uma vez), além de Ibitirama, Divino São Lourenço, Irupi, Ibatiba e Guaçuí.

3.2.4 Eleição de 2006 (2º turno)

| MUNICÍPIO | LULA (PT)/votos | ALCKMIN (PSDB)/votos |
|---------------------|------------------|----------------------|
| Alegre | 62,818% (10.941) | 37,182% (6.476) |
| Divino São Lourenço | 58,230% (1.592) | 41,770 % (1.142) |
| Dores do Rio Preto | 67,238% (2.668) | 32,762 % (1.300) |
| Guaçuí | 57,410% (8.329) | 42,590% (6.179) |
| Ibatiba | 52,201% (6.190) | 47,799% (5.668) |
| Ibitirama | 68,592% (3.409) | 31,408% (1.561) |
| Irupi | 61,061% (3.511) | 38,939% (2.239) |
| Iúna | 58,106% (8.469) | 41,894% (6.106) |
| Jerônimo Monteiro | 67,885% (4.663) | 32,115% (2.206) |
| Muniz Freire | 66,957% (6.831) | 33,043% (3.371) |
| São José do Calçado | 68,565% (4.491) | 31,435% (2.059) |

Tabela 6: Eleição de 2006(2º Turno). Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2006/candidaturas-e-resultados/votacao-por-municipio-2006>

Excepcionalmente, nesta eleição de 2006 todos os 11 (onze) municípios da região do Caparaó Capixaba elegeram o Inácio Lula da Silva (PT), que teve como adversário o Geraldo Alckmin (PSDB).

Neste ano de 2006 houve a reeleição à presidência de Lula (PT), apesar dessa região do Caparaó sugerir uma preferência maior a partidos que não tenham base ideológica de esquerda, ou seja, tendem a um posicionamento político marcado pela predileção de partidos que tenham como ideologia uma tendência conservadora.

Assim, a escolha unânime por toda a região, que ainda é destacada com 6 (seis) dos 11 (onze) municípios, sendo: Alegre, Dolores do Rio Preto, Ibitirama, Jerônimo Monteiro, Muniz Freire e São José do Calçado com o registro maior ou igual a 60% de votos. Isso evidencia uma aprovação dos projetos e da gestão realizados no mandato anterior do ex-presidente Lula (PT).

3.2.5 Eleição de 2002 (2º Turno)

| MUNICÍPIO | LULA (PT)/votos | SERRA (PSDB)/votos |
|----------------------|-----------------|--------------------|
| Alegre | 47,216% (7.538) | 52,784% (8.427) |
| Divino São Lourenço | 35,863% (827) | 64,137% (1.479) |
| Dolores do Rio Preto | 42,335% (1.367) | 57,665% (1.862) |
| Guaçuí | 53,313% (6.903) | 46,687% (6.045) |
| Ibatiba | 30,112% (2.913) | 69,888% (6.761) |
| Ibitirama | 38,913% (1.511) | 61,087% (2.372) |
| Irupi | 33,453% (1.586) | 66,547% (3.155) |
| Iúna | 37,144% (4.939) | 62,856% (8.358) |
| Jerônimo Monteiro | 45,981% (2.460) | 54,019% (2.890) |
| Muniz Freire | 51,424% (4.660) | 48,576% (4.402) |
| São José do Calçado | 49,931% (2.894) | 50,069% (2.902) |

Tabela 7: Eleição de 2002 (2º Turno). Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2002/candidaturas-votacao-e-resultados/votacao-por-municipio-candidato-eleicoes-2002>

Nesta eleição que concretizou a primeira vitória do Lula (PT) à presidência, somente 2 (dois) municípios apoiaram essa gestão, sendo eles: Guaçuí com 53,313% (6.903) e Muniz Freire com 51,424% (4.660). Os demais municípios garantiram a vitória do adversário Serra (PSDB).

Vale ressaltar que Muniz Freire, no decorrer dessas análises, foi o único município que forneceu apoio ao PT em 4 (quatro) das 5 (cinco) eleições analisadas. Na sequência, Dorés do Rio Preto e São José do Calçado, ambos apoiaram em 3(três) das 5 (cinco) eleições analisadas.

3.2.6 Aspectos políticos: sínteses de votação por município nas eleições presidenciais (2º turno) de 1989, 1994 e 1998

As análises realizadas das eleições referentes a 2002, 2006, 2010 e 2014, as fontes utilizadas para a retirada dos dados foram o site oficial do Tribunal Superior Eleitoral e Tribunal Regional Eleitoral/ES, com exceção da eleição de 2018, pelo motivo já explicado. No entanto, para o diagnóstico das eleições de 1989, 1994 e 1998, que não estão disponíveis no site oficial resultou a necessidade de reconfiguração da tabela.

Assim, de acordo com o *Atlas das Eleições Presidenciais*, esta análise obedece a classificação dos municípios que tiveram a maior e a menor média de votação na esquerda. Por votação na esquerda se considera o percentual de votos válidos no PT no segundo turno em 1989.

Todavia, em 1994 e 1998, quando não houve segundo turno, foi necessário fazer um “segundo turno simulado” para que estas eleições tenham peso igual às outras. Com isso, em 1994, considera-se como votação na esquerda a participação da votação em Lula (PT) e Leonel Brizola Partido com o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no total da votação de Lula (PT), Brizola (PTB), Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Esperidião Amin do Partido Democrático Social (PDS).

Por outro lado, em 1998, considera-se a participação da votação em Lula (PT) no total da votação de Lula e FHC. O critério foi escolhido pelo fato do partido de Brizola ter apoiado Lula e o partido de Amin ter apoiado FHC, em 1998.

Destaca-se que como muitos novos municípios foram criados desde 1989, consideram-se apenas os 4400 municípios que existiam durante essas eleições.

| CÓDIGO | MUNICÍPIO | MÉDIA | 1989 | 1994 | 1998 | LOCALIZAÇÃO |
|--------------|---------------------|-------|------|------|------|---------------|
| 3240 | Alegre | 39.1% | 30% | 20% | 20% | Parte 1, p.23 |
| Sem registro | Divino São Lourenço | | | | | |
| 3312 | Dores do Rio Preto | 38.6% | 28% | 11% | 9% | Parte 2, p.25 |
| Sem registro | Guaçuí | | | | | |
| 4345 | Ibatiba | 27.7% | 17% | 10% | 7% | Parte 2, p.56 |
| 3900 | Ibitirama | 33.8% | 29% | 12% | 10% | Parte 2, p.43 |
| Sem registro | Irupi | | | | | |
| 4227 | Iúna | 30% | 23% | 11% | 9% | Parte 2, p.53 |
| 3202 | Jerônimo Monteiro | 39.4% | 31% | 19% | 15% | Parte 2, p.22 |
| 3136 | Muniz Freire | 39.9% | 33% | 18% | 15% | Parte 2, p.20 |
| 2054 | São José do Calçado | 47.5% | 48% | 24% | 20% | Parte 1, p.63 |

Tabela 8: Eleições de 1989, 1994 e 1998. Fonte:

[83TTPS://sites.google.com/site/atlasleicoespresidenciais/ranking-dos-municipios-por-preferencia-ideologica](https://sites.google.com/site/atlasleicoespresidenciais/ranking-dos-municipios-por-preferencia-ideologica)

Nota-se que não constam nos registros os municípios de Divino São Lourenço, Guaçuí e Irupi. Nessa tabela, é possível encontrar na ordem decrescente dos percentuais, principalmente, na reeleição de FHC (PSDB), em 1998. A possível interpretação indica a aprovação e desejo da continuação de seu mandato.

Para a região do Caparaó Capixaba que nesse período, basicamente, pode ser considerada rural, a representatividade política de partidos com ideologia de esquerda ainda estava criando suas bases. Portanto, a partir da vitória de Lula (PT), em 2002, percebe-se que a disputa começa a se acirrar em determinados municípios, ainda assim, a maioria dos votos é destinada a partidos conservadores.

3.3 Educação: as representações de estudantes de Irupi sobre Arte e História no contexto da Guerrilha do Caparaó

Com o objetivo de investigar como são percebidas e avaliadas as interpretações acerca da Ditadura Civil-Militar brasileira, assim como o alcance que o conteúdo de Arte tem para os

jovens de Irupi foi elaborado um questionário com questões objetivas e subjetivas para que os estudantes pudessem respondê-las conforme seus conhecimentos.

Dessa maneira, as questões subjetivas foram direcionadas com ênfase no estudante, ou seja, a intenção foi apenas de extrair as concepções existentes desse grupo. Por isso, a escolha de frases como “qual é a imagem que vem a sua cabeça” e “o que você sabe sobre” centraliza o processo no estudante sem determinar e classificar como certo e errado. Além disso, eles foram avisados que não eram obrigados a responder e que o questionário era apenas uma ferramenta para identificar alguns dados na comunidade.

Basicamente, as perguntas foram divididas 2 (dois) eixos, sendo as questões de número 01, 02, 03, 04 e 06 destinadas a compreender a relação da Arte com a Comunidade, bem como o imaginário de guerrilheiro. Logo, as questões de número 05 e 07 se referem aos conhecimentos históricos.

O público alvo escolhido foi do 9º ano de EF e as turmas de 1º, 2º e 3º ano do EM, tendo em vista que sobre o conteúdo de Ditadura Civil-Militar, segundo o currículo escolar a partir do 9º ele deve ser iniciado.

Assim, duas escolas foram escolhidas para atender ao público alvo almejado, sendo elas: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Bernardo Horta e a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) Prof Eny Leal machado, totalizando 250 questionários respondidos.

No processo de análise dos questionários foram contabilizadas as questões objetivas e as questões discursivas foram agrupadas mediante repetições de sentenças. É importante destacar que muitas questões não foram respondidas, isso não necessariamente sugere o desconhecimento da temática, apenas que houve muita omissão de respostas.

3.3.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM): Bernardo Horta.

De acordo com o QEdu⁴³, que é uma plataforma aberta e gratuita, com o objetivo de fornecer acesso a informações e dados para que se acompanhe a qualidade do aprendizado dos alunos

⁴³ (QEdu, 2020). Disponível em: <https://www.qedu.org.br/sobre>.

das escolas públicas estaduais e municipais brasileiras, a EEEFM Bernardo Horta é uma escola localizada no centro de Irupi, na Rua João Mariano, em área urbana.

A Unidade de Ensino (UE) Bernardo Horta, na análise de 2018 (último ano de dados), nos anos iniciais (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano) contou com 96 estudantes, nos anos finais (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano) teve 545 estudantes, no Ensino Médio o número foi de 222, na Educação Especial com 28 estudantes, sendo o destaque na modalidade Educação para Jovens e Adultos (EJA) que contou com a participação de 271 estudantes.

Esse dado sobre o EJA indica uma maior quantidade de pessoas que retornaram ao ambiente escolar em relação a composição total do Ensino Médio regular. As razões podem ser variadas, desde ao número de reprovações, aqueles que precisaram se dedicar ao trabalho e teve que abandonar a educação formal, e mesmo aqueles que nunca tiveram a oportunidade de estudar e agora com idade mais avançada optou por concluir esse ciclo.

Nas análises de cada ano abordado existe uma média de idades dos discentes que responderam o questionário. Embora exista diferenças de idades, grande parte está com a faixa etária adequada para sua turma. Todavia, na análise de 2018 do QEd⁴⁴, os índices de distorção de idade-série podem ser considerados altos, isto é, a cada 100 estudantes, aproximadamente, 23 estavam com atraso de 2 anos ou mais.

A estrutura física e os recursos materiais e humanos disponíveis são bem classificados, em proporção é a maior escola da região e atende muitos alunos que residem fora do centro de Irupi.

Quanto ao desempenho escolar de 2018⁴⁵, ao final de um ano letivo, para obter tal média os alunos matriculados em escolas públicas brasileiras podem ser aprovados, reprovados ou abandonar os estudos. Logo, a soma da quantidade de alunos que se encontram em cada um destas situações constituem a Taxas de Rendimento: (Aprovação + Reprovação + Abandono = 100%).

⁴⁴ (QEd, 2020). Disponível em: https://www.qedu.org.br/escola/167693-eeefm-bernardo-horta/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageId=initial_years&year=2017

⁴⁵(QEd, 2020). Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/167693-eeefm-bernardo-horta/taxas-rendimento>

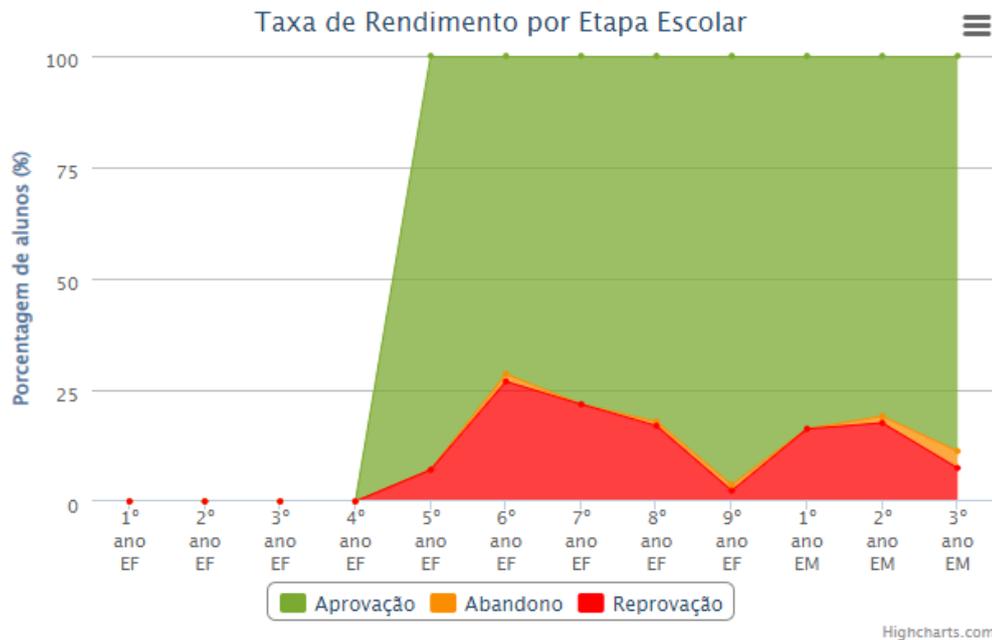


Gráfico 1: Taxa de Rendimento da EEEFM Bernardo Horta, Qedu, 2018.

Como pode ser observado, os registros de maior reprovação e abandono se encontram nas fases de mudança dos ciclos, ou seja, no Ensino Fundamental para aqueles que ingressam no 6º ano, com abandono superior e para o Ensino Médio a maior taxa se concentra para os que estão no 2º ano, ressaltando que embora a taxa de reprovação diminua no 3º ano, em contrapartida, o número de abandono é superior.

No que se refere a dinâmica para a realização do questionário, a escolha da data 17/09/2019 foi por meio de um arranjo e organização de horários com a UE Bernardo Horta e a UE Prof Eny Leal Machado com a finalidade de que no mesmo dia o questionário pudesse ser efetivado no período matutino. Uma vez que pela programação, no turno vespertino, o momento foi dedicado a uma roda de conversa (registrada) com alguns membros da comunidade.

3.3.2 Questionário da EEEFM Bernardo Horta

3.3.2.1 Turma de 3º ano do EM

| ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: BERNARDO HORTA ANO/TURMA: 3º ANO DO EM 44 ESTUDANTES | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------------|
| QUESTÃO 1: Você conhece alguma obra de arte em Irupi? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 6 |
| | NÃO | 38 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Esculturas dos Guerrilheiros (Gruta de São Quirino) | 5 |
| | 2) Museu do Zé. | 1 |
| QUESTÃO 2: Conhece ou já ouviu falar da Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 35 |
| | NÃO | 9 |
| QUESTÃO 3: Sabia que existem 2 (duas) esculturas de “guerrilheiros” na Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 14 |
| | NÃO | 28 |
| | SEM RESPOSTA | 2 |
| QUESTÃO 4: Conhece o artista José Ribeiro Sobrinho (criador das esculturas dos guerrilheiros)? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 0 |
| | NÃO | 44 |
| CONHECE OUTRO TRABALHO DELE? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 0 |
| | NÃO | 43 |
| | SEM RESPOSTA | 1 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | Nenhuma | Nenhuma |
| QUESTÃO 5: Já ouviu falar sobre a Guerrilha do Caparaó? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 12 |
| | NÃO | 31 |
| | SEM RESPOSTA | 1 |

| Caso afirmativo, o quê ouviu? De quem ou qual foi a fonte? | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| FONTE | COMENTÁRIO | QUANTIDADE |
| Jornal do ES: reportagem de 09/09/2019. | Sem registro | 6 |
| Professores | Sobre o local de esconderijo. | 3 |
| Colega | Descoberta recente | 2 |
| Sem registro | Pessoas contra ditadura lutaram contra o exército. | 2 |
| Pai | Que viu um DVD, não lembro ao certo. | 1 |
| Internet (pesquisa própria) | Sem registro | 1 |
| QUESTÃO 6: | | |
| Qual é a imagem que vem à sua cabeça quando pensa em guerrilheiro? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Guerra. | 13 |
| | 2) Soldado de guerra/guerrilha (guerreiro). | 8 |
| | 3) Soldados/cidadãos em guerra. | 4 |
| | 4) Vestido com roupa de exército/guerra. | 4 |
| | 5) Sem resposta. | 2 |
| | 6) Um homem em cima de um cavalo e armado. | 2 |
| | 7) Guerra, morte, tortura | 1 |
| | 8) Não sei. | 1 |
| | 9) Muitas pessoas lutando. | 1 |
| | 10) de pessoas que lutaram pelos seus direitos. | 1 |
| | 11) guerra entre soldados. | 1 |
| | 12) Uma guerra no alto do Caparaó. | 1 |
| 13) Grupo rebelde que lutaram contra a ordem do governo e por seus direitos. | 1 | |
| QUESTÃO 7: | | |
| O que você sabe sobre Ditadura Militar no Brasil? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Sem resposta | 15 |
| | 2) Que os militares tomaram o poder no Brasil. | 8 |
| | 3) Brasil governado por militares. Período de repressão e censura que várias pessoas foram torturadas e até mortas. | 4 |
| | 4) Período que os militares tomaram o poder no Brasil. Existia censura a imprensa, não havia liberdade de expressão. | 2 |
| | 5) As pessoas não tinham liberdade de expressão. | 2 |
| | 6) A pessoa não tinha liberdade de expressão e quem fosse contra as regras era morto. | 2 |
| | 7) Momento muito ruim com militares no poder. | 1 |
| | 8) Censura. | 1 |
| | 9) Brasil governado por militares. Período de repressão e censura, em que várias pessoas obedeciam seu governo. | 1 |
| 10) Período de 20 anos da chamada ditadura civil-militar, em que os militares tomaram o | 1 | |

| | | |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|
| | poder se João Goulart (presidente), na busca de eliminar uma “ameaça comunista”. Período de repressão a qualquer tipo de manifestação popular. | |
| | 11) Foram pessoas de regimes pesados que queriam ordem a todo custo, impondo torturas e muitas vezes matando. | 1 |
| | 12) Tortura, mortes... | 1 |
| | 13) Muitas mortes e perseguição. | 1 |
| | 14) Não sei | 1 |
| | 15) Período histórico: guerra fria, governo de caráter autoritário e nacionalista. | 1 |
| | 16) Onde ocorreram vários preconceitos Mortes e brigas. | 1 |

Tabela 9: Questionário da turma de 3º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta. 17 set. 2019. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

MÉDIA DE IDADE:

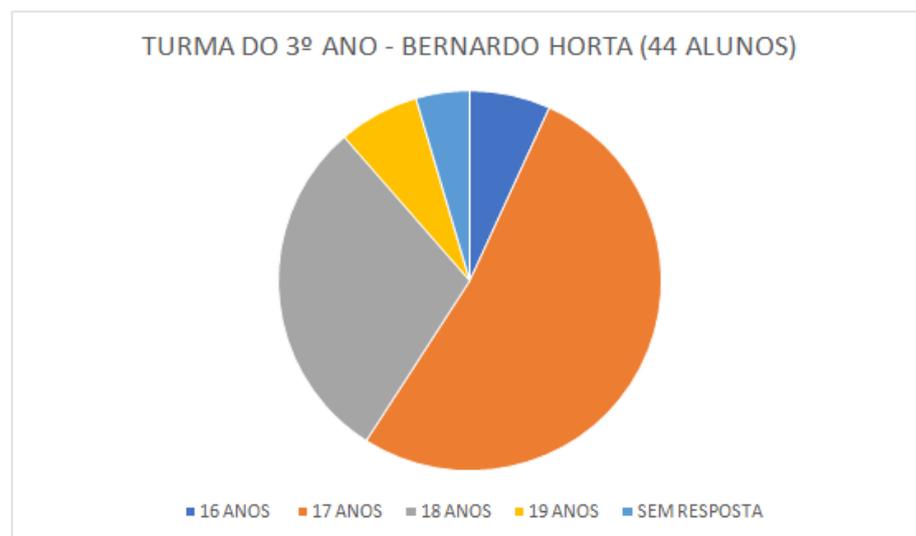


Gráfico 2: Média de idade da turma de 3º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta. 17 set. 2019. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>TURMA 3º ANO BERNARDO HORTA: (44 ALUNOS)</p> <p>16 ANOS – 3 ALUNOS 17 ANOS – 23 ALUNOS 18 ANOS – 13 ALUNOS 19 ANOS – 3 ALUNOS SEM RESPOSTA – 2 ALUNOS</p> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Para os 44 discentes do 3º ano do Ensino Médio (EM), quando perguntados sobre o conhecimento de alguma obra de arte em Irupi, a maioria das respostas foi negativa, totalizando 38. Ou seja, apenas 6 (seis) respostas foram positivas, sendo (5) cinco relacionadas as esculturas dos guerrilheiros.

Esse dado é importante, pois o termo obra de arte para muitos têm significados diferentes, ou seja, o entendimento de uma produção artística como obra para muitos é entendida como algo estabelecido por instituições e, muitas vezes, tem um reconhecimento a nível mundial.

Outro fator que se destaca é que os estudantes têm ciência quanto a existência das esculturas, na Gruta do de São Quirino, entretanto muitos responderam não ter conhecimento de obras de arte no município. Essa questão pode ser melhor compreendida quando se pergunta no terceiro item sobre a existência das esculturas, na referida gruta, a resposta é afirmativa, 5 (cinco) estudantes identificam as esculturas como obra de arte no montante de 14 (quatorze) que afirma ter ciência que na gruta existem as duas produções.

Logo, é possível confirmar que quanto à localização geográfica da Gruta de São Quirino (questão 2) os estudantes demonstram conhecer, pois 35 (trinta e cinco) dos 44 (quarenta e quatro) responderam “sim”, todavia sobre a obra são poucos.

Acerca do artista (José Ribeiro Sobrinho) e suas produções na região do Caparaó, o desconhecimento foi unânime. Talvez, por meio de trabalhos articulados com os professores de Arte e História, bem como uma parceria com o Museu do Zé⁴⁶ os estudantes possam explorar a história local e as potencialidades atrativas do município.

Na quinta questão, quando se pergunta sobre a Guerrilha do Caparaó, apenas 12 (doze) estudantes responderam que sabiam. O número é pequeno se analisar que esse contexto faz parte da história local. A forma como os discentes responderam sobre seus conhecimentos acerca desse tema se estruturou da seguinte maneira: metade das respostas (6) estava relacionada à reportagem do Jornal do Espírito Santo (TV Gazeta), ocorrida no dia 09/09/2019, que informou a descoberta de armas e outros objetos utilizados pelos guerrilheiros que foram enterradas no município de Iúna, antes da captura do grupo. Apenas 3 (três) estudantes afirmaram conhecer por meio de seus professores. A menção de ouvir de pessoas mais velhas foi de apenas 1 (um).

⁴⁶ (Museu do Zé, 2020). Disponível em: <http://www.irupi.es.gov.br/2015/galeria2.asp?th=2&item=52&path=museu-do-ze/&gID=52&action=displayfiles>

Ainda na perspectiva de entender a como os discentes ouviram de seus parentes ou pessoas mais velhas sobre o período da Ditadura Militar no Brasil, não houve 1 (uma) resposta que mencionasse essas fontes. Inclusive, 15 (quinze) estudantes não responderam a questão.

As demais respostas podem ser classificadas como muito sintetizadas, com utilização de palavras em sequência como “censura, tortura, mortes...”. Somente 1 (uma) resposta que afirmou: “Período de 20 anos da chamada ditadura civil-militar, em que os militares tomaram o poder se João Goulart (presidente), na busca de eliminar uma ‘ameaça comunista’. Período de repressão a qualquer tipo de manifestação popular.” (questão 7, item 10) foi avaliada como mais próxima.

A escolha de abordar turma de 3º ano que, teoricamente, desde o 9º ano o conteúdo sobre Ditadura Militar já compõe o currículo escolar, isto é, os estudantes deveriam conhecer minimamente sobre o contexto histórico.

No que compete à história local (região do Caparaó), infelizmente, é percebido que não é um problema apenas dessa comunidade, e sim, de muitas outras que não trabalham efetivamente a história local, embora essa temática faça parte dos currículos. Assim, frequentemente, a história local é abordada nos veículos de comunicação, nas redes sociais ou em grupos dentro da comunidade, que muitas vezes reproduzem de forma limitante.

Ao analisar o imaginário sobre um guerrilheiro (questão 6), novamente, as respostas foram com palavras soltas remetendo à guerra (13 respostas), soldados (8 respostas) e até um homem em cima de um cavalo armado (2 respostas). O objetivo dessa questão é comparar esteticamente como os guerrilheiros são concebidos pelos estudantes e a maneira como as esculturas foram representadas na gruta. Ao final das análises do questionário de todas as turmas serão abordadas especificamente as definições que mais se repetiram e o significado das terminologias.

Entende-se que a educação brasileira necessita de efetivas mudanças e investimentos que auxiliem na construção de uma gestão democrática que envolva a participação de toda a comunidade escolar, por meio do diálogo e construções conjuntas de ações e projetos que estimulem a participação na sociedade.

3.3.2.2 Turma de 2º ano do EM

| ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: BERNARDO HORTA ANO/TURMA: 2º ANO DO EM 72 ESTUDANTES | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|-------------------|
| QUESTÃO 1: Você conhece alguma obra de arte em Irupi? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 3 |
| | NÃO | 69 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Esculturas dos Guerrilheiros (Gruta de São Quirino) | 3 |
| QUESTÃO 2: Conhece ou já ouviu falar da Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 60 |
| | NÃO | 12 |
| QUESTÃO 3: Sabia que existem 2 (duas) esculturas de “guerrilheiros” na Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 33 |
| | NÃO | 36 |
| | SEM RESPOSTA | 2 |
| QUESTÃO 4: Conhece o artista José Ribeiro Sobrinho (criador das esculturas dos guerrilheiros)? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 2 |
| | NÃO | 70 |
| CONHECE OUTRO TRABALHO DELE? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 0 |
| | NÃO | 72 |
| | SEM RESPOSTA | 0 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | Nenhuma | Nenhuma |
| QUESTÃO 5: Já ouviu falar sobre a Guerrilha do Caparaó? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 16 |
| | NÃO | 52 |
| | SEM RESPOSTA | 4 |
| Caso afirmativo, o quê ouviu? De quem ou qual foi a fonte? | | |
| FONTE | COMENTÁRIO | QUANTIDADE |
| Sem registro | Sem resposta. | 31 |

| | | |
|-----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|---|
| Professores | -Uma guerra no Caparaó. - Luta contra o regime militar. | 3 |
| Sem registro | Não sei. | 3 |
| Jornal do ES: reportagem de 09/09/2019. | Sem registro. | 2 |
| Museu do Zé | Conflito onde algumas pessoas e soldados se esconderam na Gruta de São Quirino para se proteger. | 2 |
| Capa de livro na Biblioteca Municipal | Não cheguei a ler. | 1 |

| QUESTÃO 6: | RESPOSTA | QUANTIDADE |
|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| Qual é a imagem que vem à sua cabeça quando pensa em guerrilheiro? | 1) Pessoas que lutam nas guerras. | 10 |
| | 2) Soldado de guerra. | 8 |
| | 3) Guerra. | 8 |
| | 4) Homens lutando em guerra. | 7 |
| | 5) Soldado de farda com uma arma de fogo. | 4 |
| | 6) Sem resposta. | 1 |
| | 7) Um homem forte (soldado) com uma grande espada na mão. | 1 |
| | 8) Pessoas brigando para defender algo ou para obter alguma coisa. | 1 |
| | 9) Um homem vestido como soldado do exército, porém com roupas antigas. | 1 |
| | 10) Uma pessoa sofrida por causa da guerra. | 1 |
| | 11) Cavaleiros lutando em guerras. | 1 |
| | 12) Um soldadinho. | 1 |
| | 13) Nas esculturas dos guerrilheiros, na Gruta de São Quirino. | 1 |
| | 14) Uma pequena guerra. | 1 |
| | 15) Guerreiro, militar... | 1 |
| | 16) Um homem, aparentemente, comum. Com armas nas mãos, tendo que enfrentar o regime militar da época. | 1 |

| QUESTÃO 7: | RESPOSTA | QUANTIDADE |
|----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| O que você sabe sobre Ditadura Militar no Brasil? | 1) Sem resposta. | 27 |
| | 2) Forma política governada por militares. | 7 |
| | 3) Época que tinha repressão e as pessoas não tinham liberdade de expressão. | 5 |
| | 4) Os ditadores tomaram a presidência do país, provocando guerra, tortura e opressão. Foi um período complicado. | 2 |
| | 5) Tortura, opressão militar e a imprensa reprimida. | 2 |
| | 6) Golpe no Brasil que ocorreu no ano de 1964. | 2 |
| | 7) Período sem democracia. | 1 |
| | 8) Nada. | 1 |
| | 9) regime autoritário que trouxe grande opressão para a população onde agiam como opressores. | 1 |
| | 10) Foi um governo militar, esse “golpe militar” derrubou o governo de João Goulart e | 1 |

| | | |
|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|
| | restringiu a democracia. Foi um governo totalmente autoritário e rigoroso com certos grupos sociais. | |
| | 11) Sei que durou 21 anos e teve 6 mandatos militares. Nesse período houve restrição à liberdade, repressão aos opositores do regime e censura. | 1 |
| | 12) Foi a pior época do Brasil. Mas meu avô conta o contrário, que a ditadura foi a melhor época do Brasil, que ele nunca foi tão respeitado, como cidadão de bem, igual foi na ditadura. Que nunca teve os direitos dele desrespeitados naquela época e só eram torturados os marginais que se diziam contra a ditadura. | 1 |
| | 13) Período em que as mulheres não tinham voz, direito ao voto, que a imprensa era censurada. O homem recebia pelo seu trabalho. | 1 |
| | 14) Época difícil militar, muitas pessoas foram torturadas, mortas, crianças eram mortas, mulheres não tinham direito voz, pessoas eram oprimidas e a mídia calada. | 1 |
| | 15) As mulheres não tinham direito ao voto, não podiam trabalhar e sua mão de obra era pouco valorizada. | 1 |
| | 16) Foi um regime autoritário por militares que chegaram ao poder no Brasil. Causavam opressão na população e também ameaçavam e torturavam as pessoas. O objetivo era tirar João Goulart do poder. | 1 |
| | 17) Sei que envolve os guerrilheiros. | 1 |
| | 18) Foi ruim. | 1 |
| | 19) Refere-se ao regime instaurado em 1º de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob o comando dos militares. | 1 |

Tabela 10: Questionário da turma de 2º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta. 17 set. 2019. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

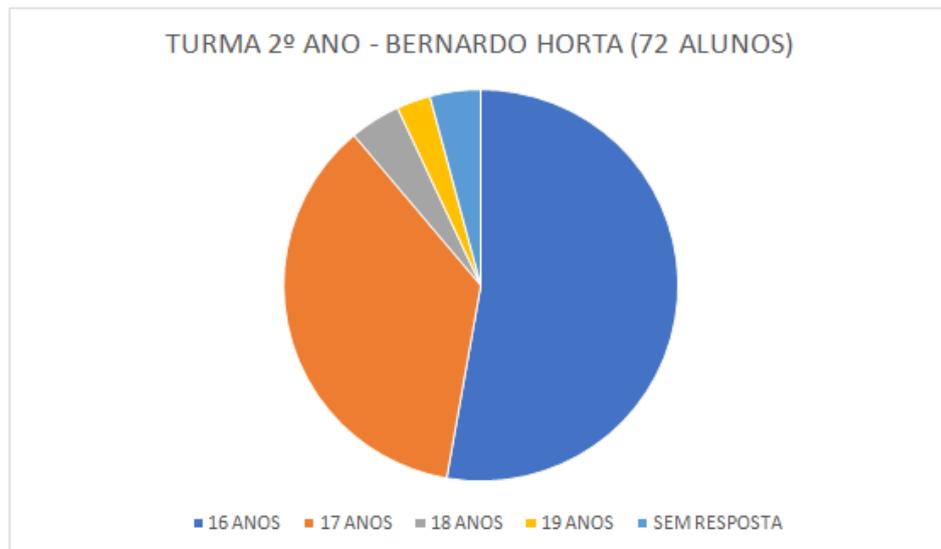
MÉDIA DE IDADE:

Gráfico 3: Média de idade da turma de 2º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta. 17 set. 2019. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

| TURMA 2º ANO BERNARDO HORTA: (72 ALUNOS) | |
|---------------------------------------------------------|-------------|
| 16 ANOS | – 38 ALUNOS |
| 17 ANOS | – 26 ALUNOS |
| 18 ANOS | – 3 ALUNOS |
| 19 ANOS | – 2 ALUNOS |
| SEM RESPOSTA | – 3 ALUNOS |

A composição das turmas de 2º ano (EM) da EEEFM Bernardo Horta contou com a participação de 72 alunos, que tem idades que variam dos 16 aos 19 anos. Basicamente, as respostas das questões das questões de 1 a 3 foram similares com as da turma da turma de 3º ano (EM), ou seja, geograficamente os estudantes conhecem a Gruta de São Quirino, o conceito de obra de arte não reconhece uma produção artística do cotidiano.

Isso pode sugerir que existe uma restrição ou associação a uma produção mais reconhecida como obra de arte. Segundo Kosuth (2006) o “valor” de uma obra de arte provém da sua capacidade de propor visão sobre a natureza da arte, por isso que por meio do seu poder de influenciar as concepções de artes e obras posteriores é que sua manutenção no tempo a

configura como obra de arte. Com isso, o autor afirma “que o valor de uma tela de Van Gogh é o mesmo que a de sua palheta” (KOSUTH, 2006 p. 219).

Assim, apenas 3 (três) identificaram as esculturas dos guerrilheiros como arte, todavia, quase metade da sala (33 estudantes) afirmou ter ciência do conjunto escultórico na gruta. E ainda houve 2 (duas) afirmativas sobre conhecer o artista José Ribeiro Sobrinho.

Na perspectiva histórica, no que se refere à Guerrilha do Caparaó, somente 16 estudantes afirmaram ter ouvido falar por meio de fontes variadas, como: professores (3 estudantes), a reportagem da TV Gazeta de 09/09/2019 (2 estudantes) e o Museu do Zé (2 estudantes). No sentido de ampliar os conhecimentos históricos, houve muitas respostas sobre a Ditadura Militar no Brasil, sendo mais completas quando comparadas com as das turmas de 3º ano (EM) da Unidade de Ensino (UE).

Dentre as respostas da turma de 2º ano (EM), uma específica reproduz a fala do avô do(a) estudante “Foi a pior época do Brasil. Mas meu avô conta o contrário, que a ditadura foi a melhor época do Brasil, que ele nunca foi tão respeitado, como cidadão de bem, igual foi na ditadura. Que nunca teve os direitos dele desrespeitados naquela época e só eram torturados os marginais que se diziam contra a ditadura.” (questão 7, item 12).

Essa resposta contribuiu para a análise do trabalho quanto à memória de uma pessoa que vivenciou o contexto e ao longo de sua vida reproduziu sua percepção da realidade, inclusive, para as pessoas de sua família e após 2 (duas) gerações o conflito de perspectivas. Além disso, o objetivo desse questionário foi também tentar extrair esses tipos de informações.

Outro elemento que se destacou foi a ênfase no papel e as limitações das mulheres no período militar. Houve 2 (duas) respostas: “Período em que as mulheres não tinham voz, direito ao voto, que a imprensa era censurada. O homem recebia pelo seu trabalho” (questão 7, item 13) e “As mulheres não tinham direito ao voto, não podiam trabalhar e sua mão de obra era pouco valorizada.” (questão 7, item 15). Desse modo, pode ser evidenciada uma atenção para a desigualdade de gênero no que se refere ao mercado de trabalho, embora o contexto do direito propriamente dito ao voto esteja deslocado no tempo histórico.

No aspecto do imaginário sobre os guerrilheiros, o cenário de guerra/luta foi predominante. Vale ressaltar que em relação à estética para a maioria foi remetida a soldados fardados. Ademais, também houve correlações com o imaginário do passado, como pode ser percebido, a seguir: “Um homem forte (soldado) com uma grande espada na mão.” (questão 6, item 7),

“Um homem vestido como soldado do exército, porém com roupas antigas.” (questão 6, item 9) e “Cavaleiros lutando em guerras.” (questão 6, item 11).

Na contramão, houve 1 (uma) resposta que dialoga melhor com as imagens registradas dos guerrilheiros no momento de sua captura, isto é, “Um homem, aparentemente, comum. Com armas nas mãos, tendo que enfrentar o regime militar da época.” (questão 6, item 16). De modo geral, as turmas do 2º ano (EM) forneceram bons materiais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

3.3.2.3 Turma de 1º ano do EM

| ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: BERNARDO HORTA ANO/TURMA: 1º ANO DO EM 67 ESTUDANTES | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------------|
| QUESTÃO 1: Você conhece alguma obra de arte em Irupí? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 6 |
| | NÃO | 60 |
| | SEM RESPOSTA | 1 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Esculturas dos Guerrilheiros (Gruta de São Quirino) | 5 |
| | 2) Cruzeiro | 1 |
| QUESTÃO 2: Conhece ou já ouviu falar da Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 61 |
| | NÃO | 6 |
| QUESTÃO 3: Sabia que existem 2 (duas) esculturas de “guerrilheiros” na Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 32 |
| | NÃO | 33 |
| | SEM RESPOSTA | 2 |
| QUESTÃO 4: Conhece o artista José Ribeiro Sobrinho (criador das esculturas dos guerrilheiros)? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 0 |
| | NÃO | 64 |
| | SEM RESPOSTA | 3 |
| CONHECE OUTRO TRABALHO DELE? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 0 |

| | | |
|---------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| | NÃO | 64 |
| | SEM RESPOSTA | 3 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | Nenhuma | Nenhuma |
| QUESTÃO 5: | | |
| Já ouviu falar sobre a Guerrilha do Caparaó? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 9 |
| | NÃO | 55 |
| | SEM RESPOSTA | 4 |
| Caso afirmativo, o quê ouviu? De quem ou qual foi a fonte? | | |
| FONTE | COMENTÁRIO | QUANTIDADE |
| Sem registro | Sem resposta. | 48 |
| Sem registro | Nunca ouvi falar. | 4 |
| Sem registro | Não sei. | 3 |
| Jornal do ES: reportagem de 09/09/2019. | Sem registro. | 2 |
| Professores | -Época de ditadura. Guerrilheiros se esconderam na região do Caparaó. - Lutara nas terras do Caparaó. | 2 |
| Museu do Zé | Época de ditadura. Guerrilheiros se esconderam na região do Caparaó. | 2 |
| Meu pai | Mas não me lembro | 1 |
| Parentes mais velhos, alguns historiadores e pesquisa própria. | Época do regime militar. Haviam uns guerrilheiros por aqui, enviados por Fidel Castro. | 1 |
| Sem registro | Uma guerra de guerrilheiros para tomar as terras e divisas do Caparaó. | 1 |
| QUESTÃO 6: | | |
| Qual é a imagem que vem à sua cabeça quando pensa em guerrilheiro? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Soldado | 21 |
| | 2) Guerra. | 13 |
| | 3) Quem guerrilhava para conquistar alguma coisa, pegavam em armas | 7 |
| | 4) Sem resposta. | 6 |
| | 5) Nada | 6 |
| | 6)Pessoas que vão as guerras | 5 |
| | 7) Não sei | 4 |
| | 8) Guerreiros | 2 |
| | 9) Pessoa com armadura para guerra | 1 |
| | 10)Causando guerra entre os homens | 1 |
| 11)Cavaleiros lutando em guerras | 1 | |

| QUESTÃO 7: O que você sabe sobre Ditadura Militar no Brasil? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|------------|
| | 1) Não Lembro | 12 |
| 2) Sem resposta | 9 | |
| 3) Nada | 8 | |
| 4) Quando o exército toma o poder | 8 | |
| 5) Não sei | 7 | |
| 6) Brasil sob o comando de militares. Foi uma época muito difícil e rigorosa. | 5 | |
| 7) No governo de Getúlio Vargas, os acontecimentos eram: origem da ditadura. A ditadura não foi totalmente nacional porque a população, parte dela, não tinha interação. Tinham formas cruéis e más como a tortura. | 1 | |
| 8) Militares pegaram o poder, tirando a liberdade do país, mudando leis e causando um caos. | 1 | |
| 9) Militares no poder. Deixaram de ouvir a voz do povo, deixando de ser um país democrático. Com isso, o povo começou a protestar nas ruas. Os militares tentaram resolver a força, pessoas torturadas, desaparecidas e presas. | 1 | |
| 10) Regime liderado por militares que hoje é considerado ditadura, mas por alguns fatos era um regime democrático para a população, mas não era para o poder público. | 1 | |
| 11) Conheço, mas não sei falar. | 1 | |
| 12) Época de guerra e desespero do Brasil. | 1 | |
| 13) Que era um tempo muito difícil, que as pessoas não podiam ter sua opinião e tinham que abaixar a cabeça para os militares. | 1 | |
| 14) O governo mandava e não podia ser contra o que fazia. | 1 | |

Tabela 11: Questionário da turma de 1º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta. 17 set. 2019. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

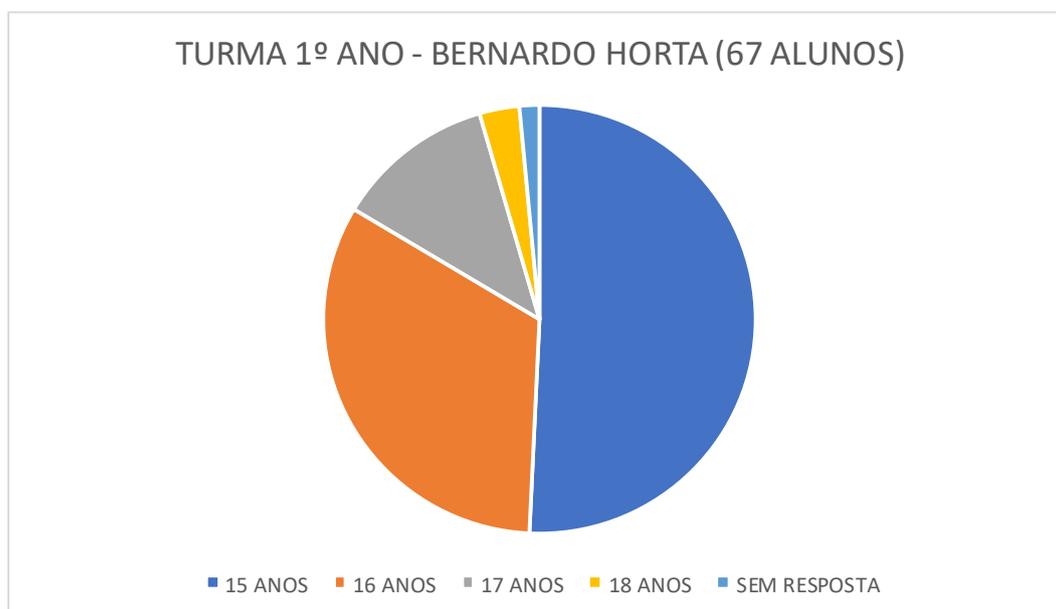
MÉDIA DE IDADE:

Gráfico 4: Média de idade da turma de 1º ano/EM da EEEFM Bernardo Horta 17 set. 2019. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

| TURMA 1º ANO BERNARDO HORTA: (67 ALUNOS) | |
|---------------------------------------------------------|-------------|
| 15 ANOS | – 34 ALUNOS |
| 16 ANOS | – 22 ALUNOS |
| 17 ANOS | – 8 ALUNOS |
| 18 ANOS | – 2 ALUNOS |
| SEM RESPOSTA | – 1 ALUNO |

O questionário respondido pelas turmas de 1º ano (EM) contou com a participação de 67 alunos, com idades que transitam entre 15 e 18 anos. No intuito de otimizar a análise devido as repetições de informações das turmas se optou por agrupar as informações por grupos de questão.

Para o grupo das 4 (quatro) primeiras questões o padrão se manteve no que tange a maioria ter ouvido falar da Gruta de São Quirino (61 estudantes), sendo que quase a metade (32 estudantes) sabem da existência das esculturas, além de apenas 10% dos estudantes afirmarem

conhecer alguma obra de arte em Irupi. Novamente, as esculturas (5 respostas) são as mais conhecidas no que se refere a primeira pergunta.

O conhecimento sobre o artista José Ribeiro Sobrinho também o padrão foi repetido, tendo em vista que todas as repostas foram negativas, diferentemente, da turma do 2º ano (EM) que houve 2 (duas) afirmativas.

As questões direcionadas à História, tanto para a Guerrilha do Caparaó quanto à Ditadura Militar, significativamente, houve muita omissão de respostas para esses conteúdos, uma vez que 48 (quarenta e oito) estudantes do montante de 67 (sessenta e sete) não responderam a questão 5 e 7. E também houve 12 (doze) estudantes que responderam “não sei”. Destaca-se ainda que o conteúdo de Ditadura Militar deveria ser desenvolvido no último ano do Ensino Fundamental (9º ano), logo, seria o conteúdo teoricamente estudado no ano anterior desses discentes.

Outra curiosidade se encontra na confusão do tema Ditadura Militar com o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), como evidenciado “No governo de Getúlio Vargas, os acontecimentos eram: origem da ditadura. A ditadura não foi totalmente nacional porque a população, parte dela, não tinha interação. Tinham formas cruéis e más como a tortura” (questão 7, item 7). Alguns conceitos também indicam uma confusão, como no caso “regime liderado por militares que hoje é considerado ditadura, mas por alguns fatos era um regime democrático para a população, mas não era para o poder público” (questão 7, item 10).

Sobre a estética dos guerrilheiros (questão 6), novamente, palavras isoladas como “guerra” e soldado” foram majoritárias. Mesmo assim, referências à um imaginário de guerra de outros períodos históricos foi afirmada, como: “pessoa com armadura para guerra” (questão 6, item 9) e “cavaleiros lutando em guerras” (questão 6, item 11).

A finalidade desse questionário não é avaliar questões como certas ou erradas, mas sim, identificar os discursos e formas de se expressar sobre a temática proposta. Por isso, as perguntas foram elaboradas de forma aberta, por exemplo, na questão 6 “Qual é a imagem que vem à sua cabeça quando pensa em guerrilheiro?” e na questão 7 “O que você sabe sobre Ditadura Militar no Brasil?”. Portanto, o questionário foi pensado com uma linguagem que pudesse atender o público selecionado e ao que é proposto no currículo escolar das respectivas temáticas.

3.3.2.4 Turma de 9º ano do EF

| ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: BERNARDO HORTA ANO/TURMA: 9º ANO DO EF 51 ESTUDANTES | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------------|
| QUESTÃO 1: Você conhece alguma obra de arte em Irupi? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 6 |
| | NÃO | 45 |
| | SEM RESPOSTA | 0 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Esculturas dos Guerrilheiros (Gruta de São Quirino) | 4 |
| | 2) Esculturas da Praça Municipal | 2 |
| QUESTÃO 2: Conhece ou já ouviu falar da Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 61 |
| | NÃO | 6 |
| QUESTÃO 3: Sabia que existem 2 (duas) esculturas de “guerrilheiros” na Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 25 |
| | NÃO | 24 |
| | SEM RESPOSTA | 2 |
| QUESTÃO 4: Conhece o artista José Ribeiro Sobrinho (criador das esculturas dos guerrilheiros)? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 0 |
| | NÃO | 50 |
| | SEM RESPOSTA | 1 |
| CONHECE OUTRO TRABALHO DELE? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 0 |
| | NÃO | 51 |
| | SEM RESPOSTA | 0 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | Nenhuma | Nenhuma |
| QUESTÃO 5: Já ouviu falar sobre a Guerrilha do Caparaó? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 10 |
| | NÃO | 39 |
| | SEM RESPOSTA | 2 |

| Caso afirmativo, o quê ouviu? De quem ou qual foi a fonte? | | |
|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| FONTE | COMENTÁRIO | QUANTIDADE |
| Sem registro | Sem resposta. | 38 |
| Jornal do ES: reportagem de 09/09/2019. | Eles vinham fugindo da guerra e quando chegaram aqui no Caparaó, furavam buracos no chão para se esconderem e esconder seus armamentos. | 6 |
| Museu do Zé | - Eles vinham fugindo da guerra e quando chegaram aqui no Caparaó, furavam buracos no chão para se esconderem e esconder seus armamentos. - Período político dominado pelos militares. | 2 |
| Sem registro | Já ouvi falar, mas não sei explicar o que foi | 2 |
| Professores e pessoas mais velhas da família | Havia pequeno grupos de pessoas contra o governo e eles se escondiam em matas | 1 |
| Não lembro quem contou | Já ouvi falar. | 1 |
| QUESTÃO 6: | | |
| Qual é a imagem que vem à sua cabeça quando pensa em guerrilheiro? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Guerra. | 19 |
| | 2) Pessoas que lutam na guerra | 11 |
| | 3) Soldados/militares que lutam na guerra | 7 |
| | 4) Sem resposta. | 4 |
| | 5) Guerreiros numa guerra/guerrilha contra a ditadura. | 3 |
| | 6) Um esconderijo de armas. | 2 |
| | 7) Nada. | 1 |
| | 8) Soldados armados. | 1 |
| | 9) Pessoas que vão às guerras pelos seus direitos ou são obrigados. | 1 |
| | 10) Pessoas mortas, presas, etc... | 1 |
| | 11) Muitas guerras, pessoas lutando, um caos total. | 1 |
| QUESTÃO 7: | | |
| O que você sabe sobre Ditadura Militar no Brasil? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Repressão e violência. | 8 |
| | 2) Nada. | 7 |
| | 3) Sei muito pouco sobre isso. Foi um regime militar ocorrido em 1º de abril e que durou até 15 de março de 1975. | 5 |
| | 4) Não sei. | 4 |
| | 5) Sem resposta. | 4 |
| | 6) Não me lembro | 3 |
| | 7) Sei muito pouco sobre isso, só me lembro que teve democracia. | 2 |
| 8) Quando os policiais podiam fazer qualquer | 2 | |

| | | |
|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|
| | coisa com as pessoas. | |
| | 9) Os militares dominaram o político, oprimindo a opinião da população, torturando as pessoas que eram contra a ditadura. | 2 |
| | 10) Época muito difícil e intensa para todos. Apesar disso, aqueles que não expressavam sua opinião não sofriram. | 2 |
| | 11) Um governo fechado, liderado por Getúlio Vargas e não havia democracia. Uma época que matou milhares de pessoas por conta da ditadura. | 1 |
| | 12) Sei o que é, mas não sei explicar. | 1 |
| | 13) Na ditadura militar a população não podia expressar sua opinião sobre as coisas e sobre o que pensavam sobre o governo, pois eles podiam ser presos ou mortos. | 1 |
| | 14) Ditadura ocorreu no governo de Getúlio Vargas e não havia democracia. | 1 |
| | 15) As pessoas não podiam expressar sua opinião. | 1 |
| | 16) Períodos de guerra no Brasil. | 1 |
| | 17) Período democrático e de muita perseguição política e que foi dominado pelos militares. | 1 |
| | 18) época que os militares mandavam. | 1 |
| | 19) Política muito opressora que ocorreu numa época do Brasil. | 1 |

Tabela 12: Questionário da turma de 9º ano/EF da EEEFM Bernardo Horta. 17 set. 2019. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

MÉDIA DE IDADE:

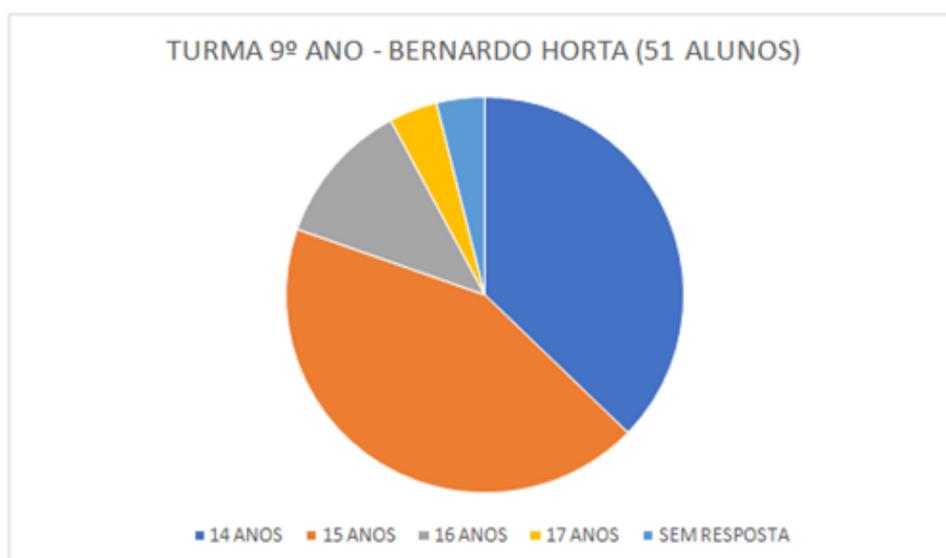


Gráfico 5: Questionário da turma de 9º ano/EF da EEEFM Bernardo Horta. 17 set. 2019. Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

TURMA 9º ANO – BERNARDO**HORTA: (51 ALUNOS)**

14 ANOS – 19 ALUNOS

15 ANOS – 22 ALUNOS

16 ANOS – 6 ALUNOS

17 ANOS – 2 ALUNOS

SEM RESPOSTA – 2 ALUNOS

Nas turmas de 9º ano do Ensino fundamental (EF) o questionário foi respondido por 51 estudantes, com idades entre 14 a 17 anos. Na prática pode ser constatado que 10 alunos possuem idade superior ao que é indicado para uma turma de 9º ano (EF).

Na primeira questão as esculturas dos guerrilheiros foram mencionadas 4 (quatro) vezes e 2 (duas) vezes a menção se refere as esculturas da Praça Municipal de Irupi. Embora no total apenas 6 (seis) afirmaram a existência de obra de arte, mesmo assim foram identificadas produções artísticas presentes no cotidiano da comunidade.

No que cerne o conhecimento da Gruta de São Quirino, as respostas mantiveram o padrão das outras turmas já analisadas. A diferença consiste na questão 3, cujas respostas afirmativas pela primeira vez superou a negativa (por uma resposta), no que se refere a ciência do conjunto escultórico dos guerrilheiros. Entretanto, o artista José Ribeiro Sobrinho e suas produções pela região do Caparaó não foram reconhecidas por esse público.

Daqueles que responderam sobre a Guerrilha do Caparaó, a origem da compreensão do contexto é oriunda da reportagem da TV Gazeta, o Museu do Zé, professores e pessoas mais velhas. Acerca da questão 7 (Ditadura Militar) existe um consenso sobre “militares no poder”, as palavras “repressão e violência” se destacaram.

Também houve confusão do período histórico, além de troca de conceitos sobre a palavra “democracia”, evidenciado em “período democrático e de muita perseguição política e que foi dominado pelos militares” (questão 7, item 17).

No campo da Arte, no que cerne ao imaginário de um guerrilheiro as palavras “guerra”, “luta” e “soldado” se repetiram. O destaque ocorre para “um esconderijo de armas” (questão 6, item 6) que, notoriamente, é resultado da reportagem da TV Gazeta, ocorrida no dia 09/09/2019, sendo que o questionário foi realizado pelos estudantes no dia 17/09/2019.

Em suma, houve mais participação dos estudantes no questionário do que número de perguntas não respondidas. As análises das turmas de 9º ano (EF) ao 3º ano (EM) da EEEFM Bernardo Horta permitiram o desenvolvimento e investigação de alguns elementos que circundam o contexto da região e da Guerrilha do Caparaó.

3.3.3 Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF): Prof Eny Leal Machado.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Prof Eny Leal Machado se localiza na Rua Dionísio João Amanso, no bairro Santa Cruz, também pertencente ao município de Irupi. O perímetro é urbano com uma distância de, aproximadamente, 8,5 km da EEEFM Bernardo Horta.

Conforme o Qedu (2018), a escola é composta por: pré escola com 58 estudantes, anos iniciais (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano) com 196 matrículas, Educação Especial com 15 matriulados e os para anos finais (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano) o número é de 136 estudantes.

A estrutura da escola é mais simples, com alguns recursos limitados, pois a UE não possui sala de informática, leitura e laboratório de ciências. As dependências e os sanitários não são acessíveis aos portadores de deficiência.

No âmbito da distorção de idade-série, segundo o Qedu (2018)⁴⁷, a análise elaborada registra o padrão de 2007 a 2018.

⁴⁷Disponível em: https://www.qedu.org.br/escola/167692-emeief-prof-eny-leal-machado/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageId=initial_years&year=2017

Distorção Idade-Série, Emeief Prof Eny Leal Machado, 2007 até 2018

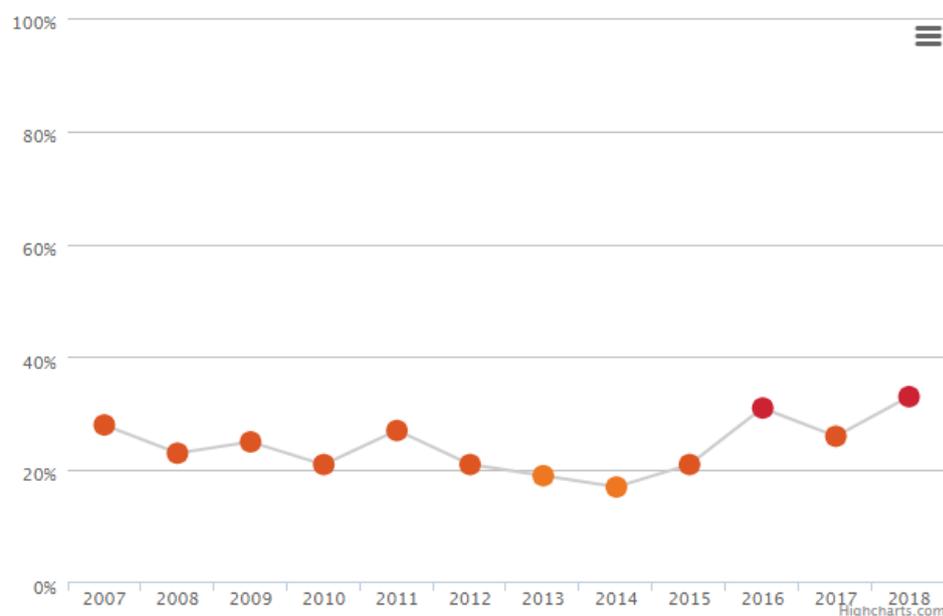


Gráfico 6: Distorção de idade-série da EMEIEF Prof Eny Leal Machado, Qedu, 2018.

O dado indica que a partir de 2016 a distorção etária foi aumentada, atingindo em 2018 o número de 33%. Assim, de cada 100 estudantes, 33 estavam com atraso escolar de 2 ou mais anos.

Acerca do rendimento escolar⁴⁸, em 2018, o 7º ano atingiu 34,4% de reprovação, em compensação, o 9º ano obteve 100% de aprovação no mesmo período.

⁴⁸Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/167692-emeief-prof-eny-leal-machado/taxas-rendimento>

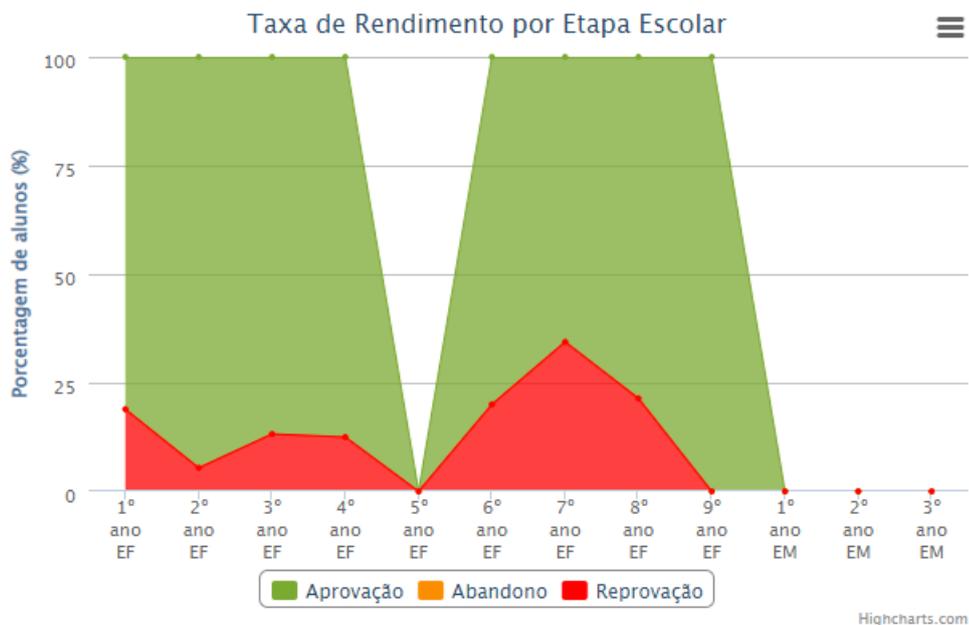


Gráfico 7: Rendimento Escolar da EMEIEF Prof Eny Leal Machado, Qedu, 2018.

De modo geral, é evidenciado que a taxa de abandono é inexistente nesse gráfico. O que sugere uma busca por direcionamentos e melhorias para que se evite a evasão escolar. Em conversa com o diretor dessa UE, ele afirmou que mediante o envolvimento com a comunidade escolar, principalmente com os pais, muitas debilidades enfrentadas estão sendo modificadas.

O acolhimento nessa UE foi muito positivo, o próprio diretor me encaminhou a única turma de 9º ano, houve uma breve apresentação e interação com os discentes. Essa turma conta com 20 alunos, entretanto, no dia do questionário apenas 16 estavam presentes.

Embora seja um número pequeno, na metodologia dessa pesquisa contrapor as representações era um dos objetivos. Portanto, as respostas oriundas do questionário nessa UE corroboraram e se assemelharam com as resposta da outra UE analisada.

3.3.4 Questionário da EMEIEF Prof Eny Leal Machado.

3.3.4.1 Turma de 9º ano do EF

| ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL: PROF ENY LEAL MACHADO ANO/TURMA: 9º ANO DO EF 16 ESTUDANTES | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------------|
| QUESTÃO 1: Você conhece alguma obra de arte em Irupi? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 3 |
| | NÃO | 13 |
| | SEM RESPOSTA | 0 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Esculturas dos Guerrilheiros (Gruta de São Quirino) | 3 |
| | | |
| QUESTÃO 2: Conhece ou já ouviu falar da Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 16 |
| | NÃO | 0 |
| | | |
| QUESTÃO 3: Sabia que existem 2 (duas) esculturas de “guerrilheiros” na Gruta de São Quirino? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 12 |
| | NÃO | 4 |
| | SEM RESPOSTA | 0 |
| | | |
| QUESTÃO 4: Conhece o artista José Ribeiro Sobrinho (criador das esculturas dos guerrilheiros)? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 1 |
| | NÃO | 15 |
| | SEM RESPOSTA | 0 |
| CONHECE OUTRO TRABALHO DELE? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | SIM | 0 |
| | NÃO | 16 |
| | SEM RESPOSTA | 0 |
| QUAIS? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | Nenhuma | Nenhuma |
| | | |
| QUESTÃO 5: | RESPOSTA | QUANTIDADE |

| | | |
|---------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| Já ouviu falar sobre a Guerrilha do Caparaó? | SIM | 0 |
| | NÃO | 15 |
| | SEM RESPOSTA | 1 |
| Caso afirmativo, o quê ouviu? De quem ou qual foi a fonte? | | |
| FONTE | COMENTÁRIO | QUANTIDADE |
| Sem registro | Nenhum | Nenhuma |
| QUESTÃO 6: | | |
| Qual é a imagem que vem à sua cabeça quando pensa em guerrilheiro? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Homem que vai à guerra. | 3 |
| | 2) Soldados armados. | 2 |
| | 3) Duas esculturas de guerrilheiros na Gruta de São Quirino. | 2 |
| | 4) Sem resposta. | 2 |
| | 5) Guerreiros, militares, pessoas que lutavam para Irupi. | 1 |
| | 6) Luta, mortos, pessoas sofrendo, lugares sendo destruídos e pessoas que perdem seus lares. | 1 |
| | 7) Soldados, defensores que ajudam a proteger. | 1 |
| | 8) Guerra. | 1 |
| | 9) Faziam buracos no chão para guardar mantimentos e armas. | 1 |
| | 10) Soldado que vai à guerra. | 1 |
| | 11) Pessoa guerreira. | 1 |
| | 12) Homens com armas, lutando por algo. | 1 |
| QUESTÃO 7: | | |
| O que você sabe sobre Ditadura Militar no Brasil? | RESPOSTA | QUANTIDADE |
| | 1) Sem resposta. | 3 |
| | 2) Nada. | 2 |
| | 3) Não sei | 1 |
| | 4) Políticas brasileiras que foram mau conduzidas. Pessoas se revoltaram, protestaram. Trouxe más condutas. | 1 |
| | 5) Período que os brasileiros viviam ao apoio militar e o governo. Após o golpe militar o prefeito foi obrigado a largar o poder, então passou a ser o período da ditadura. | 1 |
| | 6) Protegeram o Brasil durante conflitos em alguns anos atrás. | 1 |
| | 7) Quando o povo não podia opinar no governo. | 1 |
| | 8) Período que Getúlio Vargas assume o poder da presidência sem voto, adotando um sistema de governo totalitário. Dentre suas características estão a repressão da imprensa, etc. | 1 |
| | 9) Sei pouco, o que lembro é que durou alguns anos. | 1 |
| | 10) Estou estudando sobre a ditadura militar, então eu não sei muito, mas vou aprender. | 1 |
| 11) Foi um período difícil de guerra. | 1 | |

| | | |
|--|--------------------------------------------------------------------------|---|
| | 12) Alguma coisa de militares | 1 |
| | 13) Foi um período de tortura e que as regras do Brasil eram diferentes. | 1 |

Tabela 13: Questionário da turma de 9º ano/EF da EMEIEF Prof Eny Leal Machado. 17 set. 2019.
Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

MÉDIA DE IDADE:

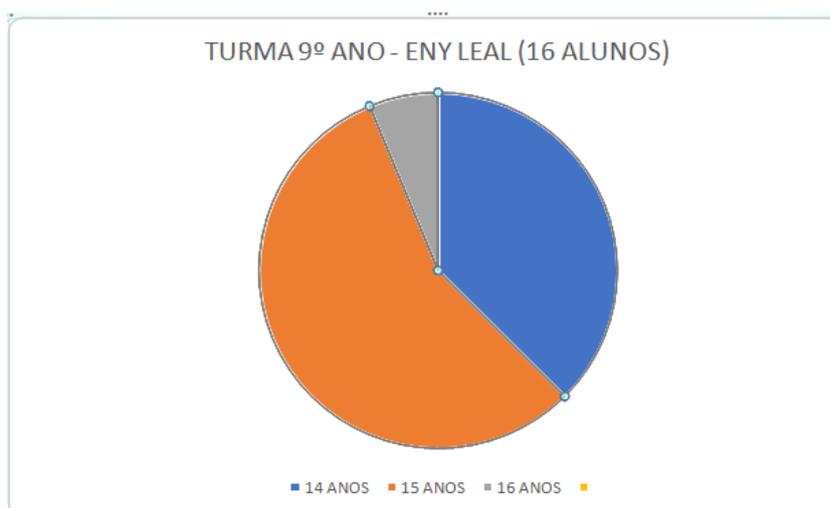


Gráfico 8: Média de idade da turma de 9º ano/EM da EMEIEF Prof Eny Leal Machado. 17 set. 2019.
Arquivo pessoal de Gabriela Ferreira Lucio.

| TURMA 9º ANO ENY LEAL: (16 ALUNOS) | |
|-----------------------------------------------|-----|
| 14 ANOS | – 6 |
| 15 ANOS | – 9 |
| 16 ANOS | – 1 |

A turma de 9º ano (EF) da (EMEIEF) Prof. Eny Leal Machado é composta por 16 alunos, com idade entre 14 e 16 anos.

No primeiro bloco de perguntas, que corresponde às questões de 1 a 4, em geral, as respostas foram similares as da EEEFM Bernardo Horta. Assim, as esculturas dos guerrilheiros são conhecidas por mais da metade da turma (12 estudantes), sendo que 3 (três) deles identificaram as esculturas como obra de arte.

Quanto a Gruta de São Quirino, foi unânime o conhecimento de sua localização. Na análise referente à Guerrilha do Caparaó todos assinalaram não ter ciência do tema. Isso demonstra a

necessidade de desenvolver projetos e trabalhos sobre a história da região, não especificamente sobre a guerrilha, mas de forma a estimular e envolver a comunidade no entendimento de sua própria construção, valorizando sua identidade e tradição cultural.

Quando perguntados sobre a Ditadura Militar, 6 (seis) respostas se alternavam: “sem resposta”, “nada” e “não sei”. As demais não abarcam muito a temática. Todavia, a resposta “protegeram o Brasil durante conflitos em alguns anos” (questão 7, item 6) chama a atenção como potencialidade de investigação. Vale destacar que houve indício em “estou estudando sobre a ditadura militar, então eu não sei muito, mas vou aprender” (questão 7, item 10) que o conteúdo ainda não havia sido apresentado a turma.

As respostas também foram semelhantes as da EEEFM Bernardo Horta em relação a estética e imaginários dos guerrilheiros. Inclusive, acerca da menção da Reportagem da TV Gazeta em “Faziam buracos no chão para guardar mantimentos e armas” (questão 6, item 9).

Dessa maneira, a visita nesta instituição foi positiva, no âmbito de complementar e perceber as semelhanças das representações das questões propostas. Por possuir apenas uma turma com o montante de 16 alunos, os dados permitiram estabelecer proximidades com as respostas da outra escola analisada. A escola Prof. Eny Leal Machado se torna imprescindível para essa comunidade que se situa mais afastada do centro de Irupi.

3.4 A memória e suas (re)configurações: relatos de moradores da região do Caparaó Capixaba

As memórias constituem-se um elemento essencial das identidades, da percepção de si e dos outros para o estudo de comunidades. Portanto, o uso da História Oral possui muita importância para criar um registro sobre como a população se relaciona com o contexto do qual está inserida, além de tentar compreender os mecanismos existentes para a sobrevivência e, logicamente, as reconfigurações que ocorrem nesse processo.

Devido a isso, o estudo da memória é de suma importância para esta pesquisa, segundo Pollack (1992) que entende que as nuances da memória selecionam, constroem, desconstroem

e reconstroem, partindo sempre de necessidades do presente, sejam estas individuais ou coletivas. Esta seleção pode ser feita consciente ou inconscientemente.

Essa concepção se aplica para a estrutura da defesa da dissertação, no que toca explorar o conceito de arte como um dispositivo que tem capacidade de ativar uma memória, fomentar reflexões e reconfigurações, não precisando ser especificamente exaltada pela academia. É válido ressaltar que para certas comunidades o conhecimento, a história e seus códigos não são estruturados em textos, mas perfazem o campo da oralidade, que por sua vez precisa de elementos metodológicos diferentes.

Assim, o poder de narrar ou construir a própria história foi negado a grupos sociais que, historicamente, foram marginalizados e na atualidade lutam por espaço e reconhecimento de pertencimento da sociedade. Concebendo que a memória é a presença do passado e, simultaneamente, do presente, pois há uma ligação entre essas esferas, o que possibilita aos sujeitos que narram, uma reconstrução constante de si, e do universo que habitam.

A narrativa ou a arte de narrar, segundo Benjamin (1994) está a ponto de extinção, tendo em vista que a experiência a partir da Revolução Industrial iniciou o processo de definhamento. A experiência que antes da mudança e configuração do mundo (pós-industrialização) era entendida como um processo de vida que por meio da vivência ou da narrativa de vivência de outros narradores que eram responsáveis pela continuidade da história, tradição e códigos importantes para determinada comunidade.

Por meio de entrevistas semi-estruturadas que aconteceram no dia 17/09/2019 serão propostas abordagens dos temas desenvolvidos a partir de alguns membros da comunidade de Irupi, o questionário respondido por estudantes desse município da região central, bem como o senhor Francisco A. Lemos Faleiro, filho de Moisés Faleiro, que foi guia do exército na busca dos guerrilheiros pelo Caparaó.

Francisco A. Lemos Faleiro reside no município de Ibitirama-ES e possui um empreendimento denominado “Toca da Truta”⁴⁹, que se destaca por ser o pioneira no estado com a criação de trutas (está entre as maiores truticulturas do país), situada na Fazenda Pico da Bandeira, em Ibitirama-ES, em área cercada pela Mata Atlântica a 1.100 metros de altitude. Seu depoimento contribui para a análise histórica como também reforça alguns valores políticos e sociais de sua comunidade.

⁴⁹ Paginal oficial do Toca da Truta. Disponível em: <http://tocadatruta.com.br/info.htm>

F - Não tínhamos muita informação a respeito, já não tínhamos na época. E também o assunto não foi assim... Como você busca levantar, muito propagado. Então faz parte da história que muitas coisas se perdem, né? Meu pai (Moisés Faleiro) era uma amante dessa região, da Serra do Caparaó, como era conhecido na época. Ele era um verdadeiro garimpeiro, porque ele conhecia todos os córregos da Serra do Caparaó, desde as nascentes do Pico da Bandeira nos sentidos norte, sul, leste e oeste. E praticamente andava com uma “batéia” nas costas. E como conhecedor profundo da Serra, ele foi procurado pelos guerrilheiros quando chegaram aqui. Nós morávamos em Ibitirama, e eles (guerrilheiros) foram buscando informações dele sobre a Serra. Foi nesse momento que eles se aproximaram dele e como ele (Moisés Faleiro) disse em algumas publicações que se pode identificar da época, ele passou a ser uma referência para os guerrilheiros e posteriormente para o exército na ocupação. Eu tinha na época 7 (sete) anos de idade, me lembro dos soldados acampados em casa, né? Nós tínhamos um salão muito grande que funcionava uma escola do mioral da época. Aí foram retiradas carteiras e fizeram um acampamento do exército e parte do exército ficou lá em casa. (Francisco A. Lemos Faleiro, áudio 110102_001, aos 00’02’’ até 1’57’’)

Nessa primeira passagem já pode ser evidenciado a dificuldade da informação da época, bem como o posicionamento do senhor Moisés Faleiro, que a princípio orientou alguns guerrilheiros sobre a região, desconhecendo suas identidades pois eles se apresentavam como pesquisadores, exploradores de ouro, entre outros. Entretanto, quando Moisés Faleiro se integra das notícias que, inclusive, denominavam os guerrilheiros de “bandoleiros”, além da chegada do exército, quando passou a ser o guia responsável pela região para a captura do grupo de resistência.

G – Quando os guerrilheiros procuraram pelo seu pai, você sabe qual foi a postura do seu pai em relação a isso. Se ele comprava o discurso anticomunista? A propaganda realmente para essas regiões aqui...

F – O meu pai, particularmente, não tinha informações, porque os guerrilheiros que se aproximaram não se identificavam como guerrilheiros. Eles se identificavam como pesquisadores, exploradores de ouro, né? Então, quando eles comentaram com o meu pai, isso foi o que ele nos passou também, e procuraram a ele, eles não falaram a razão da causa, o motivo.

G – Não houve uma mobilização também?

F – Não. Não houve uma mobilização. O que houve foi uma boa vontade de acomodá-les e ajudar nas pesquisas no Parque Nacional. Chegou a mencionar um roteiro que ele tinha dos jesuítas, de tesouros que eles teriam no Parque nacional do Caparaó na época. Issos é o que eu me recordo. Posteriormente na época da chegada do exército que ele foi identificar que não se tratava de mineiros e nem de estudiosos e, sim de guerrilheiros que estavam na ocupação da Serra do Caparaó com outros objetivos. Resumidamente essa é a História que eu, particularmente, conheço. ((Francisco A. Lemos Faleiro, áudio 110102_001, aos 03’08’’ até 05’02’’).

Ainda no contexto da orientação geográfica do senhor Moisés Faleiro ao exército, uma passagem, em especial, dialoga com Caldas (2007) no que se refere às operações realizadas

no Caparaó. Assim, o autor afirma que se viam aviões C-47, helicópteros, viaturas, soldados em uniformes de campanha, correria, o povo espantado, pelo menos 2 mil homens só no lado de Minas Gerais, sem contar as operações do lado capixaba comandadas pela polícia militar do Espírito Santo (CALDAS, 2007, p.219).

F – Como ele conhecia profundamente a Serra do Caparaó, ele passou a ser guia do exército na busca pelos guerrilheiros. E nessa busca ele, inclusive, comentava posteriormente que o os comandantes passaram para ele um radiocomunicador e ele era quem orientava onde é que deveria ser jogado os mantimentos, porque os mantimentos para o exército eram jogado por helicópteros. Então ele passou a comandar essa distribuição. Muitas vezes o comandante fala “jogar na face norte do rio norte” e ele(Moisés Faleiro) falava “não, nós estamos muito longe. Joga para a ala de tal...”. Então são essas informações que a gente tem. De fato, minuciosamente não há mais conhecimento da história. (Francisco A. Lemos Faleiro, áudio 110102_001, aos 02’08” até 03’05”)

Outra informação que também corrobora com Caldas (2007) quanto aos lugares percorridos pelos guerrilheiros foi a descoberta do esconderijo das armas e outros objetos, em de São João do Príncipe, distrito de Iúna-ES, ocorrida no dia 09/09/2019 pela TV Gazeta. Para o autor já havia sido noticiada a prisão do fazendeiro José Portes de São João do Príncipe, igualmente sobre a acusação de colaborar com os “bandoleiros”. Suspeitas de colaborar com a guerrilha também recaíam sobre funcionários do Parque Nacional do Caparaó (CALDAS, 2019, p.219).

A partir da entrevista com membros da comunidade de Irupi no tocante as prisões, o relato de Sandra Emerick, Isalém Angelo V. Silva e da senhora Cecília Fernandes Rodrigues, que é a poetisa do município, se apresenta como um exemplo de como ocorre a oralidade nesse grupo.

C – Mas já ficou bem claro que ano que se deu isso (guerrilha)? Essa invasão ou suposta invasão?

Ga – 1966/67.

C – Eu sei que prenderam alguém aqui de suspeito. Você lembra do Bernonni da Esther, o Bernonni era um suspeito de ser um informante, entendeu? De quem não era daqui, ele morava aqui em Irupi, ele trabalhava com couro, ele vazia sela, cinto...

S – Eu lembro.

C – Você lembra? Ele foi preso, tinha uma barba grande e um aspecto muito esquisito. Ele foi preso.

Ga – Essa parte da estética do guerrilheiro também que era um “cara muito esquisito”, “Ah, minha avó contava que era um pessoal esquisito de cara fechada, um pessoal que não queria conversar”.

I – Inclusive, quando eu e o “Ribeiro” (José Ribeiro Sobrinho), a gente ficava conversando sobre isso “vamos fazer algo despojado, com uma roupa do campo...”

aí ele “não, mas isso aqui é inspirado na guerrilha. Vamos fazer soldados”. Então faz (risos), foi uma coisa meio que aconteceu... (Sandra Emerick, Isalém Angelo V Cecília Fernandes Rodrigues, áudio 110102_002, 15’45” aos 16’58”)

A oralidade de comunidades compartilhada nos costumes, tradições e não estão na lógica dos grandes centros urbanos, se insere nesse contexto como um elemento que pertence a esse grupo. Os registros e histórias muitas vezes são comungados dessa forma. Ressalta-se que para a elaboração do projeto dos guerrilheiros, houve a preocupação da produção estar respaldada por um elemento de autoridade. Assim, novamente o autor José Caldas da Costa foi solicitado por Isalém Angelo V. Silva.

I – (09’19”) Aí deu medo na gente porque nós não temos muito conhecimento. Até que entrou o José Caldas (autor) na história que deu mais força da gente pegar o telefone e falar “Caldas, aqui na nossa região nós estamos no entorno, você falou aqui na página tal que guerrilheiros eram vistos com frequência, na região de Iúna, nossa região pertencia a Iúna”, ele falou “conheço a região”, aí nós falamos “então se você autorizar, se você respaldar, eu vou usar o seu nome para gente embarcar nisso aí”. Ele (José Caldas) disse “pode fazer, já falei com várias pessoas, isso é comum”, foi aí que a gente tomou força e colocou esses bonecos aí para tentar dar uma materialização do que seriam esses guerrilheiros. (Isalém Angelo V. Silva, áudio 110102_002, 09’19” aos 10’03”)

A estética e a materialização das esculturas são elementos importantes desta pesquisa, tendo em vista as premissas de Rancière (2012) que também abordam dois conceitos que tange a pesquisa; o *Punctum e o Studium*. Basicamente o *Punctum* condiz com as abstrações que a obra faz no plano indivíduo, ou seja, o eu e a obra estão conectados. Como essa obra (esculturas) utiliza um contexto real, ela precisa de um prévio conhecimento da conjuntura para produzir abstrações que fazem parte de sua construção. Deste modo, o *Studium* torna-se um imprescindível e meio norteador desse trabalho, uma vez que permite englobar os eixos da Arte, Política e História.

No âmbito da estética dos guerrilheiros que foi abarcada no questionário realizado com os estudantes de Irupi (capítulo anterior). Majoritariamente, no que tange a esse imaginário, as palavras que se repetiram foram soldado e militar. Entretanto, a palavra guerrilheiro(a) é melhor compreendida como um(a) combatente de guerrilha - grupo que luta por um Estado independente.

Entende-se a questão da limitação relacionada a este público, todavia, a existência de uma parceria com a secretaria de cultura, turismo, as unidades de ensino e a própria comunidade

poderia fomentar estímulos para a economia do município. Isso também foi mencionado na entrevista com os membros, momento em que foi enfatizado a necessidade de trabalhar o contexto e história da região, no intuito de explorar as potencialidades turísticas do local.

No texto intitulado *Sobre Políticas Estéticas*, de Jacques Rancière, o foco do debate está concentrado da relação arte e política, conseqüentemente as questões de funcionalidade, sentidos e possibilidades de transformações. O autor elucida “es político por la distancia misma que guarda con relación a estas funciones, por el tipo de tiempo y de espacio que establece, por la mane-ni en que divide ese tiempo y puebla ese espacio” (RANCIÈRE, 2005, p.13).

Essas relações teóricas auxiliam o entendimento do arcabouço de Arte, para estabelecer uma melhor compreensão acerca da interação das esculturas com o espectador, por meio do recorte de um contexto histórico que parece possuir significados para a população local, que, por conseguinte expressaria o seu posicionamento enquanto grupo no mundo, permitindo uma possibilidade de aproximação entre arte e política no contexto da arte pública.

No que cerne a análise da escolha política da região do Caparaó (capítulo anterior), por meio das sínteses realizadas, é possível afirmar que os municípios que a integram historicamente se comportaram com tendência de partidos não caracterizados como de esquerda. O senhor Francisco A. Lemos Faleiro é categórico.

F – Eu, particularmente, ainda guardo um sentimento que essa ocupação, ela buscava tomar o comando do país, de forma, que muita gente fala que foi a revolução de 1964. E na realidade não houve uma revolução em 1964, houve uma ocupação do exército, das forças armadas para evitar que entrasse aqui, que se instituisse aqui o comunismo. Essa é a minha formação é o que eu concebo.

G – E para a comunidade aqui, a comunidade local da região do Caparaó Capixaba. Você identifica a população como? Como conservadora, que tem uma certa desconfiança nisso, a questão de conhecimento, a falta de mobilização...

F – Eu vejo que a sociedade toda é pró-governo. O meu pai, por exemplo, era pró-forças armas, ele defendia as forças armadas na época, defendia o poder das forças armadas, o poder do governo brasileiro que foi ocupado pelo exército brasileiro. E a sociedade geral como tal eu vejo que é dessa forma também.

G – Sim. Então essa comunidade do Caparaó Capixaba...

F – Sim. Seria dessa forma.

G – Uma comunidade conservadora que teria um pé atrás com esses discursos...

F – Em relação ao comunismo. (Francisco A. Lemos Faleiro, áudio 110102_001, aos 05’28” até 07’31”)

A concepção da ameaça comunista também foi registrada na entrevista com José Ribeiro Sobrinho, bem como dos membros de Irupi que evidenciam a particularidade da região de percepção do outro, isto é, daquele que não é nativo da região.

I – Todo mundo aqui tem os seus ideais, acompanha bastante o trabalho do setor público, tem uma diversidade política. Atualmente, quer dizer já faz muito tempo foi dividido em dois grupos, cada um muito participativo, com suas ideologias, cada um com a sua. E esse governo que ficou muito tempo na rotatividade, de um grupo e de outro, convive de forma harmônica, mas acho que toda a cidade é muito participativa politicamente.

L – Aqui é assim, né Isalém? As pessoas têm muitas ideias, mas não “bota” em prática. Se um põe em prática todo mundo incentiva. Isso eu percebo aqui, não é verdade? As vezes eles não tomam a iniciativa, mas quando tomam a iniciativa

I – É um povo participativo. Pelo que eu conversei eu achava que as pessoas bem dispersas e não cria uma identificação (esculturas de guerrilheiros). O que eu entendi foi que quando esses guerrilheiros passaram a não se sustentar e começaram os assaltos, foi quando gerou esse ponto de vista aí (a favor da ditadura). Que poderiam tá apoiando ou não..

I – Tem até hoje essa distinção do nativo, tem gente que fala “eu vou demorar porque eu tô com gente de fora aqui”. Faz parte, tem essa distinção do nativo aqui. Mas são receptivos. (Isalém Angelo V Silva e Lucy de Castro, áudio 110102_001, aos 01’13”50” até 19’01”)

Destaca-se que a imprensa também foi um instrumento bastante utilizado para estabelecer o estereótipo desses guerrilheiros. No texto intitulado *História, imprensa e a construção da realidade durante o regime militar no Brasil (1964/1985)*, Nogueira (2014) apresenta diferentes mecanismos utilizados nesse momento para propagar o denominado “inimigo” do país.

Os jogos com as palavras faziam toda a diferença no resultado final, ou seja, na percepção do leitor. As palavras eram tecidas como que “fios ideológicos” que serviam para toda a trama das relações sociais e em todos os domínios. A palavra assumia conotação diferente em função do contexto em que era utilizada. Dessa forma, a substituição de palavras como, guerrilheiro por terrorista; assalto por expropriação; grupo por bando; assassinato por “justiçamento” ou suicídio; contestação por subversão; oposição política por inimigo interno etc., eram artifícios utilizados para desqualificar e deslegitimar um dos lados no jogo conflituoso pelo poder. (NOGUEIRA, 2014, p.41)

No decorrer deste trabalho inúmeras vezes essas palavras apareceram, tanto nas fontes oficiais quanto na oralidade. Entretanto, a propaganda anticomunista foi apenas um dos métodos incorporados no período, a censura também deve ser entendida como parte da estratégia. Assim, toda censura impede que se circulem as notícias e, em consequência, a formação das

idéias e análise crítica sobre determinado tema. A censura durante o regime militar acobertava a violência cometida contra os opositores ao regime (NOGUEIRA, 2014, p. 40)

Para Caldas (2007) a imprensa no contexto da Guerrilha do Caparaó contou com três grandes jornais da época: *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*. Em sua análise o primeiro momento do movimento nessa região foi considerado e abordado como um fato isolado. A primeira reportagem assinada por Stacchino saiu no dia 12 de abril (1967), um dia depois de o jornal publicar, numa linha perdida em meio ao destaque dado à declaração do governador mineiro Magalhães Pinto de que o movimento era “insignificante” (CALDAS, 2007, p.218).

De maneira geral, as informações sobre a guerrilha eram apresentadas em tempo tardio, bem como o conteúdo não possuía uma coerência quanto ao número de envolvidos e a determinados fatos, como o caso da morte do sargento Manoel Raimundo Soares que foi morto em Porto Alegre, entretanto sua morte foi atribuída ao grupo de guerrilheiros que já se encontravam na região do Caparaó.

Araken, Jelci e Milton já estavam na Serra do Caparó, em agosto, quando o sargento Soares apareceu boiando nas águas do rio Guaíba no dia 24; segundo, o jornal *O Estado de São Paulo* já havia noticiado em 8 de março daquele ano, portanto quase um mês antes dessa versão ser veiculada pelo *Jornal do Brasil*, que o promotor Álvaro Moraes havia qualificado três delegados e três inspetores do Dops gaúcho como responsáveis pelo assassinato do sargento Manoel Raimundo Soares (CALDAS, 2007, p. 220)

Essas inconsistências ocorreram e faziam parte dos inquéritos instaurados pelo regime militar, contribuindo na falta de conhecimento sobre o movimento, ao passo que no mesmo tempo reforçavam a imagem dos guerrilheiros conforme o interesse do governo.

Todos esses fatores analisados fazem parte da construção do imaginário dos membros da primeira guerrilha armada do Brasil no período da ditadura militar. Entender as esculturas como um dispositivo que evoca a história do local, como foi percebida pelos moradores da região e como foi ressignificada possibilita compreender como esse dispositivo é utilizado atualmente no tocante a potencialização turística e ao discurso apresentado pelas comunidades da região sobre a sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da arte engloba investigações de diversas áreas como pintura, escultura, música, *performance* dentre outras, logo esta pesquisa se destina a compreensão de esculturas localizadas em espaço de natureza como dispositivo que permite considerações quanto a política, interesses econômicos, mobilização intersetoriais da comunidade (público e particular), bem como a representação da história local por esses indivíduos.

Entender que a produção está inserida na região do Caparaó Capixaba (80% da área total), lugar com destaque nacional para o desenvolvimento turístico reforça a necessidade de investimento (público e privado) para que membros dessa localidade tenham condições de melhorar suas vidas com a exploração sustentável dos recursos naturais, promovendo a valorização de sua cultura e tradições.

A princípio, o interesse por esse objeto de análise teve como primeiro cenário as questões políticas que envolviam a existência de esculturas que fazem alusão a guerrilheiros, tendo como contexto histórico local um imaginário sobre a Guerrilha do Caparaó que não se encaixa como uma exaltação do passado, no sentido de atribuir aos membros dessa resistência à idéia de herói.

Assim, no decorrer do processo de investigação algumas possibilidades de verificação de elementos que fazem parte do surgimento das esculturas, da oralidade presente na comunidade frente ao contexto da Ditadura Civil-Militar, os sentidos reproduzidos as gerações subseqüentes, a estética escolhida para a composição dos objetos se configuraram como partes indispensáveis para a compreensão da lógica sobre essa produção.

A partir da análise política realizada foi evidenciado que não somente em Irupi-ES, mas a maioria dos 11 municípios que compõe o Caparaó tende a se posicionar a partidos que não carregam o viés “revolucionário de esquerda”, ou seja, majoritariamente se aproximam de ideais mais conservadores. Embora, foi demonstrado também que existe uma divergência entre essas posições, destacada basicamente nas eleições de 2006.

No intuito de abarcar como a concepção política juntamente como a forma de sua reprodução se estabelece, a utilização do questionário se constituiu como uma ferramenta que sugere a incorporação de mais ações e projetos que trabalhe a história da região, bem como o contexto compreendido do período militar. Essa contestação ocorre pela ausência desse conhecimento

(evidenciado no questionário e por falas de membros da comunidade), que na relação com as esculturas não pode ser deslocado, pois o contexto é parte do entendimento da produção.

No aspecto estético, pensar nos detalhes escolhidos pelo artista José Ribeiro Sobrinho no seu processo de criação permitiu estabelecer operações quanto aos significados da existência de barba, da diferença de fisionomia, da escolha geográfica da instalação, pautando-se pelo recurso natural de iluminação. Além da escolha da vestimenta como referência à relação do movimento com Cuba compreendido entre 1966 e 1967.

A oralidade dessa comunidade dialoga com a imagem instituída pelas esculturas, o trabalho de entrevista com o grupo responsável por esse projeto, as pessoas mais velhas que compartilharam suas histórias, bem como a participação de pessoas que atuam diretamente nas questões que envolvem os aspectos socioculturais e estão relacionadas como a recepção de outras pessoas não pertencentes a esse lugar (turistas, estrangeiros, pesquisadores...) foi percebida como fundamentais para a pesquisa e para o próprio estímulo socioeconômico da região.

Novamente, o reforço de potencializar a educação por meio de parcerias intersetoriais como a Secretaria de Cultura e Turismo, a própria população local que pode se organizar para a promoção de ações que destaquem suas reflexões, produções e questionamentos acerca de sua identidade enquanto grupo. Muitas vezes, foram identificadas falas na entrevista com a comunidade que sugerem que existe por eles a intenção de desenvolver a região, que seus atrativos sejam melhor entendidos para eles e para aqueles que se dirigem ao Caparaó com esse objetivo.

A particularidade da Guerrilha do Caparaó se configura por ser o primeiro movimento de resistência armada contra o regime militar, sendo um reflexo e resposta ao golpe de 1964 que expurgou muitos militares que estavam associados na luta pela legitimidade do governo de João Goulart. Nesse sentido, pode ser definido como um movimento de militares (enquanto formação) que contou com o apoio de civis.

Embora o movimento tenha contado com 2 fases iniciais e distintas antes da ocupação da denominada Serra do Caparaó, ressalta-se que a ocupação nessa região ocorreu de forma isolada, em relação a outros movimentos. Entretanto foi palco de intensa movimentação e a comunidade foi surpreendida pela escolha desse local para o esconderijo e resistência dos guerrilheiros.

Em relatos são afirmados que em determinados episódios a população do Caparaó teve suas casas invadidas por militares do governo, com o objetivo de prender os membros da resistência, além da percepção de alguns roubos de gados que também foram narrados. Isso pode contribuir na concepção elaborada daqueles "caras estranhos" que "invadiram" essas terras.

Não existe um consenso entre os guerrilheiros acerca da maneira como seu movimento contribuiu diretamente em outras manifestações. Todavia, a questão do isolamento desse grupo, a forma (tardamente e com informações questionáveis) como a guerrilha foi abordada pela imprensa e a falta de mobilização com a comunidade local (este reconhecido pelo grupo de guerrilheiros) são fatores que indicam esta falta de associação e concepção da Guerrilha do Caparaó com as demais ações contra a ditadura militar.

Contudo, a importância da Guerrilha do Caparaó está inserida na história do Brasil e daqueles que vivenciaram esse episódio. Por isso, para a história do Espírito Santo e dessa região é necessário mais investigações que proporcionem maior entendimento sobre a temática. Portanto, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com as literaturas que circundam os eixos políticos, expressões artísticas e o estudo de memória dessas comunidades.

A Arte Pública Capixaba possui suas riquezas que criam zonas de debates e reflexões com as pessoas e o lugar (espaço público) onde as produções são instaladas. Essa dissertação que parte de esculturas, em espaço de natureza, para englobar outros elementos pertencentes à cultura da região do Caparaó se constitui com uma possibilidade de estudo que enaltece a voz desses grupos que se relacionam com essas obras.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. *Estudos Avançados* 11(29), 7-36. **Dossiê Nordeste I**. São Paulo, v. 11 n. 29, 1997.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1) (165-196).
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, 4º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRASIL. Instituto de Pesquisas Economia Aplicada. O mapa da fome: subsídio à formulação de uma política de segurança alimentar. In: PELLIANO, Anna Maria (coord.). Brasília, **IPEA**, março, 1993.
- BRASIL, Ministério da Agricultura, pecuária e abastecimento (MDA). Perfil Territorial: Caparaó-ES. Brasília, **Ministério do desenvolvimento agrário**, 2015. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_026_Capara%C3%83%C2%B3%20-ES.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- BRASIL. Ministério Público Federal. **Crimes da Ditadura Militar: 2ª** Câmara de coordenação e revisão, série relatórios de atuação. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr2/publicacoes/roteiro-atuacoes/005_17_crimes_da_ditadura_militar_digital_paginas_unicas.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- BRASIL, Portaria Ministerial nº310, de 29 de maio de 1995. **Ministério do Exército**. Disponível em: <http://dsm.dgp.eb.mil.br/phocadownload/Legislacao/Identificacao/Portarias/Ministerio_da_Defesa/portaria%20n%20310%20de%2029%20de%20maio%20de%201995.pdf> Acesso em: 07 mar. 2019.
- CAPARAÓ. Direção de Flavio Frederico. São Paulo: Kinoscópio, 2006, DVD (77 min.).
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano V. Machado. São Paulo: Liberdade & Unesp, 2001.
- CIRILLO, José; BELO, Marcela; CELANTE, Ciliane. **Atenção Arte: imaginabilidade e legibilidade como estratégia de pertencimento da Arte Pública e das intervenções urbanas**. Vitória: UFES Proex, 2. ed. 2018.
- DALLABRIDA, V.R.; BECKER, D.F. Dinâmica territorial do desenvolvimento. In: **Governo do Estado do Espírito Santo - Folclore**. Disponível em: <<https://www.es.gov.br/cultura/folclore>>. Acesso: 06 jul. 2016.
- DE DUVE, Thierry. Quando a forma se transformou em atitude - e além. In: FERREIRA, Glória; VENÂNCIO FILHO, Paulo (Org). **Revista Arte e Ensaios**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da EBA-UFRJ, ano X, nº 10, 2003.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2. ed. 1995.
- FLUSSER, Vilém. Texto/Imagem enquanto Dinâmica do Ocidente. In: **Caderno RioArte**, ano II, nº 5, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4. ed. 2002.

GUIMARÃES, Plínio Ferreira. **Caparaó, a lembrança do medo: a memória dos moradores da região da Serra do Caparaó sobre o primeiro movimento de luta armada contra a ditadura militar – a guerrilha do Caparaó**. Juiz de Fora: UFJF, 2006. 205f. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

KOSUTH, Joseph. “Arte Depois da Filosofia”. In: FERREIRA, Glória. (org). **Escritos de artistas: Anos 60/70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MENDONÇA, Maíra. Rota Imperial completa 200 anos de história no Espírito Santo. **Tv Gazeta**, Vitória, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2016/02/rota-imperial-completa-200-anos-de-historia-no-es.html>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

MOUFFE, Chantal. Por una política de identidad democrática. In: **Prácticas artísticas y democracia agonística**. Barcelona: MACBA/UAB, 2007.

NASCIMENTO. Bruno Rafael Machado. A Ditadura Militar e o ensino de História: uma relação conflituosa. **UNIFAP**; Macapá, v. 6, n. 3, p. 29-39, set./dez. 2016.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. História, imprensa e a construção da realidade durante o regime militar no Brasil (1964/1985). **Albuquerque: revista de História**, Campo Grande, MS, v. 6 n. 11 p. 35-64, jan./jun. 2014.

PLATÃO. **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol5, Nº 10,1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>> Acesso em: 20 jul. 2016.p. 201-205.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.103-130.

RANCIÈRE, Jacques. Políticas estéticas. In: **Sobre políticas estéticas**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

READ, Herbert. **A Arte de Agora Agora: Uma introdução à teoria de pintura e escultura moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

RIEGL, Alois. **El Culto Moderno a los Monumentos**. Barcelona: Visor, 1987.

SILVA, Suely Braga da. 50 anos em 5: o plano de metas. **CPDOC. FGV**, 2017. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/PlanodeMetas>. Acesso em: 10 ago. 2017.

SILVEIRA, Marise da. **Escolas, ensino de História e identidades em tempos de Ditadura Militar**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 318 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Toca da Guerrilha do Caparaó é encontrada em distrito de Iúna. **A Gazeta**, 2019. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/gv/toca-da-guerrilha-do-caparao-e-encontrada-em-distrito-de-iuna-0919>>. Acesso em: 09set.2019.

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: O golpe contra as reformas e a democracia. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, p.13-28 – 2004.

TOLEDO, Caio Navarro de. Teses revisionistas sobre 1964: democracia e golpismo. In: VALLE, Maria Ribeiro do (org.). **1964 – 2014: Golpe Militar, História, Memória e Direitos Humanos**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2014, p.27-39.

ENTREVISTAS:

Cecília Fernandes Rodrigues. Irupi-ES, 17 de setembro de 2019

Francisco A. Lemos Faleiro. Ibitirama –ES, 17 de setembro de 2019.

Geovane Gonçalves. Irupi-ES, 17 de setembro de 2019.

Isalém Angelo V. Silva, Irupi-ES, 17 de setembro

José Ribeiro Sobrinho. Ibatiba-ES, 27 de novembro de 2018.

Sandra Emerick. Irupi-ES, 17 de setembro de 2019

Valdécio José da Costa. Irupi-ES, 27 de novembro de 2018.

ANEXO

ANEXO I – ENTREVISTA COM JOSÉ RIBEIRO SOBRINHO

FICHA DE TRANSCRIÇÃO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Título: MVI_2849 - Entrevista com José Ribeiro Sobrinho (Área do artista) | Data da entrevista: 27/11/2018 |
| Local: Residência de José Ribeiro Sobrinho – Ibatiba. | Duração do áudio: 00:07:25 |
| Entrevistadora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Entrevistado/profissão: José Ribeiro Sobrinho (Artista) | |
| Transcritora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Identificação: G - Gabriela Ferreira Lucio J - José Ribeiro Sobrinho | |
| <p>J - Meu nome é José Ribeiro Sobrinho, tenho 51 anos, sou nascido aqui na cidade de Ibatiba. Em 31 de outubro de 1967. Tenho 4 (quatro) filhos, sou casado e sou autodidata. Comecei a trabalhar com desenhos aos 4... 5 anos. E comecei com esculturas fazendo em barro, mais ou menos nos anos 80, início dos anos 80. E de lá eu passei para a madeira, fiz muitos artesanatos, resinas, durepóxi, e depois passei para resina e fibra, fibra sintética, fibra de vidro com resina epóxi. Mas já fiz também alguns trabalhos em bronze, já fiz em pedra, né? Mas hoje o mais fácil e mais barato é a fibra de vidro.</p> <p>G - E... Para colocar assim... Na questão do surgimento do interesse do trabalho do artista. Como que o senhor começou a se ver como um artista? De fato, assim...</p> <p>J - Olha, isso tudo surgiu naturalmente, né? Foi começando fazer uma coisa, fazer outra... Aí as pessoas foram buscando, aí eu vi. Eu também nunca fui, nunca fui daquela pessoa que a pessoa chegar pra mim com uma coisa se eu sabia fazer, eu nunca fui daquele que falava “não, eu não sei fazer”. Às vezes eu nunca tinha pegado para fazer, né? Mas eu não dava resposta eu falava “não, eu não sei fazer”. Eu pegava e começava, quebrava a cabeça e dava conta, entendeu? Assim <i>surgiu</i> as técnicas, muitas técnicas, muitas coisas eu criei, eu não vi muitas pessoas fazer, né? Igual a alguns trabalhos que eu já mencionei a você, bordado em jornal, né? Bordado em jornal e usando vários produtos, igual a objetos, latinha de cervejas, latinhas de refrigerantes, e... garrafas e diversos produtos que hoje se usa, eu uso eles e foram</p> | |

embutidos na escultura porque elas se tornam uma cápsula do tempo, né? Daqui a não sei quantos anos, alguém quebrar, se alguma escultura quebrar e eles tiverem que restaurar, eles vão olhar lá dentro e vão olhar jornais de hoje, né? Jornais completos com histórias do que estava se passando hoje. Revistas de época, e... Até mesmo alguns panfletos de lojas, né? E mais um papel que vai falando sobre a minha vida e vai falando meu nome... Então, isso é uma cápsula do tempo, são as minhas esculturas.

G - E como o senhor percebe o interesse das pessoas pelo trabalho artístico? No sentido das pessoas, para poder entender qual é a importância da arte para as pessoas? O senhor consegue ter uma ideia, assim, se existe esse interesse ou como o senhor percebe esse interesse no trabalho artístico? Ou seja, tanto do governo, quanto da comunidade... Enfim.

J - Gostar de artes todo mundo gosta, todo mundo acha bonito, às vezes, todo mundo incentiva, mas nem tudo da pra gente fazer de graça, né? Muitas coisas a gente faz, mas nem tudo da pra fazer. E com isso, às vezes, os artistas se *vê* desmotivado, né? Porque leis federais existem, algumas estaduais até, algumas municipais. Mas aqui para nós não existe uma lei municipal de incentivo à cultura, né? Nas leis federais como a gente *vê*, muito desse dinheiro que deveria ir para muitas daqueles que estão começando, que precisa de incentivo, na verdade iam para as mãos de pessoas que não precisavam. Muitas dessas obras, às vezes, não era grande coisa nada, né? Era mais para a lavagem de dinheiro mesmo, né? Ficava com o dinheiro e pronto. E com isso muitos artistas foram se decepcionando, né? Abandonando e a tecnologia também foram avançando e deixando os artistas de lado, né?

G - Pra você qual a importância da arte na sua vida? Enquanto profissional, pra você assim...

J - A Arte pra mim é tudo porque a arte é uma parte de mim, né? Por que hoje, por exemplo, quando umas pessoas *pega* pintura ou uma escultura antiga, eles não falam da escultura, eles falam “Oh, isso aqui é um Michelangelo! Oh, Isso aqui é um Picasso”. Eles não falam da obra, eles falam do criador da obra, então quisera eu também, um dia, daqui a um não sei quantos anos, quando eles verem alguma obra dessa, eles lembrarem “Oh, essa daqui foi o José Ribeiro que fez!”, entendeu? Pra gente também perpetuar na história, porque a gente é passageiro, mas as obras da gente ficam.

G - E como que é a sua relação com a comunidade?

J - A minha relação com a comunidade é boa, graças a deus, aqui praticamente todo mundo me conhece, E... Eu vivo aqui a vida toda, por muito pouco tempo que eu saí, mas voltei rápido. Sempre, mais ou menos, por aqui mesmo. Então em toda a região, tenho trabalho feito em várias partes: São Paulo, Rio (RJ)... Tem trabalho meu na Argentina, trabalho em todo o

Estado, né? Em vários municípios. É... Às vezes a gente não é, reconhecidamente, né? Mas obras a gente têm bastante, né? Tem bastante obras.

G - O senhor tem obras na região aqui que te orgulham?

J - Na verdade tem esse monumento aos tropeiros, que é um marco, gostei muito de trabalhar. Embora, não fui eu que fiz o trabalho inicial, fui eu que restaurei e refiz, na verdade, eu refiz aquela obra porque ela estava bem deteriorada, não veio na qualidade que deveria. Eu refiz ela todinha, de forma a garantir um tempo bem suportável pra ela. Com certeza da forma como ela está hoje... Porque com 4 (quatro) anos ela foi restaurada 3 (três vezes). E agora eu tenho certeza que depois que eu fiz, ela no mínimo deve ficar, a menos tirando a pintura, né? Ela vai ficar no mínimo uns 10 (dez) a 15 (quinze) anos sem precisar de refazer novamente. Isso aí é garantido.

G - E tem mais alguma aqui na comunidade?

J - Na comunidade, aqui, eu tenho onças, que eu fiz, tenho alguns animais. É... Tenho algumas esculturas de jardim, né? Tem muitas pinturas, né? Muitas pinturas e tem também lá na Gruta São Quirino, já fomos lá e vimos também. Então são algumas obras que me orgulho, tem alguns bustos de pessoas que eu já fiz, né?

G - E o senhor já comentou um pouco de toda essa questão da dificuldade de exercer esse trabalho artístico, de artistas, pelos meios. Aí seria uma pergunta bem específica pra isso. Aí se o senhor quiser reforçar a questão falta de incentivo, porque a pergunta em si seria quais são as dificuldades encontradas no exercício do trabalho artístico? E o senhor já comentou isso numa outra pergunta.

J - A dificuldade é justamente essa que a gente estava falando porque às vezes eles preferem dar valor a outras pessoas de fora, às vezes nem conhecem o trabalho dele, mas preferem dar valor as pessoas do lado de fora do que do próprio lugar e, sabendo que quando a gente é daqui, quando a gente é do lugar, a gente faz uma coisa de forma de perpetuar naquela arte. Então, eu não tenho interesse nenhum por dinheiro, dinheiro é uma coisa que vai e passa, né? Mas eu não, eu tinha o maior interesse em fazer obra, não só somente aqui, em Ibatiba, mas também em qualquer parte do Estado, e de outros estados onde possam vir... Convocar ou convidar a fazer uma obra, Eu tenho o maior interesse em também fazer o melhor possível, fazer não uma obra pra mim restaurar dentro de 2 (dois), 3 (três) a anos, não! Eu quero uma coisa que quanto mais tempo demorar pra mim é melhor, porque é o meu nome que vai tá ali. Então eu não tenho interesse em fazer simplesmente por ganância e por dinheiro. “Ah, eu vou fazer isso aqui uma porcaria, porque daqui há alguns dias restaura, aí me chama de novo...”

Então eu não me interesso por isso não! Entendeu?

G - Entendi. A questão da história, do reconhecimento do artista pra você tem muita importância. E qual artista? O senhor citou Michelangelo, Picasso, e qual artista brasileiro ou local que seja uma inspiração para o senhor? E o por quê? Ou pelo uso de materiais, não sei. Qual artista que te motivou e te inspirou?

J - Falando em nomes eu não sei, não me recordo... tem esse que fez ali que foi... que me chamou atenção para aquela obra, o Juliano. Mas ele me mostrou também o lado feio do artista, que é a ganância, por dinheiro de querer fazer as coisas de qualquer maneira. Eu conheço muitos, mas por nomes assim, chegar e falar “Ah...” eu não lembro, eu conheço um monte.

FICHA DE TRANSCRIÇÃO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Título: MVI_2850 - Entrevista com José Ribeiro Sobrinho (As esculturas dos guerrilheiros) | Data da entrevista: 27/11/2018 |
| Local: Residência de José Ribeiro Sobrinho – Ibatiba. | Duração do áudio: 00:06:12 |
| Entrevistadora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Entrevistado/profissão: José Ribeiro Sobrinho (Artista) | |
| Transcritora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Identificação: G - Gabriela Ferreira Lucio J - José Ribeiro Sobrinho | |
| <p>G - O que motivou a criação dessas esculturas? Houve um patrocinador? Ou ela foi por intenção própria, como que surgiu? Foi uma obra demandada (encomenda)? Como que surgiu?</p> <p>J - Essa obra foi encomendada pela Prefeitura de Irupi, pela Secretaria de Turismo. E eles queriam resgatar a história, né? Justamente numa época em que estavam se falando sobre a guerrilha que o... Como é mesmo o nome daquele cara que escreveu o livro, eu esqueci o nome dele⁵⁰. Ele escreveu o livro sobre a guerrilha do Caparaó, aí eles quiseram pegar esse momento e também apresentar, isso porque Irupi foi palco dessa guerrilha, e lá nessa Gruta</p> | |

⁵⁰ O autor referido é José Caldas da Costa, que em 2007 lançou o livro *Caparaó a Primeira Guerrilha Contra a Ditadura*.

São Quirino foi justamente onde eles escolheram para se refugiar. Onde eles ficavam a espreita lá, né? Guardavam seus negócios e, vigiavam o tempo todo. Então eles interessaram em fazer duas esculturas de dois guerrilheiros, embora, talvez, a gente não saiba quantos passaram por lá, né? Mas ficaram registrados duas esculturas mostrando que eles passaram por lá, né? Que eles usaram aquele momento. E essas esculturas eu fiz também em fibra resinada, por dentro foram “*encimentadas*” com ferragem até para ficar fixadas no local *aonde* elas estão. Porém a mão humana, onde ela põe a mão, o ser humano destrói. Então nós encontramos algumas lá, você viu da forma que precisa de restauração porque o ser humano... Tiraram ela do lugar, quebraram alguma parte e a gente precisa restaurar aquelas.... É... Então não foi uma iniciativa minha, mas eles perguntaram se eu fazia, e eu falei “faço” e aí eu comecei e mostrei como ficou, eles gostaram...

G - E uma escultura humana assim, já tinha feito, ou só dos animais?

J - Não. Na verdade eu só tinha feito meio corpo, tinha feito pequenininha.

G - E teve dificuldade? Assim de tentar produzir e tudo...

J - Não, não... Não tive não.

G - Foi um processo tranquilo. Além das fotos que eu já vi do processo de criação, tem outros registros sobre... É... Desenhos imaginando como ficaria, ou uma possível proposta...

J - Não, não. Registro eu não tenho não. Eu fiz assim, mostrando eles mais ou menos o que poderia ser feito. Mas foi só uma coisa momentânea, mesmo. Depois ele (prefeitura) falou “eu confio na sua capacidade o que você fizer, se a gente gostar aprova”, aí eles gostaram e aprovaram.

G - E por que o ano de 2013 foi escolhido, assim, agora já entendendo que foi encomendada pela prefeitura, né? Mas por que o senhor acha que, justamente, nesse ano de 2013. Por que, assim, quando eu tive acesso e analisando o contexto histórico da época, como o senhor também falou que eles estavam procurando essas referências históricas do Caparaó... Mas eu já tinha entendido, no sentido do movimento político, essa divisão do Brasil, assim, essa polarização já estava, começou a acontecer mesmo em 2013. Tem alguma relação com isso, ou seria só uma questão mesmo desse resgate histórico para a prefeitura.

J - Eu acho que foi mais sobre resgate histórico mesmo. Até mesmo porque é onde eu tô te falando, surgiu, surgiu na verdade com essa história do livro, né? Surgiu com a história do livro, eles viram que lá foi palco disso e tal. E depois também, nesses anos de 2012, 2013 foi onde fizeram a abertura da estrada da Rota Imperial, embora ela exista há dois séculos atrás,

né? Mas foi justamente agora que com o projeto do governo do Estado, né? Que eles refizerem e fizeram a rota. E eles (Prefeitura de Irupi) querendo ganhar um pouco no turismo, em cima disso, mostrar as suas atratividades, né? Então eu, eu acho que foi mais pegando esse sentido, esse gancho dessa época aí.

G - Ótimo. A questão agora é sobre essa composição, a gente até conversou um pouco na gruta, a escolha dessas posições, a escolha dos tipos de vestimenta. E... Inspiração sobre algum personagem histórico ou não, para compor essas duas esculturas.

J - Eu quando vou fazer alguma coisa, primeiro eu pesquiso, né? Aí eu pesquisei, eles, por exemplo, falaram assim “Ah, você faz as esculturas de dois homens, revolucionários”, aí depois eu vi fotos, eu acho que essas fotos eu até tenho aqui no livro, fotos daqueles guerrilheiros de como eles se vestiam. E eles se vestiam mais ou menos como os policiais cubanos, era um boné, verde oliva, cor de verde oliva, um blusão também, uma camisa de tecido grosso, mais ou menos. E uma calça, mais ou menos, preta, né? Aí eu tentei jogar justamente nisso. E a fisionomia daqueles personagens eu também inspirei naqueles caras, barbudo, né? E coisa e tal... Aí eu fiz dessa forma.

G - E a questão da posição? Porque tem uma que tá no primeiro plano e tem uma outra. A escolha do local, da posição ali dos guerrilheiros...

J - Olha lá tinha... tem, né? Tem, mas antes quando eu cheguei lá, pra visitar a gruta, pra *mim* saber de que forma eu iria fazer essas esculturas, eu vi que tinha um fogão, né? Eu falei, se tinha um fogão, então a forma como eles ficavam para cozinhar, ou fazer alguma coisa era... Deveria estar mais ou menos na posição de cócoras, aí eu fiz ele um pouco agachado na posição de um pouco de cócoras, né? Esse ficava lá cozinhando. Mas enquanto um ficava lá cozinhando, o outro ficava vigiando a entrada da gruta, né? E esse que ficava de vigia sempre ficava com a arma, né? Aí eu busquei o melhor momento da forma, eu fui lá e sentei a posição, como ficava mais ou menos, né? Eu sentei e falei “Nessa posição fica boa, né?”. E fui moldando ele de acordo com o...

G - E até por que a primeira imagem dá a noção de poder ali... Não só a questão da arma, mas o olhar dele diferente do outro que estava olhando pra baixo...

J - Eu, por exemplo, eu não fiz ele lá no lugar, entendeu? Eu fiz ele aqui em casa, eu só pintei ela no lugar porque tive que chumbar e fazer aqueles negócios... Aí eu pintei ela lá no lugar, mas eu levei ela praticamente pronta daqui.

G - Mas o espaço que já era conhecido... Ok... É... Em relação ao local, isso já está bem óbvio, a questão do próprio esconderijo e tudo, aí a mensagem de colocar exatamente ali além

de fazer esse resgate, né? Da história... que foi um local efetivo de esconderijo desses guerrilheiros... Como que foi pensado ali uma acessibilidade, qual seria o público que seria atraído ali, foi feita alguma elaboração sobre isso?

J - A Prefeitura de Irupi fez, aí eles fizeram... “não que isso aqui vai ser...” Gente já *iam* lá antes, né? Como você viu nas fotos, pessoas já iam lá, aí eles falaram “com certeza que depois desse momento vai ter mais...”

G - Vai ter uma pedalada ecológica...

J - É... E passaram justamente nessa época que passaram a fazer a *pedalagem*, a pedalada, né? A pedalada ecológica passando pela gruta, então quando eles passam por lá, eles param lá e vão na gruta, entendeu? Então tem tudo isso aí...

G - E... Para a comunidade, houve alguns questionamentos sobre as esculturas, você foi questionado sobre essas esculturas? “Ah, por que você fez guerrilheiros?” Assim, por gente da comunidade, num geral...

J - Não, Não.

G - Não houve questionamento nenhum em relação a isso, você não sentiu... Não?

J - Não.

G - Beleza. Deixa eu ver aqui... Você conhece alguém que teve relação direta com a Guerrilha do Caparaó? Existem moradores ao redor que vivenciaram esse fato? É... Indicações para futuras entrevistas, né? Foi o que a gente já começou hoje no primeiro dia...

J - Uma hora eu tava te falando que o que teve diretamente eu conheci, mas já faleceu, né? Que era daqui (Ibatiba), Mas ele era um policial, ele era um cabo, **Cabo Marfote**. Ele pertencia a companhia de Manhumirim. Então ele foi o responsável por ter prendido o pessoal da... o pessoal dos guerrilheiros. Então eu conheço hoje conheço o filho dele, conheço duas filhas que podem contar essa história, né? Que eles também... Inclusive quando eu falei que eu tinha feito isso, isso, mais aquilo, aí eu ele mandou uma mensagem para mim, falando que tinha conversado com a irmã dele justamente sobre isso. Então com certeza eles têm histórias sobre os pais, o pai dele passavam pra ele e tal...

G - Bacana. Precisa de muita ajudar pra compor, né? E... Pra você, assim, a questão da Guerrilha do Caparaó, quais são as suas impressões sobra a comunidade em geral, hoje. E ela tem uma memória sobre isso, se é um tema de orgulho, se é um tema que incomoda... O que te passa sobre esse tema sobre essa comunidade.

J - Olha... Na verdade, eles escolheram o Caparaó pela... Por ser uma montanha muito alta, né? E por ser muito parecida com a forma dele, como foi colocado, muito parecida com a mesma, a mesma região lá de Cuba, de quando eles fizeram a revolução cubana, né? De quando eles tomaram o poder. Só que eles não conheciam direito a região (Caparaó), porque lá em Cuba só existia uma entrada. Então, quem *tava* lá em cima, né? Quem *tava* preparando a vigília lá... O pessoal que fosse chegar tinha que passar por aquele ponto, então eles eram alvejados, né? É *onde* eles conseguiram e tiveram êxito. Só que aqui no Pico da Bandeira, na região do Caparaó, além de ser uma região maior, né? Uma região maior... Ela tem muitas entradas, né? Entradas e saídas, né? E... Então, quando, quando eles estavam lá em cima eles pensaram nesse ponto, que iam chegar por cá, por lá... Então...

G - O clima também...

J - O clima também. Então eles foram surpreendidos, né? E ao invés deles surpreenderem, eles foram surpreendidos.

G - Uma questão geográfica, mesmo... E a comunidade também que foi surpreendida pela presença dos guerrilheiros aqui... Quais são as suas impressões, assim, em relação àquele período e a hoje, assim, se hoje esse fato tem alguma importância? Você percebe uma importância para a comunidade ou não? Agora tem esse resgate da própria prefeitura, de exaltar, de dar foco, querendo ou não foi a primeira guerrilha rural do Brasil, então num plano nacional... E aí?

J - É, por exemplo, um dos erros que eles tiveram é que muitas pessoas, às vezes cometem esse erro também, mas da arrogância deles. Eles, por exemplo, eles chegaram numa comunidade onde era pequena, onde todo mundo cumprimentava todo mundo, porque as pessoas na roça, como você sabe, por onde passava “opa!, opa!”, cumprimentava, era bom de papo. Era difícil você ver uma pessoa, assim, que você fala “oi” que a pessoas também não *falava* “oi”, né? Não cumprimentava... Então, quando eles com pessoas estranhas, né? Pessoas estranhas que pessoas cumprimentavam e eles nada respondiam, não cumprimentavam as pessoas, as pessoas começaram a ficar, “Ah... ué? Esses caras são meio estranhos, né? Então, começaram a ver eles com outros olhos, esses caras têm alguma coisa errada com eles, né?

FICHA DE TRANSCRIÇÃO

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Título: MVI_2851 - Entrevista com José Ribeiro Sobrinho (As esculturas dos guerrilheiros) | Data da entrevista: 27/11/2018 |
| Local: Residência de José Ribeiro Sobrinho – Ibatiba. | Duração do áudio: 00:00:34 |
| Entrevistadora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Entrevistada/profissão: José Ribeiro Sobrinho (Artista) | |
| Transcritor: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Identificação: G - Gabriela Ferreira Lucio J - José Ribeiro Sobrinho | |
| <p>J - E começaram a denunciar, né? A maioria deles <i>faziam</i> compra mesmo, faziam em Guaçuí. Quando eles iam e compravam muita coisa de uma vez, era outra coisa também que eles achavam estranho, né? Um negócio meio estranho, os homens tudo mais ou menos do mesmo jeito, tudo barbudo, esquisito, com as roupas esquisitas, chega lá e compra um horror de coisa ao mesmo tempo, né? Eles começaram a desconfiar também, né? Foi onde pegaram, né? E a comunidade hoje ela, na verdade, eles ficam agradecidos, agradecidos demais da conta pela... Pelo que os policiais fizeram, porque talvez se eles não tivessem êxito, nessa... nessa luta, né? Com certeza hoje nós estaríamos numa situação bem complicada, né?</p> | |

FICHA DE TRANSCRIÇÃO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Título: MVI_2852 - Entrevista com José Ribeiro Sobrinho (Relação da guerrilha com a comunidade) | Data da entrevista: 27/11/2018 |
| Local: Residência de José Ribeiro Sobrinho – Ibatiba. | Duração do áudio: 00:04:14 |
| Entrevistadora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Entrevistado/profissão: José Ribeiro Sobrinho (Artista) | |
| Transcritora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Identificação: G - Gabriela Ferreira Lucio J - José Ribeiro Sobrinho | |
| <p>G - O senhor se lembra de como os jornais trataram esse fato? Quando o senhor cresceu, estava crescendo, porque o senhor nasce exatamente nesse período. De falas, de falas ali de pessoas próximas, se houve uma mídia, o jornal da época, eu nem sei dizer se tinha a</p> | |

circulação aqui... Porque eu consigo encontrar alguns que falam sobre a Guerrilha do Caparaó, a nível nacional, pelo arquivo público, tem jornais nacionais da época lá, então eu consigo pegar lá o que tem de 67 (1967) e 68 (1968) o que falava e filtrar de Caparaó. E se aqui tinha alguma coisa que falasse... Que alertasse, que só..

J - Era só de boca mesmo, os caras falavam o que tinha acontecido, “Ah, o fulano tinha morrido, tal fulano tinha sido preso, parente de tal fulano”, entendeu? Era assim... As conversas passadas de pais para filhos, de filho para o outro de amigo para amigo...

G - Ah... Não sei, aí já ficaria a nível pessoal, o senhor já ouviu falar em alguém, que ali no caso, estava ajudando os guerrilheiros ou a comunidade ficou mais na dela, justamente, por não ter essa reciprocidade como o senhor falou, né? Do não cumprimentar, de ser estranho, do que já se conhecia...

J - Do que eu saiba não tinha ninguém, na verdade, do local, entende? Ajudando, ajudando essas pessoas... Tinha gente próximo, né? Gente de Manhuaçu, de... A maioria era de Manhuaçu. Então, gente diretamente da comunidade envolvida eu não lembro que tivesse, não.

G - Tá ótimo. E isso virou um marco para a comunidade, essa região que depois tem a questão do município e tudo e tal, né? A emancipação, mas a região do que era na época de 67 (1967), houve depois dos guerrilheiros aqui, houve, foi percebida uma mudança aqui do que era antes, depois que eles foram cercados e levados e do que ficou depois, houve uma mudança em relação a isso, a comunidade passou, seguiu e enfim...

J - Ah, eu acho que... Com certeza, quando houve aquela vitória sobre aqueles homens, né? Não teve outra... Outra é... “retração” de outro grupo, né? Da mesma forma, do outro movimento... Não da mesma forma porque eles viram que como aqui eles não tiveram êxito, também poderiam não ter. Porque se eles escolheram um lugar, que foi escolhido pela cúpula deles que da forma que era feita lá, não tinha outro lugar a não ser aquele ali... E viu que ali não deu certo, outro lugar também não daria.

G - Meio que serviu de exemplo...

J - Serviu de exemplo. Eu acho que serviu de exemplo.

G - Esse que é foco que eu quero trazer também para o trabalho e já tô atualizando, abrindo já para a questão do turismo que a princípio eu não tinha pensado, mas depois que eu vi o vídeo me deu um estalo mesmo. As esculturas têm um papel de dispositivo para lembrar um fato histórico? Por quê? Qual a intenção? Aí já foi respondida a questão da prefeitura, né? Que foi

uma encomenda... Mas pra você como artista ela tem esse papel? Ela pode ser chamada de um dispositivo pra isso?

J - Pode sim. Elas são características, então mesmo que uma pessoa, uma pessoa que não conheça nada da história, né? Não sabe nada da história, se ela for lá na Gruta São Quirino, né? Chega lá e encontra, um fuzileiro sentado numa pedra e vê um outro lá diante de um fogareiro de pedra, né? Ela vai pensar alguma coisa. “Uai, esse cara característico com a roupa assim e coisa e tal”, deve ter acontecido alguma coisa dentro dessa gruta, né? Não é possível que eles iam fazer duas esculturas assim do nada, né? Porque quando você chega num lugar que não tem nada, aí não te faz pensar tanto, mas quando já tem alguma coisa ali você já entra no clima, já sabe o porquê, né? Já tem o porquê.

G - E para finalizar. Sobre esse espaço hoje, também já foi mencionado um pouco da questão dessa valorização, desse reconhecimento. Mas pelo que foi percebido hoje, existe uma necessidade uma, não sei de uma vigilância total, mas como é um parque também, né? Existe uma necessidade de algum mecanismo pra questão de preservar, para não ter uma depredação ali das esculturas?

J - Olha, pra isso, pra prefeitura investir, por exemplo, num funcionário fixo lá, teria que ter um fluxo de turista, né? Para que isso aconteça, eles têm que investir em cima, né? Porque uma coisa busca a outra, se eles investir, né? Automaticamente terão mais pessoas, se tiver mais pessoas eles têm como investir mais, então uma coisa busca a outra.

G - Causa e consequência.

J - Igual como falou lá, eu já havia falado na mesma época que eu fiz as esculturas, que na verdade, onde eu tô falando lá se a pessoa chegar lá e não conhecer nada vai ver lá e vai pensar mais ou menos, mas uma outra coisa era fazer um relato, né? Do porquê daquilo ali, na entrada da gruta você vai ver uma placa ali, entendeu? “nesse local e coisa e tal” aí conta a história, o porquê daquilo ali, né? Então é interessante. Mas é o que tô te falando, para que não haja depredação, tem que ter uma vigilância, porque o ser humano, infelizmente, ele só serve pra depredar mesmo, em tudo que ele põe a mão... Eles vão lá, escreve o nome deles na escultura, escreve nas pedras, sujam tudo, entendeu? Então são pessoas porcalhonas mesmo. Tão lá só pra avacalhar e, achar que o nome deles ali, escrito nas esculturas é vantagem “Ah, eu tive aqui”, não é vantagem nenhuma, mostra que ele é um porcalhão.

G - E pra finalizar, não sei, se quiser criar aqui uma consideração da questão específica do turismo ou da Rota Imperial, até para ter um componente pra enriquecer o trabalho e puxar esse lado...

J - A nossa região é uma região muito bonita e pouco explorada. Tem muita água, muita beleza natural, a começar pelo Pico da Bandeira, muita mata, muita água, muita gente boa... E englobando aqui a nossa região, Ibatiba, Iúna, Irupi, Divino São Lourenço, Dolores do Rio Preto... São pessoas muito acolhedoras, né? E vale a pena vir conhecer a história da região, e visitar esses lugares, porque o nosso Estado conhece muito pouco o no Estado, né? Então muitas pessoas conhecem, vem de Vitória e conhece Venda Nova (Venda Nova do Imigrante) pra lá, outras pessoas vêm de cá e conhecem o Pico da Bandeira e esquece do entorno, né? Então tem muita coisa bonita, muita coisa que vale a pena visitar.

G - Para valorizar mais a cultura e a Arte Pública Capixaba, né? E pra gente mesmo que sofre com a visão do outro, né?

ANEXO II - ENTREVISTA COM FRANCISCO A. BLEMOS FALEIRO. EM IBITIRAMA-ES.

FICHA DE TRANSCRIÇÃO

| | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------|
| Título: 110102_001- Entrevista com Francisco A. Lemos Faleiro(Relação da guerrilha com a comunidade) | | Data da entrevista: 17/09/2019 |
| Local: Toca da Truta – Ibitirama-ES. | Duração do áudio: 00:18:00 | |
| Entrevistadora: Gabriela Ferreira Lucio | | |
| Entrevistado/profissão: Francisco A. Lemos Faleiro (Empresário - Toca da Truta) | | |
| Transcritora: Gabriela Ferreira Lucio | | |
| Identificação: G - Gabriela Ferreira Lucio J - Francisco A. Lemos Faleiro | | |
| <p>F - Não tínhamos muita informação a respeito, já não tínhamos na época. E também o assunto não foi assim... Como você busca levantar, muito propagado. Então faz parte da história que muitas coisas se perdem, né? Meu pai (Moisés Faleiro) era uma amante dessa região, da Serra do Caparaó, como era conhecido na época. Ele era um verdadeiro garimpeiro, porque ele conhecia todos os córregos da Serra do Caparaó, desde as nascentes do Pico da Bandeira nos sentidos norte, sul, leste e oeste. E praticamente andava com uma “batéia” nas costas. E como conhecedor profundo da Serra, ele foi procurado pelos guerrilheiros quando chegaram aqui. Nós morávamos em Ibitirama, e eles (guerrilheiros) foram buscando informações dele sobre a Serra. Foi nesse momento que eles se aproximaram dele e como ele (Moisés Faleiro) disse em algumas publicações que se pode identificar da época, ele passou a ser uma referência para os guerrilheiros e posteriormente para o exército</p> | | |

na ocupação. Eu tinha na época 7 (sete) anos de idade, me lembro dos soldados acampados em casa, né? Nós tínhamos um salão muito grande que funcionava uma escola do Mobral da época. Aí foram retiradas carteiras e fizeram um acampamento do exército e parte do exército ficou lá em casa.

F - Em seguida, como ele conhecia profundamente a Serra do Caparaó, ele passou a ser guia do exército na busca pelos guerrilheiros. E nessa busca ele, inclusive, comentava posteriormente que os comandantes passaram para ele um radiocomunicador e ele era quem orientava onde é que deveria ser jogado os mantimentos, porque os mantimentos para o exército eram jogados por helicópteros. Então ele passou a comandar essa distribuição. Muitas vezes o comandante fala “jogar na face norte do rio norte” e ele (Moisés Faleiro) falava “não, nós estamos muito longe. Joga para a ala de tal...”. Então são essas informações que a gente tem. De fato, minuciosamente não há mais conhecimento da história.

G - Quando os guerrilheiros procuraram pelo seu pai, você sabe qual foi a postura do seu pai em relação a isso. Se ele comprava o discurso anticomunista? A propaganda realmente para essas regiões aqui...

F - O meu pai, particularmente, não tinha informações, porque os guerrilheiros que se aproximaram não se identificavam como guerrilheiros. Eles se identificavam como pesquisadores, exploradores de ouro, né? Então, quando eles comentaram com o meu pai, isso foi o que ele nos passou também, e procuraram a ele, eles não falaram a razão da causa, o motivo.

G - Não houve uma mobilização também?

F - Não. Não houve uma mobilização. O que houve foi uma boa vontade de acomodá-los e ajudar nas pesquisas no Parque Nacional. Chegou a mencionar um roteiro que ele tinha dos jesuítas, de tesouros que eles teriam no Parque Nacional do Caparaó na época. Isso é o que eu me recordo. Posteriormente na época da chegada do exército que ele foi identificar que não se tratava de mineiros e nem de estudiosos e, sim de guerrilheiros que estavam na ocupação da Serra do Caparaó com outros objetivos. Resumidamente essa é a história que eu, particularmente, conheço.

G - O senhor já viu o documentário que é do Frederico, né? E como eu estou na Artes, e as esculturas servem pra mim como um dispositivo para começar toda essa conversa e trabalhar esse imaginário. Qual seria o seu imaginário de guerrilheiro? No sentido da estética mesmo,

da apresentação. Porque é comum ouvir que eram uns caras esquisitos, com cara fechada, muito barbudo...

F - Eu, particularmente, ainda guardo um sentimento que essa ocupação, ela buscava tomar o comando do país, de forma, que muita gente fala que foi a revolução de 1964. E na realidade não houve uma revolução em 1964, houve uma ocupação do exército, das forças armadas para evitar que entrasse aqui, que se instituísse aqui o comunismo. Essa é a minha formação é o que eu concebo.

G - E para a comunidade aqui, a comunidade local da região do Caparaó Capixaba. Você identifica a população como? Como conservadora, que tem uma certa desconfiança nisso, a questão de conhecimento, a falta de mobilização...

F - Eu vejo que a sociedade toda é pró-governo. O meu pai, por exemplo, era pró-forças armas, ele defendia as forças armadas na época, defendia o poder das forças armadas, o poder do governo brasileiro que foi ocupado pelo exército brasileiro. E a sociedade geral como tal eu vejo que é dessa forma também.

G - Sim. Então essa comunidade do Caparaó Capixaba...

F - Sim. Seria dessa forma.

G - Uma comunidade conservadora que teria um pé atrás com esses discursos...

F - Em relação ao comunismo.

G - Sim. Em relação ao comunismo. Sobre a questão do turismo local. Como o senhor analisa nessa região a estrutura, incentivo... Por parte do órgão público ou pela comunidade mesmo de desenvolver algo.

F - Nós temos um grande problema na região ainda, que é a questão cultural. Nós temos uma sociedade muito humilde, muito simples, uma sociedade que... Como é que a gente poderia caracterizar, as pessoas são muito simples, baixo nível cultural. Isso acaba implicando um pouco nesse desenvolvimento. Falta um pouco de empreendedorismo para essas comunidades. Uma coisa que tem começado agora, por exemplo, esse meu investimento que eu comecei aqui é uma investimento que eu comecei em 1990 na realidade. Comecei em

1990, com a visão de desenvolvimento da região e em 1992 comecei a construir o projeto. Não existia estrada, não existia nenhuma infraestrutura, né? Desde aquela época eu busquei fazer em todas as construções que existiam fazer plantamento de esgoto, construção de fossas sépticas. E até hoje, depois de 27 anos a gente ainda vê a cidade jogando dejetos no rio, então isso é uma coisa que perturba muito a gente. E para a população local muito pouca gente se incomoda com isso. Se a sociedade se manifestasse de forma pró-ativa nós já poderíamos ter uma melhor condição na área de saneamento, de esgoto, que tem ligação direto na questão da saúde. Os três pilares de desenvolvimento, que tanto se fala em desenvolvimento sustentável, na realidade, se nós não temos educação, não temos saúde e não temos segurança você não pode falar de desenvolvimento sustentável. Isso é os três pilares do desenvolvimento. Hoje eu vejo a sociedade muito refém do poder público, ela toma muito pouca iniciativa para poder se desenvolver. E o turismo acaba ficando retraído também com isso. Aí quando, por exemplo, não se faz melhorias em infraestruturas que são básicas, seja ela na questão do tratamento de esgoto né? Seja ela na condição de malha ferroviária, comunicação e por aí a fora. O turismo acaba enfrentando e tendo resistências porque são coisas básicas que ele acaba não encontrando no local.

G - Então as ações sem mexer nos pilares, como o senhor nomeou aqui, não teriam efeito porque o turismo precisa também dessas condições.

F - Com certeza. Ele está sendo desenvolvido, mas que em passos muito lentos, ele já poderia ter sido alcançado já de forma mais efetiva, caso nós tivéssemos tido uma sociedade mais rica culturalmente, mais bem informada, com exigência daqueles imposta que a gente paga, tributários que a gente paga para o governo e não tem nada em troca nessas três áreas básicas do desenvolvimento econômico, social...

G - Correto. Por exemplo, eu fiz um pequeno questionário para tentar identificar mesmo, pois é uma região que aparece na TV, pessoas vêm de fora para conhecer, mas se limitam a essa questão da subida, do passeio ecológico e tudo. E o que acontece... A própria comunidade aqui, que o senhor também comentou, eu consegui identificar um pouco... O que eu fui percebendo numa leitura rápida ali, eu começo perguntando sobre algumas obras aqui, se tem conhecimento, muitos colocam que não mas conseguem identificar que tem esculturas de guerrilheiros na gruta, mas eles não entendem aquilo como obra de arte. Então a gente já parte daí, como uma obra ou uma produção que tem um por quê de estar ali. E na sequência quando eu pergunto sobre a guerrilha do Caparaó, pouquíssimos responderam. Então eles não têm essa noção. Isso eu peguei das escolas, com alunos do 9º que, teoricamente, são iniciados

sobre os assuntos da ditadura militar no Brasil, parte das oligarquias para frente. E alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio que subentende que já tiveram esse conhecimento. Eu fiquei um pouco impressionada com essa falta de conhecimento mesmo da região. E não só isso, na UFES mesmo, eu sou formada em História, eu não conhecia Araçatuba, que foi a maior fazenda do litoral brasileiro. Então, isso incomoda. A educação tem um papel fundamental nisso, como o turismo, a arte... de trazer, ressaltar e trazer algo para a sociedade.

F - Então, eu fiquei surpreso com essas obras que estão aí em Irupi, porque eu não tinha conhecimento e a gente tá aqui do lado de uma coisa tão importante, de belíssimas obras... inclusive, eu vou buscar conhecer, visitar e procurar conversar com as pessoas de Irupi. Isso aí faz parte da nossa história... É uma pena que as escolas, a sociedade não tenham essas informações, que isso seja inclusive inserido dentro da grade escolar.

G - Uma parceria entre a Secretaria de Cultura e Turismo com a educação. Como que você vai mobilizar se não é nem trabalhado, né?

F - Então eu vejo que o turismo vai crescer muito no Caparaó por causa das riquezas e belezas naturais, né? É uma pena que ainda esteja dessa forma. A Estrada Parque que circula todo esse perímetro, uma face leste do maciço do Caparaó, que é do Espírito Santo. Para você vê, nós temos 80% do parque no Espírito Santo. O Pico da Bandeira, dentre os três mais altos do Brasil é o único acessível e está na região sudeste, que é onde se concentra a maior população, de renda mais rica do país. Então nós temos ainda uma estrutura muito pobre em relação a esse maciço do Caparaó, ao Pico da Bandeira. Nós precisaríamos ter uma estrada de acesso, nós deveríamos ter maiores investimentos aqui na região. Mas isso também passa pela questão cultural, de educação pública que é o que você tá falando, e que precisa ser melhorado, elevado esse nível para que a gente possa receber melhor esse turista.

G - E o indivíduo também entender que ele pode participar ativamente, mulheres com compotas, que é o “agro” que fala, né? O agroturismo nesse sentido, uma forma de ter uma renda e fazer uma promoção também, tanto dos recursos daqui...

F - Tem sido feito, mas de forma ainda muito inicial, deveria ter...

G - A questão da estrada...

F - A estrada é fundamental, a comunicação, a eletrificação rural de qualidade. Nós, por

exemplo, estamos aqui no fim de linha, temos uma rede monofásica, todo início de estação chuvosa temos problemas sérios de queda de (inaudível). É toda em estrutura que nós temos que depende não só de nós como sociedade, mas os recursos públicos para melhorar a estrutura e trazer o turista não só do estado, mas do país e de fora do país também.

G - Agora sobre uma questão de arte, de manifestação... O senhor conhece algum artista por aqui da comunidade? Não só daqui, pode ser da região também...

F - Olha que eu conheça, não. Essas obras de Irupi foram uma surpresa, nós temos algo relacionado ao artesanato. Obras maiores não.

ANEXO III – ENTREVISTA COM MEMBROS DA COMUNIDADE DE IRUPI-ES (CENTRO COMUNITÁRIO)

FICHA DE TRANSCRIÇÃO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Título: Entrevista com membros da comunidade de Irupi. | Data da entrevista: 17/09/2019 |
| Local: Centro de Convivência de Irupi – ES. | Duração do áudio: 01:17:00 |
| Entrevistadora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Entrevistado/profissão: Cecília Fernandes Rodrigues (poetisa), Geovane Gonçalves Autônomo/artesão), Isalém Angelo V. Silva (professor) e Sandra Emerick (não informado). | |
| Transcritora: Gabriela Ferreira Lucio | |
| Identificação: Ga - Gabriela Ferreira Lucio C - Cecília Fernandes Rodrigues Ge - Geovane Gonçalves I - Isalém Angelo V. Silva S - Sandra Emerick. | |
| S - Deveria ter feito uma coisa muito além do que fez, mas uma coisa puxou a outra. Porque na verdade, as pessoas que vão lá, eles não entendem o que são aqueles dois bonecos lá. O que eu penso que devia numa pedra ser contada um pouco da história, para que as pessoas pudessem saber o significado daqueles dois soldados ali. E as pessoas não sabem. Então, assim, aconteceu de uma forma muito rápida, foi uma correria para fazer aqueles bonecos, aí | |

descobrimos esse rapaz (José Ribeiro Sobrinho) em Ibatiba. Foi muito difícil para gente construir, para que pudesse no dia da festa explicar um pouco dessa história que o povo daqui não a conhece. Ouve falar, mas ouve falar de uma forma muito vaga. E o Isalem foi muito além, em Santa Cruz, por exemplo teve um quartel, com a história dessa guerrilha, dessa coisa toda que eles se esconderam ali e coisa e tal. Mas aquilo ali (esculturas dos guerrilheiros) ficou assim sem uma construção final, que seria uma história ali dentro da gruta, para que as pessoas pudessem entender o que significa aqueles dois soldado ali. Então isso falhou, porque primeiro eles precisavam de ter uma lugar para se informar, um *folder*, para se informar onde fica a gruta e já ter um contexto histórico, mesmo que resumido, para que quando chegasse lá dentro já ter alguma coisa para servi-lo. O que não estivesse no *folder* poderia ser colocado lá. Então assim, eu ficava encantada de ver o contato, porque eu também não tinha o conhecimento, entendeu? E as crianças também. Ele (Isalem) colocou uma TV lá para eles terem o contato.

I - Tem uma coisa interessante, que isso aconteceu num contexto muito maior que foi a festa da cidade, com um desfile... que as nossas ações que estavam na pasta da cultura da época. O turismo era uma coisa mais a parte, mas que acabava respondendo também. Então isso aqui foi uma pequena ação a parte para se trabalhar um pouco do turismo aqui, seja um projeto cultural artístico, mas a finalidade inicial foi turística mesmo. Mas uma das coisas mais interessantes que eu achei, acho que o Brasil todo tem essa pegada do turismo religioso. Isso é uma coisa que eu nunca gostei muito e que nunca foi a uma aptidão ao meu gosto. Da Bahia a norte e sul do Brasil. Aqui na cidade ao lado nós temos também, Água Santa... E eu sempre escutava essa coisa de “a Gruta de São Quirino”, então automaticamente eu ligava a essa questão do turismo religioso, alguma ligação esse santo tinha (risos)... E não tinha! E depois a gente conversando, né? Aí veio o motivo da gruta se chamar “Gruta de São Quirino” é porque está localizada no córrego de São Quirino. Aí começando a conversar sobre isso, o Valdécio que é entusiasta dessa gruta, acho que ele é apaixonado, um amante daquela trilha, já levou vários grupos de visitação... Aí veio essa história dos guerrilheiros, do possível abrigo ocasional, dessas pessoas que teriam utilizado para mapear toda essa área do Caparaó como é de conhecimento. Mas isso tudo é como a Sandra falou, é uma coisa vaga, uma história oral. Quando eu não me lembro de quem decidiu trabalhar isso, de onde surgiu “vamos trabalhar com isso aqui com o turismo”, se foi da senhora (Sandra) ou se foi do próprio prefeito...

S - Na verdade assim, a gente tem que falar a verdade que os prefeitos, assim, eles não dão muito apoio ao turismo, o turismo é uma pasta muito aquém do que a gente gostaria, nós não temos muitos pontos, mas nós temos atrativos. Então assim a gente espera que o prefeito

atual, que ele se envolva nisso, porque na verdade o município perde, pois o município tem potencial, porém não há um investimento... Muitos dizem “ah, eles ficam dependendo de prefeitura”, mas algumas coisas precisam da prefeitura que ajude, entendeu? Igual essa questão da gruta, ela precisa ser limpa, ela precisa ser cuidada, então isso depende da coisa pública. E também precisa ser trabalhado isso na própria escola para que as crianças levem para casa o que eles aprenderem ali, entendeu? Ela (Cecília) é uma poetiza aqui do nosso lugar e a nossa história está dentro de todos os livros dela. Se você quiser conhecer a história de Irupi é só ler os livros dela. Ela fala de pessoas, de coisas e eu sempre questionei isso, porque os livros dela tinham que ser trabalhados nas escolas, para que as crianças pudessem conhecer a nossa história, e levar para casa esse conhecimento. A mesma coisa acontece com o turismo, quando você fala sobre a guerrilha, o pai quando for visitar já tem o conhecimento porque ele foi informado pelo filho que aprendeu na escola. O trabalho eu falo que foi válido e ele também é paralelo, não é um trabalho centrado, entendeu? Então a gente espera... Um dia desses eu falei com a Luci, a Luci é muito comunicativa e eu falei com ela que “você está no lugar errado, você tinha que estar dentro do museu, pra você contar a história ali, e dali partir a orientação para esses lugares que irupi tem de bonito, porque tem muito lugar bonito aqui. Então se ela estivesse num lugar desse, talvez o município ganharia mais. Pois tem que ter o ponto de partida. Ninguém vai sair daqui e ir lá na gruta sem saber de nada, só ir lá por ir? Tudo tem que ter um contexto.

Ga - Então o Museu do Zé já entrou com essa finalidade?

S - Entrou com fotos, né?

I - Nessa tentativa aqui primeiro foi... Tinha um espaço lá na frente onde tinha a festa (do Município), o Geovane montou uma casa do artesanato, com pés de cafés que eram expostos, tinha também o museu, tinha aquela exposição fotográfica, os *folders* e no espaço da festa tinha um carro que nós alugamos e tinham uns alunos que eram monitores. Nós fazíamos pequenas visitas na gruta levando grupos de turismo. Esse era o ideal, mas não foi bem assim que aconteceu. Foram visitas bem esporádicas. Mas enfim, quando a gruta foi decidida como o foco do turismo, embora não era o foco da nossa secretaria, começou a discussão do que a gente iria fazer... tivemos várias ideias, tinha um pessoal que queria fazer uma exposição fotográfica permanente, tinha ideia de fechar a gruta, de climatizar a gruta, tinha ideia que envolvia o santo também, eu me lembro, mas não lembro quem que falava de um buraco ligando a religião, eu falei não tem nada a ver! A gruta tem uma história linda, a história é fantástica! Isso é narrado oralmente, só que deu medo na gente porque nós não temos muito

conhecimento. Até que entrou o José Caldas (autor) na história que deu mais força da gente pegar o telefone e falar “Caldas, aqui na nossa região nós estamos no entorno, você falou aqui na página tal que guerrilheiros eram vistos com frequência, na região de Iúna, nossa região pertencia a Iúna”, ele falou “conheço a região”, aí nós falamos “então se você autorizar, se você respaldar, eu vou usar o seu nome para gente embarcar nisso aí”. Ele (José Caldas) disse “pode fazer, já falei com várias pessoas, isso é comum”, foi aí que a gente tomou força e colocou esses bonecos aí para tentar criar algo palpável e dar uma materialização do que seriam esses guerrilheiros.

Ga - Na minha pesquisa interessa muito esse espaço de fala da comunidade também. Na fala em que você diz “eu preciso respaldar”, vou usar o historiador e tudo, ok! Mas a parte da comunidade também esse “eu ouvi meu avô”, eu consigo entender o plano de que a que ponto seja no sentido de “venda”, como um *marketing* para atrair, mas ao mesmo tempo nessa ressignificação da memória também. Por exemplo, a gente estava falando da escola de trabalhar, eu fiz um questionário com as escolas Bernardo Horta e Eny Leal Machado, né? Então eu peguei turmas do 9º ano e o ensino médio inteiro. O 9º ano porque teoricamente já começa a estudar a História do Brasil, as oligarquias e tudo, ok! E chega um momento também que você tem ditadura militar. Acredito que os meninos não chegaram nessa fase ali ainda. Sobre o Caparaó eu ampliei sobre o que você entende sobre obra de arte aqui em Irupi, aí começaram começaram como um não, nas respostas ali...Aí eu perguntei se conhecem a Gruta de São Quirino e a resposta foi sim, perguntei se sabiam da existência de esculturas e a resposta foi não. Aí vou textualizando um pouco e pergunto se já houve falar sobre a Guerrilha do Caparaó, de quem? O que você ouviu? Nessa hora travou.

S - Mas é isso Gabriela que eu tô te falando, a gruta ela foi muito visitada por alunos, mas eles e nem os professores tiveram o interesse de saber um pouco sobre aquela história. Então quer dizer, eles conhecem a gruta, conhecem os bonecos, mas não conhecem a história. Por que faltou na verdade comunicação para que as crianças pudessem ter esse conhecimento da história.

Ga - Um projeto, uma parceria com a secretaria de cultura...

S - Na verdade a falha foi nossa. A gente assume isso que a falha foi nossa, que talvez o Isalem com o trabalho dele, o Geovane com o trabalho dele... Da gente ir as escolas para gente contar essas histórias para os alunos. Nós pudíamos, talvez, ter tirado um tempo para fazer isso, mas infelizmente a gente não fez e isso acabou de certa forma não havendo um

conhecimento dos fatos, do que aconteceu naquele lugar. Eu acho que faltou a gente fazer isso.

Ge - Na verdade a gente não teve muita abertura com o gestor, com o prefeito digamos assim, uma abertura para chegar até lá.

Ga - Isso em 2013?

S - Não ao longo...

Ge - Na reta final eu saí de lá em agosto, fui exonerado em agosto, a gente conseguiu fazer a reabertura do trajeto, contruir um estacionamento, mas nesse meio tempo que as máquinas estavam lá trabalhando, a gente melhorou muito, a gente colocou a sinalização que não tinha lá, que era pior para chegar... Por exemplo, a primeira vez que eu fui lá eu me perdi... Mas o que aconteceu? Não houve uma briga entre vereador, houve uma guerra interna que a gente não entende muito bem que tiraram as máquinas sem concluir o trajeto. Mas melhorou bastante, a gente deu um passo que seria muito positivo, mas por um discussão interna entre secretários e vereadores, aí dificultou um pouco essa conclusão desse projeto. E a gente tá aberto a retomar por fora, porque por dentro a gente teve resistência. Então a gente tá tentando fazer um trabalho pela parceria do prefeito, da prefeitura, mas um desenvolvimento sustentável independente do poder público para que aquilo não seja desfeito em quatro e quatro anos.

S - Eu acho que hoje, a Cecília tá aqui, ela pode ser uma grande ajuda nesse aspecto porque ela pode conhecendo um pouco a história transformar essa história em poesia e, poesia é uma coisa agradável de se trabalhar. E as poesias dela são quartetos e sempre rimas que são fáceis da criança assimilar e são poesias muito boas.

C - Mas já ficou bem claro que ano que se deu isso (guerrilha)? Essa invasão ou suposta invasão?

Ga - 1966 e 1967.

C - Eu sei que prenderam alguém aqui de suspeito. Você lembra do Bernonni da Esther, pois é prenderam o Bernonni, ele era um suspeito de ser um informante, entendeu? Por que não era daqui, ele morava aqui em Irupí, ele trabalhava com couro, ele vazia sela, cinto...

S - Eu lembro.

C - Você lembra? Ele foi preso, tinha uma barba grande e um aspecto muito esquisito. Ele foi preso.

Ga - Essa parte da estética do guerrilheiro também era um “cara muito esquisito”, “ah, minha avó contava aí que era um pessoal esquisito de cara fechada, um pessoal que não queria conversar”.

I - Inclusive, quando eu e o “Ribeiro” (José Ribeiro Sobrinho), a gente ficava conversando sobre isso “vamos fazer algo despojado, com uma roupa do campo...”, aí ele “não, mas isso aqui é inspirado na guerrilha. Vamos fazer soldados”. Então faz (risos), foi uma coisa meio (risos)...

Ga - Esse movimento de se esconder... Eles eram foragidos, muito foram demitidos, eram ex-sargentos. Assim, se você quer passar despercebido você não vai usar toda essa estética para não ser percebido.

I - Na verdade, não tem como não falar desse assunto e não lembrar de roupa, do legado, do movimento de Fidel Castro, Che Guevara, Sierra Maestra e esse imaginário. Então, quando fala de guerrilheiros as pessoas sempre vão fazer essa associação.

Ge - Você chegou a ver esse painel de fotografias que estavam situadas no museu?

Ga - Então o Isalém falou comigo...

Ge - Tinha um painel grande de MDF e lá tinham várias fotografias colocadas e tinham fotos dos soldados, nas serras, de repente aquele acervo te ajude... tem que procurar a Secretaria de Cultura, porque o Museu do Zé era lá na Secretaria de Cultura.

I - Aquilo ali era o que a dona Sandra falou, foi a nossa tentativa de fazer o ponto de apoio ao turismo, para contextualizar o turista nessa história de guerrilha, porque não adianta ir pra lá sem o contexto histórico. E funcionou até relativamente... Acho que isso é uma coisa que está em construção, o passo foi dado. Essa coisa do Brasil da gente colocar o setor público como refém, como responsável por todas as ações, acho que não é bem por aí... Eu acho que eu falei não era o nosso foco na época, nós estávamos envolvidos com algo muito maior, com a

festa, com o desfile muito maior. Mas foi um semente muito bem plantada, eu vejo isso hoje, ao passar de 6 (seis) anos, as pessoas me param e perguntam se não vai reformar, ou seja, se a população tá cobrando é porque eles abraçaram.

S - Isso sem conhecer, imagina se conhecer! (risos).

Ge - A gente acredita que hoje, em média aí uns 70% do povo irupiense não conhece a gruta. Acho que é por aí.

C - Eu mesma nunca fui.

Ge - Às vezes você pergunta “já foi na gruta? Não, mas tenho vontade de ir”...

Ga - Eu pensei nas fotos por isso. Eu tive uma dificuldade enorme de subir, tinha chovido antes, eu fui de tênis, eu escurreguei quase umas três vezes... aí eu comecei a pensar no acesso para outros, né? Quando eu cheguei eu ainda tive uma sorte muito grande, eu já comentei com o Isalém, pois essa imagem aqui (indicação) no dia como tem essas frestas aqui, elas promovem uma iluminação natural que lógico foi pensada ali. Mas a questão da continuidade, o passo foi dado, a questão da preservação ali, encontrei garrafas de cerveja, cigarros e outras coisas...

Ge - Para ser “vendida” como Gruta de São Quirino” precisa de uma fachada, uma limpeza lá, uma reforma nesses bonecos...

S - E outra coisa? A gente precisa preparar a cidade, porque não adianta você querer fazer turismo só com o espaço lá. A cidade que conhecer o lugar, tem que saber sobre o lugar. Eu achei até interessante, um dia chegou uma mulher lá e até um homem e parece que ela ficou até envergonhada, porque ela chegou lá na cultura (secretaria) bem prepotente e disse assim: “onde tem uma cafeteria aqui em Irupi?”, aí eu falei assim “não, não tem uma cafeteria” e ela falou “o quê? Um lugar que é produtor de café não tem uma cafeteria?” Aí eu falei “não, não tem, mas quem sabe alguém abra a mente pra isso?”. Então o turista ele chega e ele tá perdido, como a população está. Então primeiro é um trabalho que tem que ser feito de reunir o comércio, reunir na câmara, sabe? E trabalhar isso com a população. Aqui nós temos várias cachoeiras, por exemplo, um dia um comerciante falou que não tem um *folder* aqui... tem gente que chega aqui e pergunta onde é...

Ga - A questão do nome Irupi que significa cachoeira cristalina...

S - Sim. Então a pessoa não sabe informar. Eu acho que o passo tem sido dado, não de agora, não do governo passado, já há bastante tempo e as coisas vêm acontecendo, porém de forma muito lenta. Acho que hoje Irupi poderia receber turistas e ganhar dinheiro com o turismo. Aqui nós temos muito artesãos e eu falo com elas que lá no trevo de Santa Cruz, leve esse crochê, coloque um varal, pendure o crochê, coloque umas cadeiras... O turista vai passar, ele vai comprar e não vai te dever, ele vai te pagar na hora. Mas eles têm medo. Assim, o potencial é grande, a gente tem muita gente aqui que sabe fazer muita coisa, ele mesmo (Geovane) trabalha com o material do café, a maioria das coisas que tem lá foi ele que fez, o trabalho artesanal com o café, quer dizer artesanato. Todo mundo fica encantado com as coisas que ele faz, mas aqui não tem um lugar para ele expor esse trabalho dele. Irupi não conhece, a maioria do pessoal não conhece o trabalho dele, porque não tem um lugar pra ele expor esse trabalho.

Ge - Nós temos projetos aqui que ficaram muito tempo na gaveta, agora eu tenho a cafeteria ali agora e exponho o artesanato. Eu trabalho até dezembro sem parar no artesanato, inclusive hoje tem gente montando um bar lá em Santa Clara, então a tarde eu já tenho que ir lá e medir o balcão, pois ela quer um balcão igual aquele ali (da cafeteria dele) pra ela. Então a cafeteria já foi a minha vitrine para expor.

S - E foi só o balcão, tem muita coisa que você faz.

Ge - Então, eu no período que estava trabalhando com a dona Sandra, eu fiz dois acompanhamentos ali de pessoas que queriam visitar a Gruta de São Quirino e considerei histórico até, porque uma pessoa não tinha condição física de chegar lá, era uma senhora de idade já e gorda. Eu tive que dar um auxílio pra ela, mas ela conseguiu chegar e ficou maravilhada. E o outro era até um artesão aqui que mudou para Dores do Rio Preto, que é o senhor Antônio dos Reis, que é conhecido como Preto...

Ga - E eles gostaram muito?

Ge - Eles gostaram muito, inclusive eles não são daqui e na época não tinha sinalização e precisava na época de um guia para levar eles. Eu estava por acaso passando pela gruta e encontrei com eles... Aí eles acompanharam a gente, eu tive que auxiliar a senhora que já era de idade e foi difícil. E outra visita que pra mim foi um destaque foi próprio Antônio dos Reis

porque ele é deficiente, sofreu um acidente e perdeu uma perna. Então ele de muleta disse “será que a gente vai conseguir” eu disse se você tem vontade de conhecer você vai conseguir... era o meu parceiro porque a gente fazia arte no mesmo galpão. Na época da dona Sandra, eu trabalhava junto e tinha um galpão que guardava esses carros alegóricos e esses carros ficavam guardados nesse galpão. Aí através delas foi cedido um espaço e a gente trabalhava nesse galpão com material reciclável de ferragem, as mesas, cadeiras e coroas de morto e tal... Aí eu consegui auxiliar a ele, a gente chegou lá e ele ficou maravilhado de ter conhecido a gruta. Então o acesso era muito ruim para a gente chegar a gruta, a gente conseguiu chegar, mas com muita dificuldade. A gente começou um trabalho, mas a gente não teve chance lá dentro da gestão para terminar o trabalho, mas com esse curso que nós estamos fazendo agora pelo Sebrae a gente sabe que vai conseguir porque a gente não tá mais sozinho. Nós já paramos de falar “meu município” e falamos “nossa região”. Aí de fato que as coisas têm que acontecer, porque não é só um setor que vai trabalhar, é entrelaçado três setores, que é gestão pública, a sociedade civil e a representação da sociedade organizada que são os líderes de associações. Então a gente acha que esses três setores trabalhando em sintonia a gente vai conseguir alavancar, porque se você deixar só para o poder pública cada um vai defender a bandeira do seu município, mas ninguém é forte sozinho. Quando reúne os três setores, reúne uma região, a nossa região, você sabe que para você conseguir ser reconhecido, você precisa falar bem do seu município vizinho, porque os municípios estão entrelaçados... Iúna, por exemplo, tem partes de áreas turísticas de Iúna que você tem que passar por Irupi, então não tem como eu só vou falar de Irupi, porque senão a gente não vai chegar a lugar nenhum... Então esse curso chegou com uma força e vai nos dar uma direção diferente, a gente tá muito confiante...

Ga - E buscar uma autonomia, saindo da dependência do poder público, nesse sentido...

Ge - Porque a gente não vai trabalhar só o turismo, a sustentabilidade no geral...

I - Uma coisa que eu achei bem legal que a Cecília falou foi a questão dessas narrativas, de pessoas que foram vistas, gentes estranhas e tal andando pela cidade. Uma coisa legal foi quando eu comecei a conversar com mais pessoas e vi que muita gente tinha não só o desconhecimento desse assunto da gruta e dos guerrilheiros não. Eles desconheciam até o fato da própria ditadura. Eu falava assim “vô, mas isso aqui aconteceu? O senhor estava aqui. Os militares tomaram o poder, a democracia cessou...”, aí meu avô falou “aqui? Aqui não teve nada disso não” (risos). Quer dizer, ele não sabe que aconteceu a ditadura, como é que ele vai conhecer que houve um grupo contrário a ditadura. Era uma das coisas mais engraçadas. O

que me colocou com os pés no chão mesmo foi o Caldas (José Caldas) que deu aquela coragem de nós, enquanto ali representando aquela pasta na época de colocar o nome da secretaria envolvido e abrir o peito para essa história foi realmente o historiador, porque realmente a região tá dentro, eu já conversei com o pessoal, já rodei isso tudo, já pesquisei, estou muito tempo aqui com as histórias mais engraçadas. E os próprios guerrilheiros, Geovane, porque tem vários sobreviventes, né? A própria história deles não coincide (risos).

Ga - Não. Os números não batem. Eles tinham um diário e os registros não batem... Em relação a arma (quantidade), não bate em relação ao próprio número dos que estavam ali, a questão do nome também porque eles eram liderados, digamos assim, e recebiam uma quantia do Brizola...

I - Eu não sei se esse povo chegou a ir a Cuba para ter treinamento, como eu já escutei pessoas falarem, o que eu sei é que em algum momento Cuba vira as costas para esse grupo até por conta de uma questão daquele paulista, Marighella (Carlos Marighella), que tinha um movimento mais estruturado e passou a apoiar ele lá e deu as costas a eles (guerrilheiros do Caparaó) sem dinheiro, sem apoio...

Ge - Ali no museu (Museu do Zé) eu trabalhei muito tempo ali no museu e eu ouvi muitas histórias de pessoas que tinham lido o livro contando a história do Caparaó e passou um lá que contou uma história até bizarra do Brizola na época. Eu não acreditei muito, mas ele falou comigo que leu isso num livro na biblioteca do Rio de Janeiro. Nessa época da ditadura o Leonel Brizola criou uma rádio lá no Rio Grande do Sul e essa rádio falava contra a ditadura, então ele foi muito procurado, mas não achavam ele, era uma rádio clandestina. Quando descobriram ele, ele veio se esconder aqui no Caparaó.

Ga - O Leonel?

Ge - Segundo o que ele falou nesse livro, ele é até parente do “Zé Menário”, ele falou assim (risos), disse assim que na época do o Leonel estava no Caparaó escondido nesses matos, nessas montanhas aconteceu um roubo a banco em Manhumirim, então os bandidos fugiram para as montanhas, então o Leonel ficou muito pressionado com muito policiais procurando, dizem que ele se fantasiou de mulher e foi para o Uruguai e foi buscar refúgio lá.

I - Uma das histórias que eu ouvi dessas oralidades é que esse grupo aí na reta final aí... já estaria já em situação de subsistência e já estaria saqueando ali alguns agricultores, foi o que

criou até uma revolta. Os próprios agricultores que entregaram para a polícia. Mas isso tudo é história.

Ga - No livro também fala, foi uma questão de falta de preparo, nesse sentido... Apenas um era civil, os demais eram ex-sargentos, numa patente mais baixa, eles apoiaram o João Goulart. Quando os militares tentaram assumir pela primeira vez, eles (ex-sargentos) conseguiram firmar o João Goulart no poder. Quando é instituída a ditadura militar, os primeiros colocados como exemplo foram esses ex-sargentos. E aí ele (Araken) “como você é expulsado da sua organização (militar), proíbe a questão do trabalho. Eu tinha mulher e filho para alimentar”... Aí eles ficaram na clandestinidade. O movimento começa no sul, eles buscaram exílio no Uruguai, depois a segunda é no Mato Grosso, mas não tinha nem Tocantins ainda, então fazia o Maranhão e o Mato Grosso, só que eles descobriram e não deu certo. Caparaó foi a terceira tentativa e quando eles fizeram esse treinamento em Cuba, o clima, o terreno eles não contavam com isso. A época também que eles vieram aqui com muita chuva, um mês de chuva. Enfim, foi um grande despreparo nesse sentido, mas eles conseguiram transportar muita coisa. Eu tento pensar dessa forma, no sentido de uma organização o que faltou ali foi uma mobilização, porque eles vão para uma região que eles não conhecem, primeira coisa seria ter alguém dali para direcionar, mapear, fazer rodas de conversas como a gente faz aqui... “Você sabe o que é ditadura? Sabe o que é isso?”

I - Essa questão de um grupo... Isso foi um divisor de águas pra mim. Foi o primeiro grupo, o primeiro movimento que pegou em armas, um movimento armado contra a ditadura. Isso é fantástico, você ligar isso tudo a Irupí, a essa gruta... Num país como eu disse que tem tanto turismo voltado para a questão religiosa, nós ali falamos “não”. Isso é fantástico!

S - Pena ser uma coisa um pouco aquém. Precisa aprofundar mais isso e de uma certa forma divulgar para que Irupí conheça isso. Você viu a falta de conhecimento pela pesquisa que você fez na escola. Então eu acho isso ruim, porque é uma história que ela tinha que ser... igual eu falo sobre o livro da Cecília, eu vira e mexe leio e releio porque ele me remete a uma infância que foi muito legal. Porque ela fala de pessoas e de coisas que a gente lembra, né?

C - Eu falo que tem coisas que eu até não lembro, mas eu ouvia os meus pais e avós falarem “Cachoeirinha do Rio Pardo”.

S - Era o nome de Irupí. Então, a escola precisa acordar para trabalhar essa história, porque o povo que não tem história não tem identidade. Então isso precisa ser de alguma forma levado

ao conhecimento da população por intermédio da educação. Pois a educação que terá os agentes que levarão isso para casa.

Ge - Você acha que esse trabalho seu vai dar de alguma forma um retorno para nós também, porque você tá pegando várias pessoas, trocando várias ideias... Você acha que o seu estudo vai gerar um livro que vai retornar para nós.

Ga - Sim. A princípio é defender. Eu penso, por exemplo, a Secult (Secretaria de Cultura do Espírito Santo) que tem todo ano edital, eu penso em trabalhar sim em trazer e evidenciar mais para cá em Irupi, mas seria sempre nesse sentido da comunidade. Por exemplo, se vocês falam de mobilizar aqui, a dona Luci que trabalha aqui no centro de vivência... Aqui poderia ocorrer oficinas com as crianças, não necessariamente para história, mas por meio de um álbum de figurinhas identificar Irupi, esses lugares bonitos que vocês falaram seria uma contrapartida. Nisso, também a estruturação de um projeto pedagógico, eu poderia contribuir também. Com a Secult para mim o que importa é a produção e, digamos que eu tenha um montante de sei lá de dez mil livros, eles poderiam ficar aqui para atender a escola, para iniciar esse trabalho.

S - A finalidade da sua pesquisa é para o seu mestrado. Mas para nós estamos encarando de outra forma, nós estamos te ajudando e você pode estar nos ajudando também. Na verdade a gente tá refletindo uma maneira no qual nós podemos divulgar esse lugar. Como ser humano, às vezes muitas coisas ficam esquecidas e quando acontece como aconteceu isso, renasce na gente uma vontade de alguma coisa. Porque nós, eu, Isalém, Cecília, junto com a Luci conversar com o prefeito, eu até sugeri rompendo um pouco essa questão política como cidadã e como cidadão.

L - Sandra quando eu ouvi essa conversa e falei com Isalém, eu liguei para o Edimilson, só que ele tá lá em Vitória, fala com o pessoal que eu estou fora, que eu gostaria de estar aí, queria conversar... Eu liguei para ele. E aqui abriu um leque de ideias e seria bom se ele estivesse aqui com a gente.

Ga - A história do município muito me interessa, porque para falar de quem fala eu preciso conhecer a história do lugar. Eu peguei textos, mas não da página de cultura daqui, por incrível que parece tem uma maior divulgação de fora, a questão do nome, da emancipação da Estrada Real.

Ge - Como que você achou a gente, o município.

Ga - Olha eu nem sabia que existia, vou ser bem sincera, eu já fui até Ibatiba na casa dos meus tios, então pra cá eu não conhecia mesmo. Eu conheci Irupi por meio da pesquisa.

I - Quando a gente começou essa história de trabalhar a gruta, tem uma coisa que não foi por um acaso e nisso eu acho que nós fomos bem sucedidos, que é a questão do próprio comportamento social hoje. Essa cultura mais imagética, cultura mais fotográfica... Como se não fotografasse não fosse visto, não fosse vivido, esse mundo das redes sociais que tem que registrar tudo a todo o momento. Essa escolha e a posição desses bonecos foi um pouco pensado em explorar esse atual momento que nós vivemos. Essa sociedade da imagem, esse mundo que ta sendo retrato infinitamente. Exploramos cultura aqui a gente vai conseguir atingir esse público é grande. É diferente de outras propostas que nós tivemos no início como as fotografias, a questão da gruta virar um salão... Coisas interessantes também, mas como era a proposta inicial também que era voltada para o turismo as esculturas vinham muito a calhar e vieram. Isso viralizou assim, embora eu tenha escutado o amigo (Geovane) falar que tantos porcentos nunca foram, mas eu aposto que 90% sabem que lá existem dois bonecos (risos).

I - Talvez você possa estar achando um clima mais hostil, mas nós aqui que fomos criados na montanha, a primeira vez que eu levei um amigo ele falou “você já pensou em criar um acesso mais *off road*? Aí eu pensei mais do que esse? (risos). E ele até propôs coisas na beirada da mata..

Ga - Até para estimular um tipo de turismo também, não sei se ali passaria bicicletas também...

I - Até um certo ponto daria... Então não é a escultura como obra de arte, mas a obra em si.

Ga - É como um dispositivo. Eu pego as esculturas e analiso como um dispositivo eu teria várias perspectivas. Eu comecei com um olhar político, porque a minha primeira associação foi.. Poxa, em 2013, com a polarização política, guerrilheiros, mas não foi a população que denunciou? As esculturas dos guerrilheiros representam o quê?

I - Eu acho que no ponto de vista da comunidade, assim como na época, muito mais na época é óbvio, não tinha nenhum viés político de apoio ou rejeição, acho que a participação foi de

forma natural, isso estava acontecendo paralelo a vida cotidiana das pessoas. Eu acredito pelas coisas que eu já escutei até hoje, que esse partidarismo, essa representação da causa, da democracia, da própria ditadura... eu acho que as pessoas que estavam não estavam participando nesse viés ideológico.

Ga - E quando vocês passam isso para as gerações seguintes... o que vocês percebem aqui na comunidade? Porque para o Francisco ele identifica a região do Caparaó, num geral, é claro que eu não estou pegando essa fala e colocando como verdade. Mas como vocês identificam a região do Caparaó? Mais conservadora? Que abraça outras causas? Que tem um enfrentamento? Por exemplo, ela é ativa politicamente no se sentido de cobranças do poder público? Enfim...

I - Ela é participativa sim. Todo mundo aqui tem os seus ideais, acompanha bastante o trabalho do setor público, tem uma diversidade política. Atualmente, quer dizer já faz muito tempo foi dividido em dois grupos, cada um muito participativo, com suas ideologias, cada um com a sua. E esse governo que ficou muito tempo na rotatividade, de um grupo e de outro, convive de forma harmônica, mas acho que toda a cidade é muito participativa politicamente.

L - Aqui é assim, né Isalém? As pessoas têm muitas ideias, mas não “bota” em prática. Se um põe em prática todo mundo incentiva. Isso eu percebo aqui, não é verdade? As vezes eles não tomam a iniciativa, mas quando tomam a iniciativa...

I - É um povo participativo. Pelo que eu conversei eu achava que as pessoas bem dispersas e não cria uma identificação (esculturas de guerrilheiros). O que eu entendi foi que quando esses guerrilheiros passaram a não se sustentar e começaram os assaltos, foi quando gerou esse ponto de vista aí (a favor da ditadura). Que poderiam tá apoiando ou não..

Ga - Porque a questão da estética se reparar, da aparência... se pega uma comunidade que é mais conservadora, não no sentido político necessariamente, mas todo mundo aqui já se conhece, quem vem de fora pode ser visto como um forasteiro, até criar um vínculo de confiança... eu tenho vizinhos, eu moro há 27 anos no mesmo prédio e se chegar morador novo ali eu fico um ano sem saber...

I - Ela tá perguntando como a gente recebe esse pessoa de fora?

S - As pessoas vem para o lugar e aqui eles moram, abrem comércio... Então acaba que Irupi adotando, eles ficam como filhos adotivos e são homenageados como cidadãos. Na verdade fizeram do lugar o seu lugar. E como é um lugar pequeno você rapidamente se torna conhecido. Você por exemplo pode chegar no Valdécio e perguntar onde mora a Sandra? Ele vai falar a Sandra mora ali...

Ga - Eu percebi isso.

I - Mas tem até hoje essa distinção do nativo, tem gente que fala “eu vou demorar porque eu tô com gente de fora aqui”. Faz parte, tem essa distinção do nativo aqui, mas são receptivos.